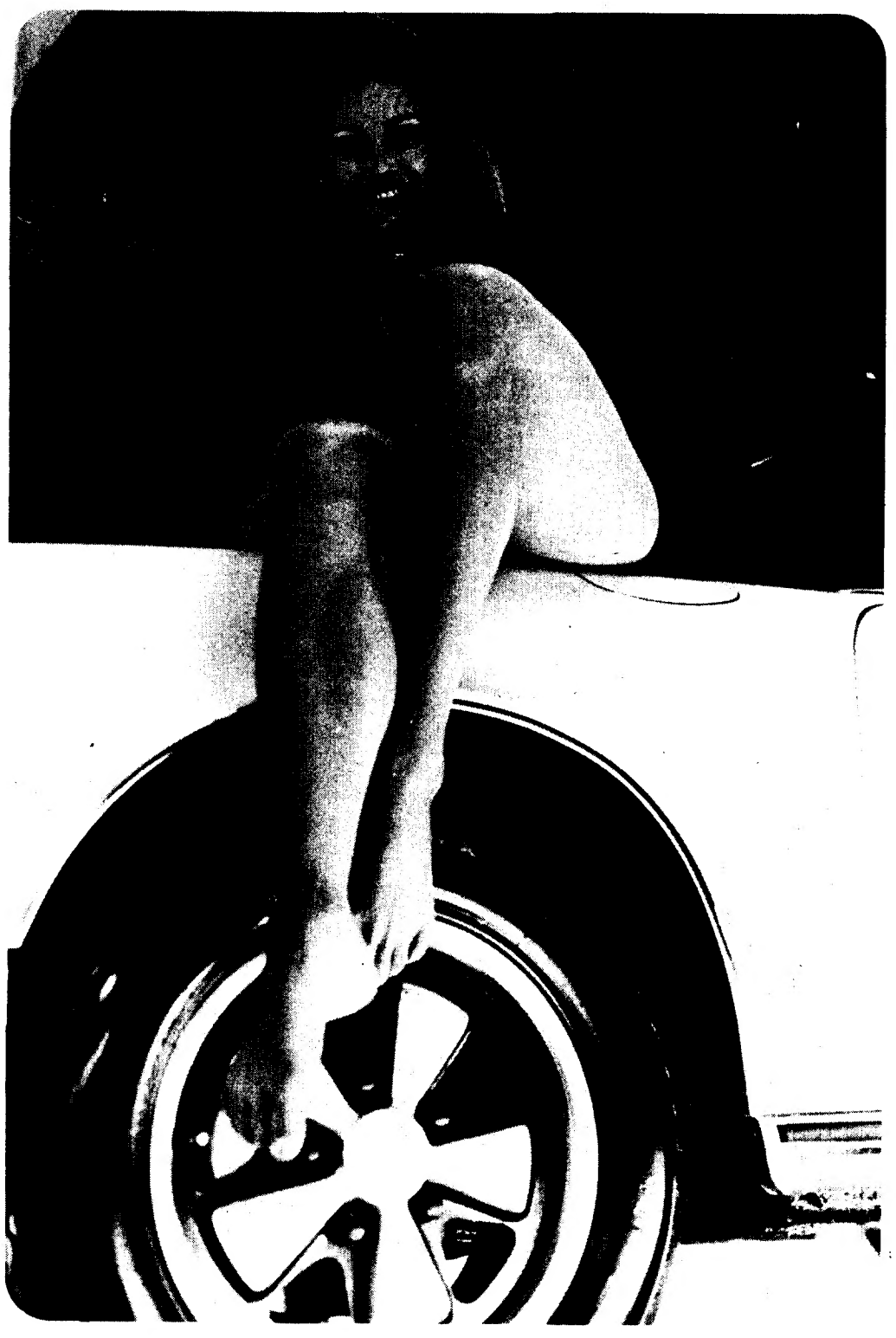
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 24 DE OUTUBRO DE 1971 N.º 17 543 - ANO 51.º - PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO



Eles morreram à sede

Fugindo a um quotidiano cada vez mais massificado e monótono, automobilistas com o gosto da aventura redescobrem sobre quatro rodas a emoção de atravessar a branca e ardente extensão do Sahará, onde as estradas convencionais deram lugar às pistas muitas vezes impraticáveis para quem não sabe também o seu bom bocado de mecânica. Mas o maior deserto do mundo continua a ser uma armadilha e ainda recentemente matou à sede três viajantes franceses que se perderam naquela terrível solidão quase desprovida de sinais.

(Ler nas páginas interiores)

NA PÁGINA 15

Maria Judite de Carvalho

Oferece às leitoras um excerto de uma novela em preparação

A MOSCA
Agora «pica» ao domingo
nas pag. 7 a 10

HOJE 32 PÁGINAS visado pela censura

Chama-se «Ma Griffe» («Minha Garra»), como o conhecido perfume parisiense, este recentíssimo modelo de Carven em musselina estampada verde e ouro. Na pág. 19 há, entretanto, muitas outras informações de interesse para as nossas leitoras

SALÕES de carros vedetas de outono

Outono é mês de salões: PARIS e LONDRES-são capitais efémeras da moda automóvel, montras da Europa para todo o Mundo. O «Diário de Lisboa» apresenta, nas páginas centrais, uma reportagem do seu enviado especial José Vieira, aos SALÃO AUTOMÓVEL DE PARIS e ao MOTOR SWOW de LONDRES.

PINO DONAGGIO: Do violino em Veneza à vitória no rio

E a Pino Donaggio que vamos passar a palavra para que fale da sua música, das suas ambições e da sua vida em geral., antes porém convém adiantar alguma coisa sobre os seus trabalhos mais conhecidos. Há algum tempo Pino Donnagio participou no Festival de Veneza com uma das suas melhores canções «Concerto per Venezie» é ainda autor dum tema conhecido internacionalmente, «Io che non vivo», que na sua versão inglesa interpretada por Elvis Presley vendeu mais de um milhão de discos.

«Quando eu tinha 9 anos, comecei muito timidamente a tocar violino na Academia de música de Veneza a qual alguns anos mais tarde me conferiu o diploma de executante de violino. Aos desasseis anos parti para Milão com a viola debaixo do braço, ali eu não conhecia ninguém e ninguém me conhecia eu era magro e pálido e a minha única bagagem era uma mão-cheia de pautas musicais e algumas notas sobre as minhas canções. Em 1958 apresentei-me nas «Edizioni Courci» que editavam por essa altura Modugno e o seu êxito do festival de San Remo «Volare». Toquei as minhas canções ao piano e verifiquei com espanto que a reacção era favorável. Em consequência disso assinei contrato com a referida editora à qual aliás me encontro ainda vinculado.

- Qual foi o seu primeiro sucesso no mercado do disco? perguntámos.

- A minha primeira canção de sucesso foi «Ho Paura» posteriormente gravada por Mina. Outras canções atingiram entretanto os lucimeiros das tabelas. «Pera Matura» foi uma dessas canções. Descobri por essa altura a minha linha certa de composição.

- Que importância teve para si a estreia no Festival de San Remo em 1961?

- Teve a importância que os grandes êxitos têm sempre na vida das pessoas, de tal modo que em 1963 eu estava de novo nesse festival, desta vez com um sucesso ainda maior. Este foi o ano de «Giovanne Giovanne». Em 1964 seguiu-se na mesma linha «Motivo d'amore». Em 1966 criou-se ainda nesse festival uma desagradável situação de empate com Claudio Villa por causa de «Una casa en cima al mondo». Já em 1968 apresentei uma outra canção «Le solite cose» que inexplicàvelmente obteve muito maior sucesso no estrangeiro do que em Itália.

Por último em 1969 voltei a apresentar-me em San Remo com uma canção que alguns meses mais tarde foi gravada por Sandy Shaw.

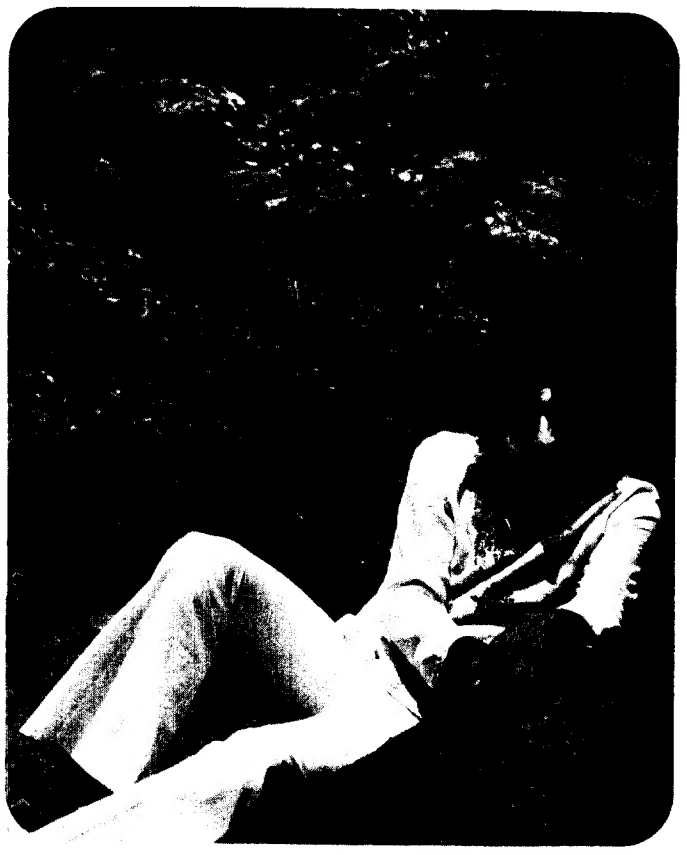
- A sua actividade profissional não o absorve excessivamente?

- Naturalmente que sim. No entanto quando tomei bem consciência disso em 1969 afastei-me quase completamente da vida musical e dediquei-me à família que me solicitava de uma atenção sempre crescente, isto passou-se por alturas do nascimento da minha segunda filha. Decidi então fazer uma digressão europeia com intuito de descobrir interpretes à altura para as minhas canções. Uma das mais agradáveis recordações da minha vida musical foi a vitória no Rio de Janeiro em 1969 com a representação italiana.

Este é Pino Donaggio, um homem corpulento e afável que gosta de coisas simples. Dá-se bem com o dinheiro e com a fama. Gosta de viajar com a família no intervalo de dois festivais e de tocar viola nos raros momentos de ócio.

Nasceu há 28 anos em Burano e vive actualmente com a família em Cannareggio nas imediações de Veneza. E segundo afirma gosta bastante de música clássica o que por enquanto não é visível na sua montanha de temas comerciais.

Hino da Eurovisão num "SINGLE"



«United», o trecho musical que Miguel Ríos gravou para servir de Hino da Eurovisão, passou agora a disco num «single» da Alvorada. Miguel Ríos projecta uma larga campanha na América Latina, prevendo actuações no Brasil, Argentina, Porto Rico, Venezuela, Colômbia, Perú e México.

* VASCO MORGADO APRESENTA *

TEATRO • tel 327493
CAPITULIO
la MAMMA
QUERIDA MAMA
Famosa comédia de ANDRE ROUSSIN
com CARLOS DUARTE
LAURA ALVES
ALDA PINTO
ANTONIO MACHADO
LUIS ALBERTO
ANTONIO RAMA
ANA LE MATTRE
CLAUDIA MARTINS
e OCTAVIO BORGES
Todas as noites, 21.45 h.
Domingo, à tarde, 16 h.
2.ªs-feiras, descanço da C.ª
10.º MÊS

TEATRO • tel 538586
VILLARET
O ANIVERSÁRIO DA TARTARUGA
de Carinei e Giovaninni
com FLORBELA QUEIRÓS • RUI DE CARVALHO
UM GRANDE BALLET INGLES dirigido por ANTONIO BARDIS
Todas as noites
2-SESSÕES-2
20.45 e 23 h.
Domingos, à tarde, 16 h.
2.ªs-feiras, descanço da C.ª
GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE
colaboração especial de PAULO RENATO
EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO
de Ray Cooney e John Chapman
TRIPIDANTE, TRIDESOPILANTE, TRIPICANTE
2.ªs. 3.ªs e 5.ªs, às 21.45 h.
6.ªs-feiras e sábados
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingos, 16 e 21.45 h.
4.ªs-feiras, descanço da C.ª
7.ª SEMANA

TEATRO • tel 555133
MONUMENTAL
CAMILO DE OLIVEIRA
ARMANDO CORTEZ • CANTO E CASTRO
LINDA SILVA • FERNANDA FRANCO
MILÚ e IRENE IZIDRO
numa peça em que a vedeta é
uma CAMA para toda a gente
3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.45 h.
6.ªs-feiras e sábados
2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos, 16 e 21.45 h.
GRUPO D (M/ 18 anos)
2.ªs-feiras, descanço da C.ª
4.º MÊS
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

BREVEMENTE NUM TEATRO DE LISBOA 4 a «QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF»?
Grupo D-18 anos

MARIA VITÓRIA
2 Sessões às 20.45 e 23 horas
(Grupo D. 18 anos)

EM TRIUNFAL 2.º MÊS!

Salvador

A REVISTA POPULAR
«Ó Zé aperta o cinto!»
com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ÂNGELA RIBEIRO, VITOR ESPADINHA e, ainda, MARIEMA e RIBEIRINHO

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

COMANDO-GERAL
1.ª Pep.

ANÚNCIO

Concurso para admissão de soldados aprendizes de música na Banda de Música da Guarda Nacional Republicana

Está aberto concurso nos termos do n.º 3.º do art.º 17.º do Decreto-Lei n.º 33 905, de 2-9-944, para preenchimento de vagas de soldados aprendizes de música, que venham a dar-se no prazo de dois anos, nos seguintes instrumentos:

- Oboé
- Fagote
- Clarinete ou Requinta
- Trombeta Cornetim ou Fliscorne
- Trombone de varas

As provas terão início em 13DEZ71

Os requerimentos dos candidatos devem dar entrada no Comando Geral da GNR - 1.ª Repartição, no Largo do Carmo - Lisboa 2, até ao dia 2 de Dezembro p.f., acompanhados: os dos indivíduos da classe civil, de certidão de idade, certificado de habilitações literárias e certidão de consentimento dos pais, feita em papel selado e reconhecida pelo notário, caso sejam menores e os militares; de nota de assentos.

Os requerimentos dos militares no activo serão entregues nas Unidades a que pertencem, que por sua vez os enviarão ao Comando-Geral da G. N. R.

A verificação de robostez dos candidatos será feita pela Junta de Saúde da GNR, a que serão submetidos nesta Guarda.

NOTA: Serão tomados em consideração os conhecimentos que os concorrentes, por acumulação, possuam de outros instrumentos.

O Chefe do Estado Maior

Angelo Ferrari
Coronel do C. E. M.

CONFERÊNCIA NO MUSEU DE ARTE ANTIGA

Entre as iniciativas tomadas, entre nós, para comemorar o 5º centenário do nascimento de Albrecht Durer, conta-se a conferência que o prof. Ludwig Grote vem proferir a Lisboa, no dia 29, pelas 18 e 30. A iniciativa deve-se ao Museu Nacional de Arte Antiga e ao Instituto Alemão de Lisboa, com o patrocínio da Embaixada da Alemanha.

A conferência do prof. Grote, naquele Museu, subordinar-se-á ao tema «O S. Jerónimo de Alberecht Durer e Portugal» e tem como tema fulcral essa maravilhosa pintura que Durer ofereceu ao feitor português da Flandres, Rui Fernandes de Almada, e que hoje pertence ao nosso primeiro Museu.

O conferencista é uma das maiores sumidades na matéria e uma das personalidades de maior destaque na vida cultural alemã.

Cartazes de Salvador Dali

A «Société Nationale des Chemins de Fer Français», com o património da Alliance Française e do Instituto Francés, promovem uma exposição de cartazes de Salvador Dali, feitos especialmente para os Caminhos de Ferro de França. A exposição abre, em Lisboa, amanhã, terça-feira, às 18 horas na rua Braancamp, n.º 13-1.º e no Instituto francês do Porto no dia seguinte, pelas 18 e 30.

concurso
a melhor
ementa turística

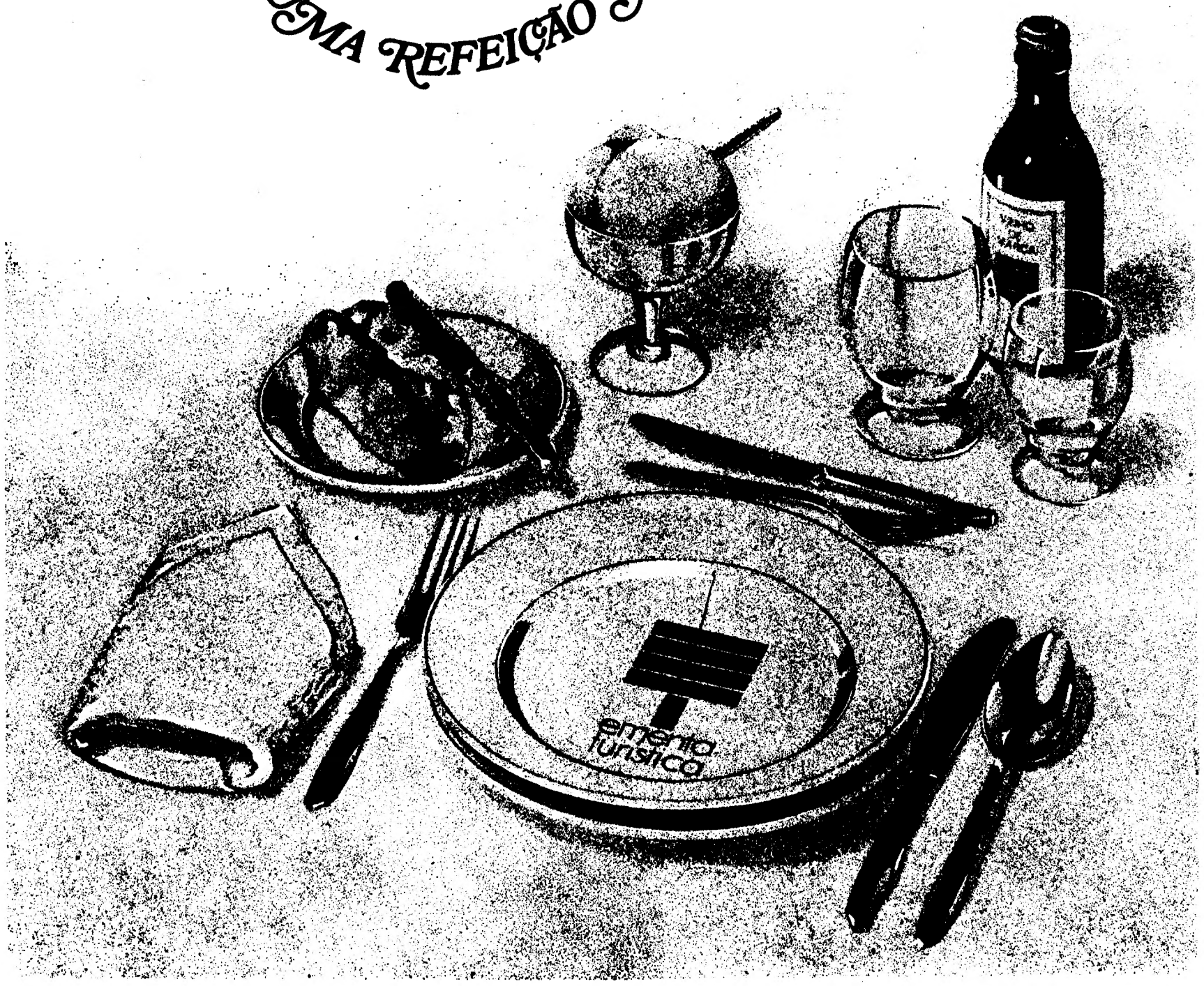
Prémios quinzenais
para os restaurantes de 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias
de LISBOA, PORTO, COIMBRA e FARO.

O JÚRI RESERVA-SE O DIREITO DE APRECIAR QUALQUER RESTAURANTE MESMO ENTRE OS NÃO INSCRITOS.
O PÚBLICO PODE COLABORAR VOTANDO COM UM SIMPLES POSTAL NO CONCURSO

A EMENTA TURÍSTICA inclui:

- 1 sopa ou acepipes
- 1 prato (ovos ou legumes, ou massas, ou peixe, ou carne)
- 1 sobremesa (queijo ou fruta, ou doce, ou gelado)
- Pão 80 gr
- Vinho de marca registada, 3 dl

UMA REFEIÇÃO A PREÇO FIXO



conarte [12]

O FRANGANOTE É FRANGO!

está pronto a ser comido

compre FRANGOS ACRAL

A sua carne não é mole.
Alimentados com rações ACRAL, sem estimulantes e sem substâncias que alterem o seu crescimento normal, garantem qualidade e paladar superiores.

Rigorosamente marcados e seleccionados com o selo de garantia ACRAL.

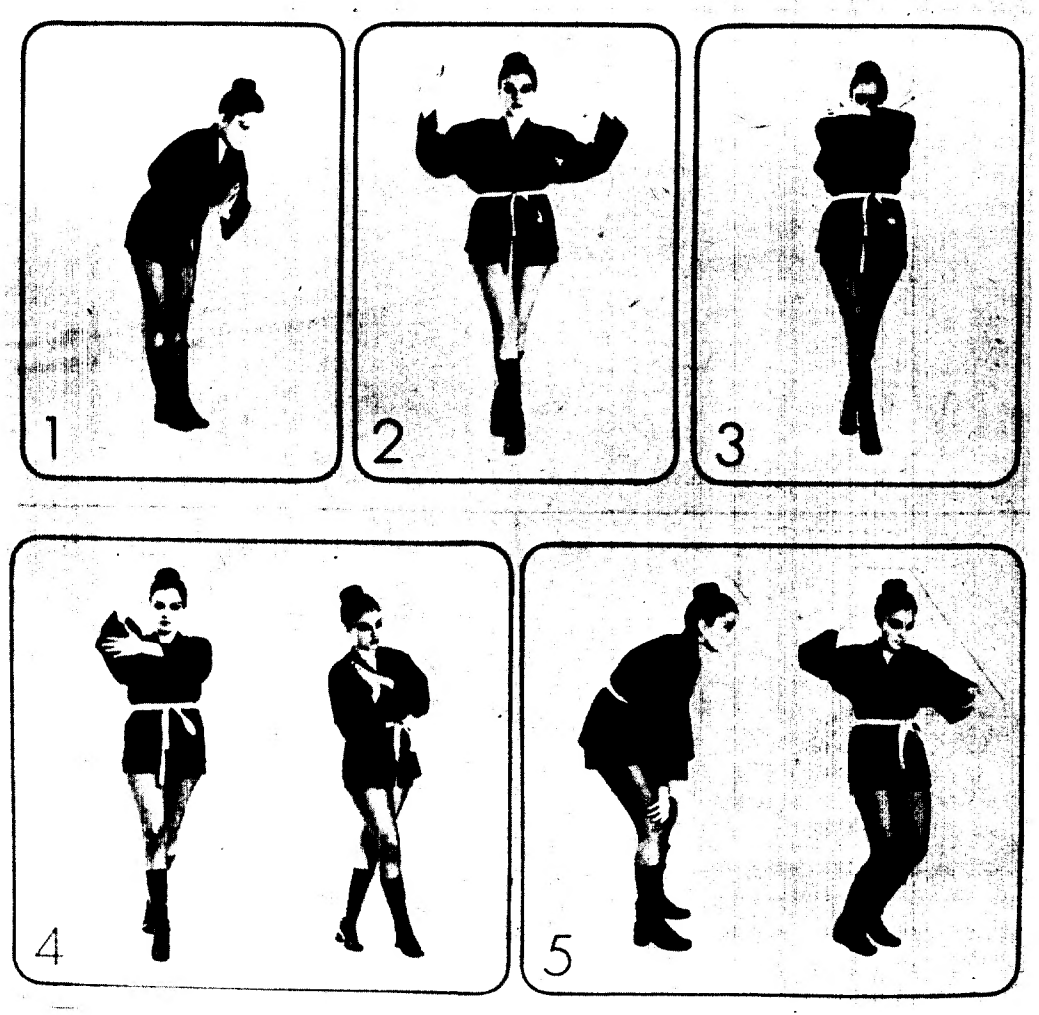
PLANO

ACRAL
é carne, é sabor

À venda em todos os bons estabelecimentos

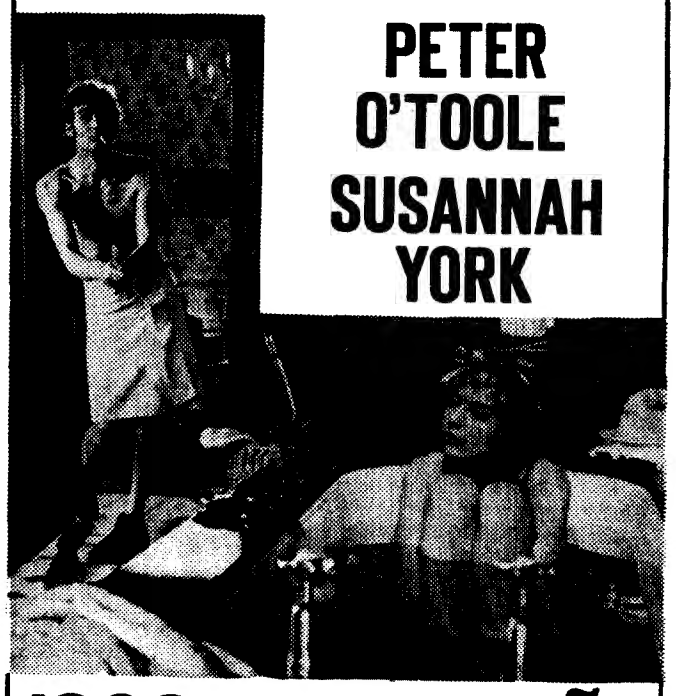
O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).



FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Nem todo o amor é maravilhoso...



PETER O'TOOLE
SUSANNAH YORK

JOGO NA ESCURIDÃO

BROTHERLY LOVE

A mesma pele, o mesmo amor!

GRUPO D Interdito a menores de 18 anos

MICHAEL CRAIG · HARRY ANDREWS · CYRIL CUSACK METROCOLOR

Argumento de JAMES KENNAWAY Produção de ROBERT EMMETT GINNA Realização de J. LEE THOMPSON Música de JOHN ADDISON

AMANHÃ, ESTREIA

CONDES às 21.45 **AVIS**

MARIA PINTO
COSTURA

Apresenta na próxima 4.ª feira dia 27 às 15.30 h.

A SUA COLECÇÃO DE MODELOS FRANCESES PARA OUTONO-INVERNO

ENTRADA POR CONVITES

Av. Liberdade, 173, 2.º — Telef. 43962

Quer dançar o "yamasuky"?

Lançado pela mesma equipa que idealizou outros ritmos populares («casatschock», «balappa» e «rush-gold») está a fazer furor, em Paris, o «Yamasuky».

Com muita oportunidade e antecipando-se à **explosão** de novas danças que a proximidade do inverno traz consigo, o Clube Saint-Hilaire (dirigido por François Patrice) organizou uma «premiére» para apresentar o ritmo interpretado por excelentes executantes. Na plateia, nomes famosos: Mylene Demongeaut, Eddie Barclay, Jane Birkin e Serge Gainsboury.

Nascido no decorrer da Exposição de Osaka, o Yamasuky tornou-se **prato obrigatório** nas festas elegantes de Verão e, agora mesmo, foi dançado perante Hirohito na «gala» oferecida pelo Governo francês ao imperador do Japão.

Com indumentária inspirada no tradicional quimono, mas adaptada segundo inspiração do costureiro Oportune, o «Yamasuky» dança-se (como se pode notar nas imagens que publicamos) segundo cinco movimentos-base, comandados por um locutor cujos gritos («Kamizake») servem para orientar os bailarinos.

As raízes de «Yamasuky» podem encontrar-se no ancestral teatro mímico japonez e, inclusivé, no «Karate». Cada movimento obdece a uma finalidade expressiva muito concreta: a alegria, o ódio, a dor, a felicidade e o amor estão simbolizados nos diversos movimentos desta dança.

COLISEU

Hoje, às 21.30

Grupo B — 10 anos

Foi um êxito a estreia da Nova Companhia Internacional de CIRCO, com as suas aliciantes atracções entre as quais a:

SANSONA DO SÉCULO XX

A mulher mais forte do mundo

Preços populares

Bilhetes à venda

AMIGOS, AMIGOS NEGÓCIOS À PARTE

Grande parte do estrondoso sucesso alcançado por Elton John, nestes últimos meses de gravação e actuações ao vivo, na Europa e na América, ficou a dever-se ao co-autor das suas canções, que se chama Bernie Taupin e começa já a romper o anonimato, pelo menos em Inglaterra.

Bernie era aliás para além da sua actividade poética um dos mais activos elementos da equipa de Elton, que se caracterizava por uma grande unidade, patente aliás na actuação daquele «showman», há poucos meses ainda, em Vilar de Mouros.

Acontece porém que Bernie Taupin começou a afastar-se lentamente da equipa, (não se sabe lá muito bem porquê) para fazer os seus próprios discos, onde o lirismo dos poemas que recita, se confunde com os sons de fundo arrancados à «sitar» por um senhor chamado Shwn Philips. Entretanto chegamos-nos também a notícia de alguns recitais de Taupin em universidades e parques públicos. A sociedade Elton - Taupin durou mesmo assim o suficiente para que coisas destas continuem a ser notícia.

Castanholas em Lisboa

Hurtado de Cordoba (já conhecido das plateias portuguesas) volta em Dezembro ao nosso país, desta feita acompanhado por um «ballet»: exactamente o mesmo agrupamento que, depois de ter estado no «Savoy» (de Londres) se exibe actualmente no «Trocadero» (de Palma de Maiorca).

"ALBATROZ" - um novo agrupamento português

Nos últimos, anos poucos têm sido os agrupamentos portugueses a merecerem referência especial. Chega com efeito a ser angustiante o modo mais ou menos descarado com os conjuntos desta terra copiam os figurinos anglo-americanos, já de si tão discutiveis e por vezes tão pouco originais. Tal circunstância não deve no entanto surpreender-nos pois não é mais que o reflexo de um determinado estado de coisas.

Tudo isto serve afinal de pretexto (útil) para falarmos de quatro rapazes que recentemente se agrupam dando à sua formação o nome de «Albatroz».

Os seus nomes são: Jean Sarbib (de certo modo o líder do grupo, excelente viola-baixo e ex-quinteto Académico), Rui Pipas no solo, Pedro Táveira (ex-Pentágono) à bateria e por último outro Sarbib de seu nome próprio André que toca orgão e bem. Os quatro elementos do «Albatroz» aliam a uma excelente qualidade de execussão, a intenção (louvável) de criarem um repertório próprio, infelizmente em inglês.

O novo agrupamento português exibiu-se já a convite das organizações publicitárias 3P. junto do cinema Berna. Do excelente nível técnico destes quatro músicos há segundo cremos muito a esperar, tanto mais que a música que por aqui se faz tão poucas esperanças nos tem dado.

Farah Diba descreve os "tremendos" afazeres de uma rainha

Exclusivo «The Washington Post» - «D.L.»

TEERÃO - «A maior parte das pessoas imagina que uma rainha vive num grande palácio, usa uma coroa, e nada mais tem para fazer. Mas ser rainha é um duro ofício: eu trabalho durante sete horas, todos os dias. Sou presidente de 24 organizações diferentes, e devo ocupar-me de uma série de coisas que não me interessam. Vejo os nossos ministros por causa da minha posição nas organizações sociais que dependem das suas pastas. Na verdade, já tenho cabelos brancos», diz-nos Farah Diba, imperatriz do Irão que, aos 32 anos, continua bela, porém manifestamente fatigada pelos preparativos das festas de Persepolis.

NÃO PODE SUPORTAR A BUROCRACIA

«Devo igualmente reunir fundos para diversas organizações de caridade, e, ainda que uma parte desse dinheiro seja dada pelo governo, tento obter o mais que posso de donativos privados, porque não consigo suportar a burocracia.»

A imperatriz trabalha durante a tarde. As manhãs são consagradas à sua vida privada, e ao repouso. «Tenho necessidade de nove horas de sono», diz ela.

FUMA ÀS ESCONDIDAS PARA NÃO DAR MAUS EXEMPLOS

Acendendo um cigarro, Farah Diba declara: «Eu fumo, é terrível, tanto mais que sou presidente da liga contra o cancro. Mas quando tenho reuniões com os membros dessa organização, escondo sempre os meus cigarros. E tento nunca fumar em público. Sei que devo dar o exemplo, e se os pais tentarem impedir os filhos de fumar, estes responder-lhe-ão: «Mas veja, porque é que a rainha pode fumar e nós não?».

Durante estes últimos dias, a rainha tem fumado mais do que lhe é habitual. A tensão nervosa dos últimos preparativos das cerimónias de Persepolis é arrasante. Cinquenta chefes de estado do mundo inteiro e um número incrível de personalização vão passar três dias na pequena aldeia de tendas situada junto das ruínas de Persopolis, para um gigantesco banquete-desfile de som e luz, que fascinará o espírito mais fechado.

A rainha mãe esconde a sua insatisfação perante os planos que, finalmente, foram estabelecidos para as cerimónias; e também não oculta que é difícil ficar entusiasmada: ainda que ela tenha sublinhado a importância de fazer renascer a arte e a cultura persas, nada será persa, a não ser o caviar, durante todo este festival.

A imperatriz parece fatigada de justificar aquilo de que ela própria vê os erros. «As críticas que nos fazem são muito justas», concorda ela. «O problema, é que os preparativos do festival começaram há dez anos, e eu não participei no princípio. princípio.»

AINDA NÃO PODEMOS DISPENSAR O OCIDENTE

«Não me ocupei disso porque me disseram que não tinham necessidade de mim, e depois foi já tarde de mais. E havia tantos problemas, tantos pormenores. Este festival terá impacto não só no Irão, mas também no mundo inteiro. Aquilo que se diz acerca da ausência duma característica propriamente iraniana, é muito justo. Mas, em certos domínios, não estamos ainda tão avançados, que possamos dispensar o Ocidente. O que ficará será iraniano. Poderíamos ter feito a decoração interior das tendas à maneira persa, mas foi tudo muito precipitado.»

«Tudo foi feito no último momento, e não tive possibilidade de ver tudo. Havia muitas coisas importantes, e também uma comissão que tinha as suas opiniões. Que tomava decisões por maioria. Tentei levá-los a aceitar o meu ponto de vista, mas todos eles eram mais velhos do que eu. Trata-se talvez duma questão de diferença de gerações. É pena, mas é muito tarde para poder fazer alguma coisa, todos os contratos estavam já assinados.»

MONUMENTOS PERSAS E COZINHEIROS FRANCESES

«Mas, como sabem, os monumentos serão todos persas. E a comida? Pois bem, tínhamos necessidade do talento dos cozinheiros e dos chefes franceses. Teremos alguns pratos persas, mas vale mais servir cozinha francesa, quando se recebem pessoas de sessenta países diferentes. Toda a gente pode comer cozinha francesa. Não pude impor o meu ponto de vista à comissão. Eles não aceitaram as minhas ideias, e, agora, é isso que a imprensa mais critica. Os persas precisavam de anos, até o poderem fazer.

«Como sabem, todos os grandes cabeleireiros, como Alexandre, Carita e Elizabeth Arden ofereceram gratuitamente os seus serviços, o que será para eles uma grande publicidade... e os perfumes e os sabões, tudo foi oferecido pelos hoteis.»

TOILETTES VINDAS DE PARIS

«Os fatos das damas de honor foram confeccionados em França, e foram-nos também oferecidos. Tudo isso nos teria custado muito mais (se fôssemos nós a fazê-lo.) Mas a rainha usará durante o festival vestidos inteiramente feitos no Irão, «tecidos por persas, concebidos e executados por iranianos», acrescenta ela, sorrindo.

Falando a respeito das despesas feitas para o festival de Persepolis, a imperatriz declara: «Tínhamos de fazer estas despesas para atrair o interesse dos turistas sobre o nosso país. E as repercussões são imensas. Vêm todos os chefes de estado. O efeito, no plano das relações públicas, é fantastico.»

O IRÃO TAL QUAL É?

«Há outros países que pagam imenso pelas suas relações públicas, enquanto nós as temos de graça. Pretendemos que as pessoas vejam o Irão tal como ele é, o que fizemos para chegar aqui, e o que falta fazer. As festas obrigam as pessoas a trabalharem mais. Elas nunca o teriam feito doutra maneira.»

Farah Diba acende um novo

dias habituais: Levanta-se às 8 horas, toma o seu pequeno-almoço, e depois recebe a mais nova das suas filhas, que tem um ano e meio. Ocupa-se com diversas coisas, e telefona desde as 10 horas às 2 horas da tarde, altura em que vai almoçar com o shah.

«Durante duas ou três horas, à tarde, recebo o meu chefe de gabinete, recebo depois as minhas visitas, ou vou visitar hospitais, escolas ou fábricas. Os meus filhos mais velhos, que já vão à escola, vêm ver-me por volta das 4 horas.»

«NÃO EXISTE SEPARAÇÃO ENTRE A MINHA VIDA PRIVADA E A MINHA VIDA PÚBLICA

«À NOITE; JANTAMOS PELAS ?;º) H; COM ALGUNS AMIGOS ÍNTIMOS; DEPOIS VEMOS UM FILME OU DISCUTIMOS SOBRE POLÍTICA: Não existe verdadeiramente separação entre a minha vida privada e a minha vida pública. Mesmo quando estamos com pessoas amigas, falamos sempre dos problemas do país.

«Raramente temos tempo de falar entre nós de qualquer coisa de pessoal. Só estamos isolados algumas vezes, ao almoço, e por vezes, depois de jantar. De tempos a tempos, falamos dos problemas de família e das crianças. Mas, na maior parte do tempo, falamos de trabalho. Logo a seguir ao meu casamento... o casamento é uma grande modificação na vida, e, durante um ano, senti-me contente. Mas, depois, aborreci-me de ser simplesmente uma rainha. Queria ser eu mesma a fazer alguma coisa. Fui eu que arranjei todas as responsabilidades que hoje tenho. Isso levou-me tempo, tive de estudar todas estas coisas que queria fazer. Mas consegui fazê-lo.»

«SE NÃO TIVESSE CASADO COM SUA MAJESTADE SERIA ARQUITECTA»

A imperatriz declara que foi a influência de sua mãe que lhe despertou todo este interesse pelas actividades fora de casa. «Devo muito à minha mãe. No Irão, as raparigas não tinham possibilidades de gozar das liberdades que a minha mãe me deu. Tive uma infância feliz, e uma boa educação no Irão. Pertenci ao escutismo, fiz campismo, e a minha mãe deixou-me ir para Paris fazer estudos de arquitectura. Se não tivesse casado com Sua Majestade, seria arquitecta. Na Pérsia, há muitas mulheres arquitectas. Sou presidente da Sociedade de Urbanismo, e interesso-me muito pelas artes. Colecciono os trabalhos dos nossos jovens artistas, porque quero encorajá-los; mas aquilo que aprendi em todos os assuntos, como rainha, em 12 anos, deu-me mais experiência do que se me tivesse especializado num só assunto. Fui educada pela prática e não pela teoria.»

Farah Diba declara que a situação de uma mulher se modificou muito nos últimos oito anos, na Pérsia, mas que as tradições e a religião tornam difícil uma rápida evolução.

COMO A RAINHA SE SERVE DA PSICOLOGIA...

«Neste aspecto prossegue a imperatriz faço o máximo qu posso. Em minha opinião, a psicologia é a arma mais eficaz, e sirvo-me dela todos os dias. A maneira como me comporto junto do meu marido é muito importante, porque é através de mim que ele tira as impressões acerca das outras mulheres. Quando tenho assuntos a tratar com os ministros, ou com o meu marido, Sua Majestade, evidentemente, tem a última palavra. Mas, ainda que saibamos o que queremos, é preciso dar-lhes a impressão de que são eles que o querem. Podem, às vezes, dizer «não», apenas porque a ideia não partiu deles.»

A POLIGAMIA AINDA É LEGAL NO IRÃO

Hoje em dia, a poligamia é ainda legal no Irão, mas somente se a primeira mulher estiver de acordo. O Xá poderia algum dia pedir-lhe que o deixasse ter outra mulher? «Certamente que não», responde, rindo, a imperatriz. «Ele tem já imensos problemas com uma só mulher».

Ainda que isso não seja muito falado, uma das principais preocupações de sua majestade é a educação dos seus filhos, em especial a do principe herdeiro, que tem 11 anos.

«Quero que os meus filhos sejam educados normalmente, que tenham uma infância como as das outras crianças. No Irão, isso muito difícil. Assim, eles frequentam uma escola especial do palácio, com mais vinte e cinco crianças. Mas são muito estragadas, tanto no exterior, como pelos seus professores. Na escola do palácio, algumas pessoas já começam a tratar de maneira diferente. Tenho de lutar com os criados com os professores e com os guardos do corpo, todo o tempo, para lhes fazer compreender este meu critério»

FARAH DETESTA (?) SER TRATADA COMO RAINHA

Ela própria detesta a tal ponto ser tratada como uma rainha, que a melhor altura do ano é a do mês que passa, todos os Invernos. em Saint-Moritz, a fazer ski. «Deslizando nas encostas, fazendo ski, posso ser completamente livre, e não tenho de ser rainha. Posso fazer todas as coisas simples que aqui me são vedadas. Para mim, é um descanso completo.»

Fazendo uma pausa, por instantes, antes de concluir, Farah Diba afirma-nos: «A única satisfação da minha vida, é o facto de as pessoas gostarem de mim. Ser rainha, viver num palácio, ter jogos, isso nada significa para mim. O que me importa é ter a confiança das pessoas. A nossa monarquia é diferente das outras. Quando os individuos humildes vêm visitar-me, não posso esquecer os seus problemas.»

Mina de Almeida saída da casca

Mais um rosto novo nos palcos portugueses: o de Mina de Almeida, no elenco do Teatro ABC. Nome completo: Maria Guilhermina Godinho de Almeida. Data do nascimento: 8 de Novembro de 1948, em Lisboa. E, agora, um pouco da sua (breve) história:

-Estive desde os 14 anos em Paris, acompanhando os meus pais. Estudei em St. Pierre e durante 4 anos fui manequim profissional passando, sobretudo, modelos de Mme. Reussy

Voltou há mesma a Lisboa: e mergulhou num mundo diferente. Durante três meses pertenceu ao «ballet» privativo do «Maxime»: como o conjunto foi para o Oriente, Mina optou pelo teatro de revista.

-O primeiro passo é, exactamente, em «Saídas da casca». Mas, espero saltar de simples discípula para um lugar mais priviligiado - afirma.

Para os curiosos, mais alguma coisa: Mina pesa 45 quilos e tem 1,57 de altura. Medidas: 85 (busto), 54 (cintura) e 85 (anca). Nunca fez cinema nem TV. Mas quer fazer um pouquinho de tudo. Dêm-lhe tempo.

DIVERSOS BAIRROS JÁ INSCRITOS NA "GRANDE NOITE DO FADO"

Ultimam-se os trabalhos de preparação da Casa da Imprensa que este ano se divide em espectáculo eliminatório (no Pavilhão dos Desportos, na noite do próximo dia 6 de Novembro) e, dias mais tarde, numa grande sala de Lisboa, já na sua jornada decisiva: a que apenas têm acesso os nomes (masculinos e femininos) mais aplaudidos pelo público na fase preliminar.

Estão já oficialmente inscritos representantes de Algés (Clube Recreativo Atlético de Algés), Mouraria (Desportivo da Mouraria), Bairro Alto (Lisboa Clube rio de Janeiro), Alto do Pina (Ginásio Clube do Alto do Pina (Ginásio Clube do Alto do Pina), Alcântara (Sociedade Filarmónica Alunos Esperança) e Almada (Zipes Futebol Clube). Mas, a esta lista inicial, outras (muitas mais) colectividades vão acrescentar-se nos dias mais próximos, prevendo-se que ronde a trintena o número de bairros interessados em participar, com os seus melhores fadistas amadores, na popular iniciativa anual dos jornalistas portugueses já inteiramente radicada na tradição lisboeta.

No espectáculo do Pavilhão, cada fadista concorrente aos excelentes prémios em equação interpretará dois dos números do seu reportório: a soma do tempo de aplausos do público aos dois desempenhos de cada representante bairrista ditará a sua classificação.

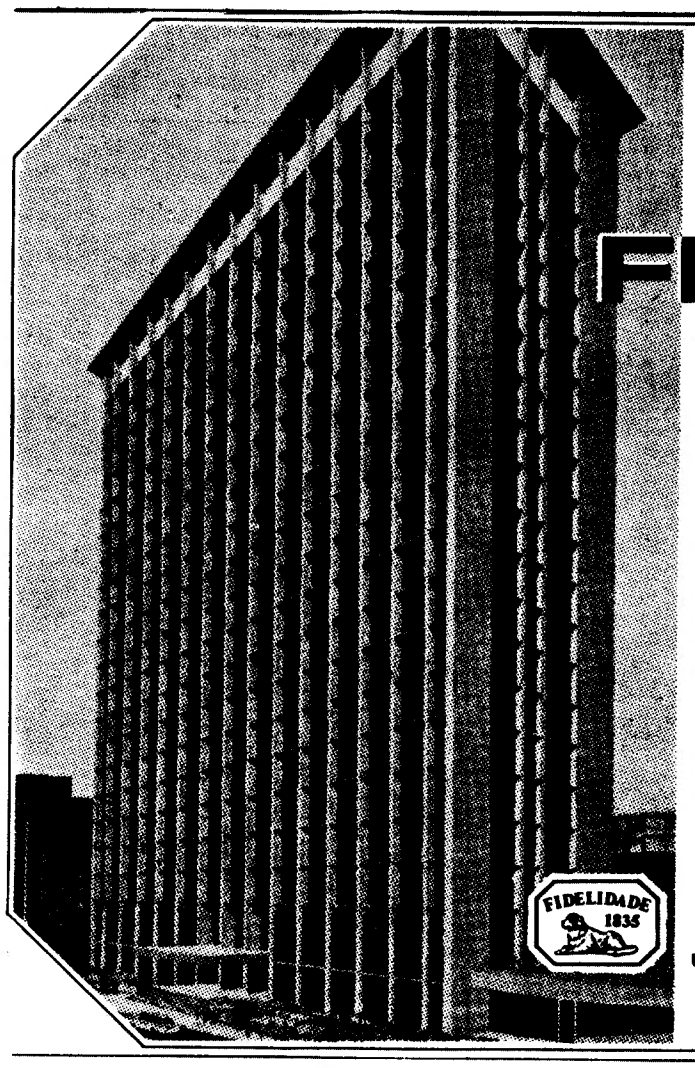
Entretanto, e até à próxima 3.ª feira, na Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20, em Lisboa) continuam abertas as inscrições de colectividades populares interessadas em fazer-se representar na «Grande Noite do Fado»: este ano um bi-espectáculo de sensação.

Promoção do cinema árabe - prevê Omar Sharif

Rabat — (F. P.) — Omar Sharif, acabado de tomar parte no «2.º Festival Internacional de Bridge de Marrocos», pensa que dentro de cinco anos o cinema árabe terá atingido o mais alto nível do cinema ocidental. Até há pouco (declarou o interprete do Dr. Jivago) o cinema árabe não correspondia aos imperativos do século XX, mas agora está a atravessar um período de grande incremento e a atingir uma certa maturidade.

Omar Sharif acrescentou que na sua carreira conseguira a notoriedade com a sorte que teve de ser escolhido por David Lean para entrar no filme «Lawrence da Arábia».

Cena dos «Salmos (de Stravinsky) integrados no triplo espectáculo que o T.E.E. acaba de estrear, no Teatro Gil Vicente, em Cascais. A encenação pertence a Águeda Sena e a direcção musical esteve a cargo do maestro Vitorino de Almeida. Trata-se de um espectáculo a ver urgentemente



A COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

TEM O PRAZER DE INFORMAR QUE JÁ SE ENCONTRA EM FUNCIONAMENTO O SEU

CENTRO DE PROMOÇÃO E FORMAÇÃO

NO EDIFÍCIO AVIZ
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35, 3.º-J
TELEFONE 49751

uma companhia para toda a vida

Shirley Bassey: UM LONGO CAMINHO PARA UM ÊXITO CERTO

Há sem dúvida neste momento uma quantidade considerável de cantores que podem ser justamente classificados como «estrelas internacionais» e Shirley Bassey é indiscutivelmente uma delas.

Neste momento tem residência fixa em Inglaterra, mas actua com regularidade nos palcos de todo o mundo, encontrando-se em grande destaque na Suécia, em França, na América, na Austrália e noutros países que seria fastidioso enumerar. E assim Sirley, um grande sorriso aberto para o sucesso.

FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU

Shieley nasceu em Tiger Bay na região de Cardiff. O pai era nigeriano e a mãe inglesa. Shirley é a mais nova de seis irmãos. Quando era pequena estava permanentemente a cantar (o que aliás sucede à maior parte das crianças), mas só aos dezasseis anos conseguiu realizar o sonho de se exibir em palco. Por essa altura abandonou Cardiff juntando-se a um show chamado «Memories of Jolson» que realizava uma digressão pelo país. Quando a digressão terminou, passou a integrar outro show intitulado «Hot from Harlem» com o qual viajou durante cinco meses consecutivos. Shierley tinha dezassete anos e começava a andar atormentada pelas saudades da família e da casa. Decidiu então regressar ao país de Gales onde arranjou um modesto emprego de empregada de balcão. E por ali se ficou durante algum tempo.

UMA CARREIRA A SÉRIO

Ocasionalmente um velho amigo seu que trabalhou como coreograo no seu primeiro show pediu-lhe colaboração num pequeno espectáculo que montara pouco tempo antes em Jersey. Era um espectáculo sem grandes ambições, com cenários extremamente simples e musicalmente muito acessível. Shirley apesar do seu grande amor ao palco encarou a hipótese com uma certa relutância, que sua mãe acabou por fazer com que ela vencesse. E assim começou a sua verdadeira carreira profissional, com um excelente número a solo na segunda parte do show.

Alguns meses mais tarde Shirley fez a sua estreia em West end num cabaret, o «Astor Club», para o qual foi contratada pelo veterano do «showbusiness» Jack Hylton.

O show chama-se «Such is life» e assinalou de certo modo o início duma grande carreira profissional, que a levou dos estúdios de Hollywood ao grande show da ATV, em Inglaterra, que tem o nome de «Sunday night at Paladium»

A temporada de 62/63 foi aliás particularmente rica em sucessos e contratos vantajosos. São de salientar os contratos para o «Persian Room» e para o famoso Hotel Plaza em Nova Iorque, durante o qual foi convidada a actuar para o presidente Kennedy na Casa Branca. A este convite sucedeu-se outro ao que parece igualmente muito importante para Shirley: um recital para a família real em Londres.

UM REPORTÓRIO CUIDADO

O extraordinário relevo alcançado por Shirley, deve-se principalmente ao cuidado invulgar que a artista põe na elaboração do seu extenso reportório. Para tanto, desde que o seu prestígio começou a afirmar-se, Shirley juntou à sua volta músicos experientes que lhe dão as indispensáveis indicações, antes de cada espectáculo.

A grande extravagância de Shirley está nas jóias e no vestuário excêntrico, que ela renova constantemente durante as suas frequentes viagens a Paris.

Médico de Empresa

Moçambique

Grande complexo industrial admite médico para seu hospital

EXIGE-SE:

— especialidade de medicina tropical
— situação militar resolvida

OFERECE-SE:

— boas condições
— bom ambiente de trabalho
— regalias sociais.

Enviar curriculum, analizado sob sigilo e outras referências

Resposta a este jornal ao n.º 919

ALMOCE NO SEU EMPREGO POR 11$00

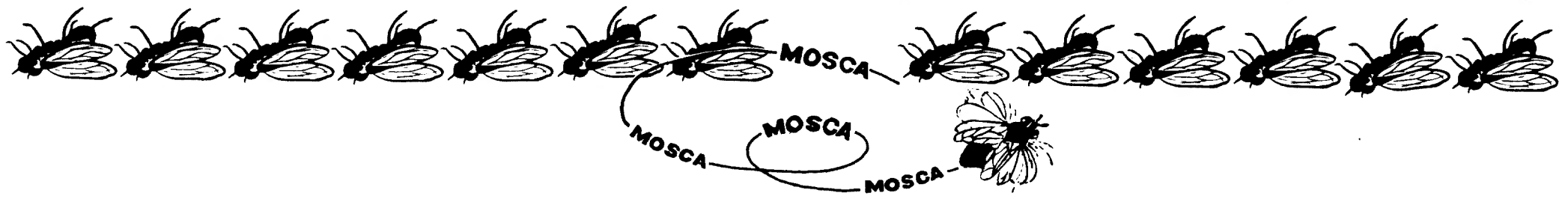
Levando as refeições quentes com pratos variados dos

SUPERMERCADOS AGUIAR

Av. António Augusto Aguiar, n.º 70
Tels. 40863 - 532831

500$00

Oferecem-se a quem informar Adriano Rui Mortelo - Redondo - Alentejo, sobre o paradeiro de um cão perdigueiro castanho claro, calçado de branco, com falta de um dedo numa das patas e dá pelo nome de Mudego.



Brevíssima explicação

Enganaram-se os que se julgavam definitivamente livres desta «Mosca»- incómoda e aguerrida que anda a morder este e aquele desde que nasceu, vai para dois anos, como suplemento do Diário de Lisboa. Não há animal mais difícil de exterminar do que a mosca doméstica e não há Mosca mais doméstica do que esta que entra em casa de toda a gente para incomodar, irritar e dar que pensar.

A MOSCA não morreu e para demonstrar que continua viva e de ferrão afiado, volta hoje às colunas do Diário de Lisboa, embora com uma nova feição. Antes de mais, para escapar aos inimigos ferozes, que a perseguem nesta época de insecticidas de toda a espécie, resolveu a MOSCA encolher na certeza de passar mais fácilmente despercebida se for mais difícil de encontrar. Não é esta, porém, a única transformação porque, não tendo mudado o que Brito Camacho considerava imutável, têm as moscas que mudar quanto mais não seja para que ele continue com razão. Vai, portanto a MOSCA de hoje imitar um jornal diário qualquer, dividindo-se e subdividindo-se em tantas secções quantas couberem no espaço que lhe está destinado, mas conservando, tanto quanto possível, as características que nos habituamos a encontrar nos jornais diários. Começa, normalmente, um jornal diário pelo chamado «fundo», uma peça séria, grave, versando problemas «profundos», que é, por vezes, ilegível por não se entender ao certo o que o autor pretendeu ao escrevê-lo e, sobretudo, por vir quase sempre a propósito de coisas que não vêm a propósito de nada.) «fundo» tem, por vezes, intenções políticas - cruzes canhoto! - mas na maioria das vezes não tem qualquer intenção que não seja encher o canto superior esquerdo da primeira página com uma mancha de prosa incolor, inodora e insípida, destinada a mostrar aos leitores que o autor tem um português trabalhado, rico em imagens inúteis, bem gramaticado e tão vazio de conteúdo como o de qualquer professor primário bem falante. Ao «fundo» segue-se o noticiário internacional que, no dizer dos bons cozinheiros, deve vir acompanhado de cabeçalhos «fortes» ou «fracos» consoante a importância da notícia, regra que deve presidir também à organização do noticiário nacional. Como é evidente esta importância é medida de acordo com as características dos leitores a que o jornal se destina. Um jornal destinado ao sector culturalmente mais elevado da população deverá, por exemplo, noticiar em grandes letras que o Eusébio mudou de penteado e atirar para segundo plano a notícia de que a Argentina atacou o Canadá ou a notícia de que o dólar desceu três pontos. No que se refere ao noticiário nacional, é de seguir o mesmo critério: porque toda a gente sabe que é muito mais importante, para o português contemporâneo, a inauguração duma retrete pública em Fornos de Algodres (com discursos e tudo) do que a desvalorização do dólar.

Aos noticiários acima referidos seguem-se normalmente as secções permanentes do jornal: as críticas do teatro, de cinema e de televisão, os «faits diver», as crónicas das actividades sociais, as anedotas e o mais que for necessário para que os leitores fiquem à «la page».

Não fica, evidentemente, mal a um jornal publicar aqui e ali, uma fotografia duma rapariga bonita empenhada em mostrar que pouco ou nada se progrediu em matéria de «lingerie» desde 1920. Fomentar a indústria é um dever de todos no momento presente e só os botas-de-elástico negarão a importância da indústria do vestuário interior feminino no plano geral da economia da nação.

Têm, ainda, alguns jornais, o hábito de publicar artigos económicos francamente destinados à divulgação de conhecimentos extremamente úteis nos períodos eleitorais, por permitirem que os eleitores votem com conhecimento de causa. Trata-se dum esforço louvável de cujo mérito ninguém poderá duvidar.

A MOSCA de hoje não pretende ser um modelo da Impresa mas apenas um seu reflexo e só por isso é que não oferece gratuitamente as suas sugestões aos jornais portugueses. Sejamos francos: como é que os jornais poderiam aceitar as sugestões da Mosca se toda ela foi sugerida por eles?

"O CARÂCTER PARAMÉTRICO DO PARÂMETRO - UM PROBLEMA FUNDAMENTAL"

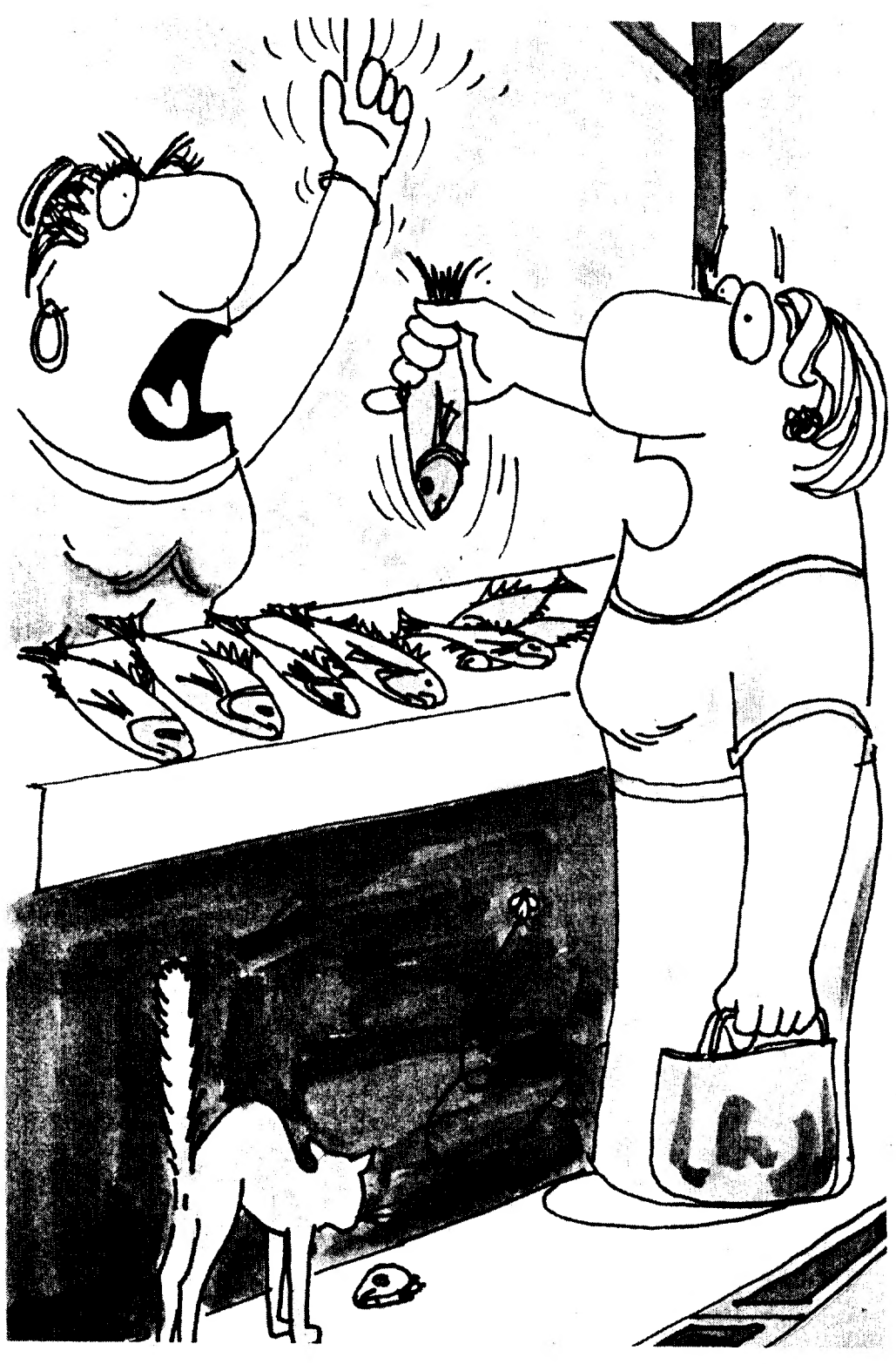
Tem razão quem afirma que, dentro do presente parâmetro, a conjuntura tem características a um tempo elicoidais e hexagonais. Resultam umas e outras, bem vistas as coisas, do caracter angular dos parâmetros secundários. Sabemos que a afirmação é ousada, mas não exigirá a circunstancialidade transicional deste parâmetro, uma ousadia que supere aquela a que estamos habituados? É que, para citarmos o professor Adalberto, Cunha, que ninguém poderá acusar de navegar nas nossas àguas, «nem sempre é possível encontrar nas zonas mais distantes deste parâmetro soluções que nos permitam enfrentar com tranquilidade a revestimentação das pedras angulares» e eu pergunto, doa a quem doer, se não é precisamente isto o que pretendemos?

O momento não é para os tímidos ou para os nervosos - o momento é para os que tiverem a coragem de enfrentar a realidade e a realidade, voltamos a repetir, é só esta: ou encontramos dentro do presente parâmetro angulações desacostumadas para as sinuosidades da infra estruturação local, ou teremos dentro de muito pouco tempõ nas nossas mãos, uma série sucessiva de sucessos destinados a sucederem-se sucessivamente sem cessar. Não sabemos se esta nossa visão paramétrica agrada ou não aos detentores do poder - o que sabemos é que nunca ninguém nos impediu de revelar o que pensamos acerca do que se passa e que não nos falta coragem para enfrentar os que, possuidos duma grassa incultura e defensores de interesses talvez inconfessáveis, põe à frente dos verdadeiros interesses do país, visões diamentralmente opostas às que sustentamos. Fazemos esta afirmação conscientes de estarmos a homenagiar os que presidem ao destino das nossas declarações porque ao permitirem que venhamos a público defender uma tese tão ousada como a que hoje expusemos neste breve artigo - a matéria não ficou esgotada - revelaram o seu imenso

amor à verdade e desmentiram quantos para aí afirmaram não ser possível contestar neste país em que nasceu Afonso Henriques e Pedro Alvares Cabral. Fossem os heróis de antenho duma têmpera menos rígida, tivessem eles almas dum aço de segundo e Portugal não teria resistido aos seus inimigos. Se de alguma coisa me gabo é de possuir uma alma do mais fino aço Toledo, uma alma comparável à dos nossos maiores e por isso volto a repetir sem receio seja de quem for, que dentro do presidente parâmetro e enquanto se não modificar a tipicidade da presente conjuntura, as características circunstanciais são a um tempo elicoidais e hexagonais.

"Portugal e o Euromercado uma sugestão construtiva"

A nossa impreparação para o Euromercado tem muito justamente preocupado quantos se interessam por estes problemas que talvez alguns julguem secundários mas que, na realidade, o não são.



É uma verdade evidente que a nossa indústria pesada não está em condições de se contrapor à de certos países mais desenvolvidos como a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha, de maior potencial produtivo e, sobretudo, dotados de uma máquina capaz de produzir muito mais ràpidamente. Continua a nossa indústria pesada - e estamos em 1971! - a produzir pesos de cobre e de latão quando na maioria dos países os pesos são cromados ou niquelados, revelando um nítido desdém pelo progresso. Rara é a mercearia ou a drogaria que não possua os pesos a que nos vimos referindo, sendo ainda habitual nesses estabelecimentos, a colocação de uma folha de papel grosso debaixo da mercadoria que desejamos adquirir para lhe aumentar o peso, sinal evidente de uma vocação histórica para a indústria pesada pois que outra explicação poderá haver para este constante desejo de tornar o leve mais pesado? O que é lamentável é que a nossa indústria não tenha conseguido corresponder a esta vocação e que os pesos postos à venda e aferidos pelas autoridades continuem a pesar o mesmo que pesavam há dois séculos, quando ainda ninguém se preocupava com a industrialização do Pais. Estamos em crer que se impõe uma revisão das bases em que assenta a nossa indústria pesada. Se tirarmos, por exemplo, sem que ninguém o saiba, 250 gramas aos pesos de quilo, as pessoas passarão a adquirir 750 gramas de mercadoria pelo preço de um quilo e serão obrigadas adquirir muito mais mercadoria para satisfazerem as suas necessidades, o que fará com que o dinheiro ande mais depressa de mão em mão e crie mais riqueza. Responderão alguns que não havendo dinheiro, tal solução só poderá agravar a situação mas a verdade é que essa afirmação assenta num sofisma fàcilmente refutável. Se não houvesse dinheiro, as pessoas preocupar-se-iam tanto com os preços? Se as pessoas não tivessem dinheiro, falariam tanto no custo da vida? Uma dona de casa com quatro filhos a sustentar, cujo marido ganha 3000$00 por mês, reage negativamente ao verificar que o carapau está a 38$00 o quilo e nós perguntamos: se essa mulher em lugar de ir à praça com 20$00 no bolso não tivesse um tostão, preocupar-se-ia com o preço do carapau? Mais: se essa mulher não tivesse um centavo, que diabo é que ela iria fazer à praça?

E assim deitamos por terra quantos teimam em afirmar que não há dinheiro, que a vida está caríssima e que estamos naquilo que os nossos avós designavam por «crise económica».

Há dinheiro, o que não há é uma atitude positiva e construtiva perante os preços.

É no respeitante ao problema da rapidez da produção que temos de nos mostrar menos optimistas. Ainda há bem pouco tempo soubemos de uma mulher de Estremoz que fabrica diàriamente, à mão, 15 pratos pintados que vende a um comerciante de Lisboa por 40$00. O comerciante, por sua vez, coloca-os no mercado vendendo cada prato por cerca de 75$00. No caso da mulher, uma nítida incompreensão dos problemas levantados pela nossa eventual entrada para o Euromercado porque estamos certos de que só o mercado alemão poderá adquirir diàriamente para cima de 200 pratos, um nítido caso de compreensão da nossa conjuntura económica. Este homem, por outras palavras, revela ter compreendido a presente conjuntura do País e ter-se adaptado a ela. Estamos certos de que a questão das queijadas de Sintra, dos galinhos de Barcelos e dos pastéis de Tentugal é muito semelhante a este.

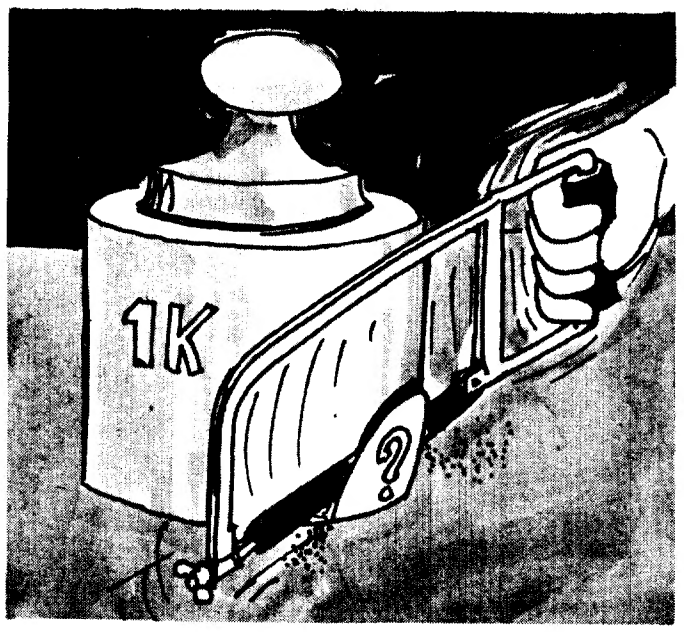
Quantos pastéis de Tentugal não poderá adquirir diàriamente a cidade de Londres?

E galinhos de Barcelos? Quantos não poderá adquirir, por hora, a população de Chicago?

Se integrássemos nas nossas feiras de artesanato - dia a dia mais importantes na presente conjuntura - escolas destinadas a permitir que as nossas Conceições Ramalho—— trabalhassem mais depressa, não nos valorizariamos perante o Euromercado?

Aqui deixamos a sugestão, na certeza de estarmos a contribuir para uma economia mais próspera e, portanto, para um País mais feliz

L. A. P.



Ponte inaugurada em Poiais da Serra

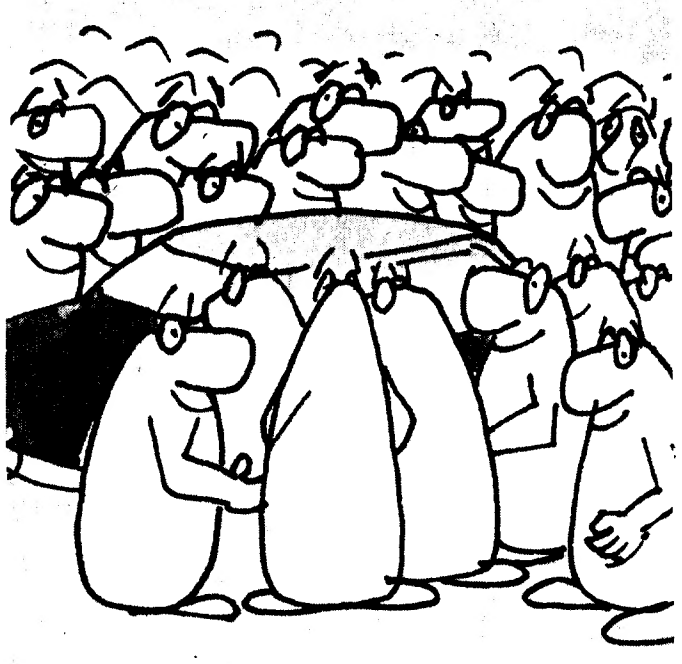
Com a presença das pessoas de maior destaque de Poiais da Serra, foi ontem inaugurada uma ponte que ligará esta progressiva vila à não menos progressiva vila de POIAIS-A-NOVA. Trata-se dum melhoramento que vai certamente contribuir para o progresso destas progressivas vilas. À cerimónia assistiram algumas das pessoas mais gradas do concelho, muitas das quais discursaram aproveitando a ocasião para afirmar a sua lealdade ao poder constituído que, no dizer do presidente da junta da freguesia, «é o único responsável pela concretização daquele velho sonho de cem anos de idade - a construção da ponte». Falando em seguida, o senhor dr. Álvaro Gonçalves, que alia à sua condição de delegado de saúde em Poiais da Serra a de representante do nosso jornal, afirmou que era urgente ensinar o povo a usar-se da ponte sem a destruir e sem a desprestigiar. Para esse fim, afirmou o ilustre representante da higiene, está em estudo um urinol público que, a ser aprovado será construído mesmo à entrada da ponte esperando-se que esteja concluído em 1985.» Até lá, disse o dr. Gonçalves, teremos de refrear os nossos naturais instintos o que representa um sacrifício de pouca monta se atendermos a que nada se consegue sem esforço». Encerrou a cerimónia o sr. dr. Manuel João Agudo, presidente da Comissão de Turismo, que se referiu ao valor turístico da ponte, afirmando que do meio dela poderiam os turistas ver ao longe, na curva do rio, um «chalet» e as ruínas duma antiga estrebaria destruída pelo ciclone de 1940. «Poiais da Serra está pronta para receber o seu primeiro turista», rematou o dr. Agudo, entre as ovações.

A MOSCA vende-se, em Poiais da Serra, na tabacaria do senhor Joaquim e em casa do dr. Gonçalves a partir das 19 horas excepto durante as vindimas, época em que só se vende na tabacaria do senhor Joaquim. Para esclarecimento do primeiro turista a visitar Poiais da Serra, informamos que nesta progressiva vila, as vindimas têm lugar em Agosto, motivo porque este turista, durante esse mês, deverá adquirir a sua MOSCA na tabacaria do senhor Joaquim, que é aquela que fica ao lado da casa de pasto da D. Alda.

A PROGRESSIVA VILA DE CAMBADOS PRECISA DE ELECTRICIDADE

Assinada por oito pessoas, foi ontem entregue às autoridades um importante documento de que extraímos o seguinte parágrafo: «Destituidos de electricidade nam podemos ver televisão. Os atrasos desta terra mostram-se por ter cá estado o senhor Henrique Mendes de passagem sem ninguém o ter conhecido e por nam termos visto a família dos foresaites que toda a gente viu na aldeia da Meda de Cima que já tem letricidade ora a aldeia da Meda de Cima paga menos imposto que a vila de Cambados e isto mostra como as coisas vão.»

NEM TUDO O QUE LUZ É OURO

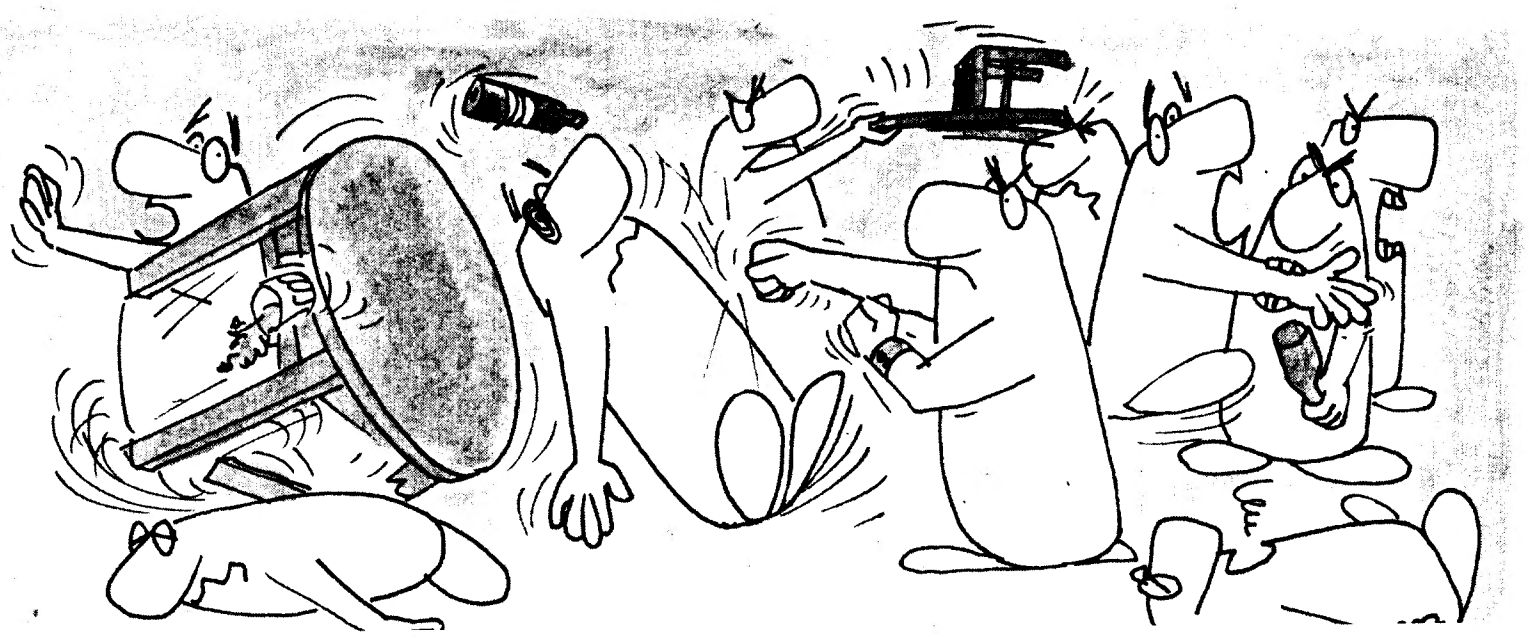


Passou-se isto ontem à tarde no Cais do Sodré. O senhor Malaquias da Costa, comerciante estabelecido na Praça do Chile, tendo tido necessidade de se deslocar ao centro da cidade a fim de adquirir uma corrente metálica destinada a reforçar o fecho da porta do seu estabelecimento, viu na rua algo de reluzente que julgou ser uma libra em ouro. Ao tentar abaixar-se para a apanhar, foi atropelado por um taxi que levava ao hospital de S. José a serviçal Manuela Vieira da Cunha, vítima duma queimadura. Reuniu-se, como é hábito, muito povo, verificando-se que nem a serviçal nem o comerciante se encontravam em estado grave. Mesmo assim e para se furtar a possíveis responsabilidades, o motorista deliberou levá-los ao hospital onde ficaram no banco aguardando tratamento.

ESCLARECIMENTO

Com pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

Exm.º Senhor director de «A MOSCA»: LI NO CONCEITUADO JORNAL QUE V: Ex.ª dirige uma pequena notícia intitulada «Briga na Feira de Benfica» em que se noticiava ter sido preso por ter agredido um taberneiro, um rufião muito conhecido em Benfica pela alcunha de «Zé Maroto». Este rufião, segundo a notícia dada pelo conceituado jornal que V. Exa. dirige, chama-se, na realidade, Manuel Esteves da Cunha e, tendo sido ouvido na esquadra, recolheu aos calaboiços do Governo Civil. Podendo esta notícia causar-me grandes prejuízos por muitos poderem pensar que sou o referido «Zé Maroto», venho pedir a V. Ex.ª que esclareça os seus leitores, informando-os de que nunca tive qualquer alcunha, de que nunca fui à feira de Benfica, de que nunca participei em qualquer briga, de que nunca agredi um taberneiro, de que não sou um rufião e de que não me chamo Manuel Esteves da Cunha e sim Manuel Gonçalves. Sem mais assunto e agradecendo a publicação deste esclarecimento, subsc. De V. Exa. Manuel Gonçalves.

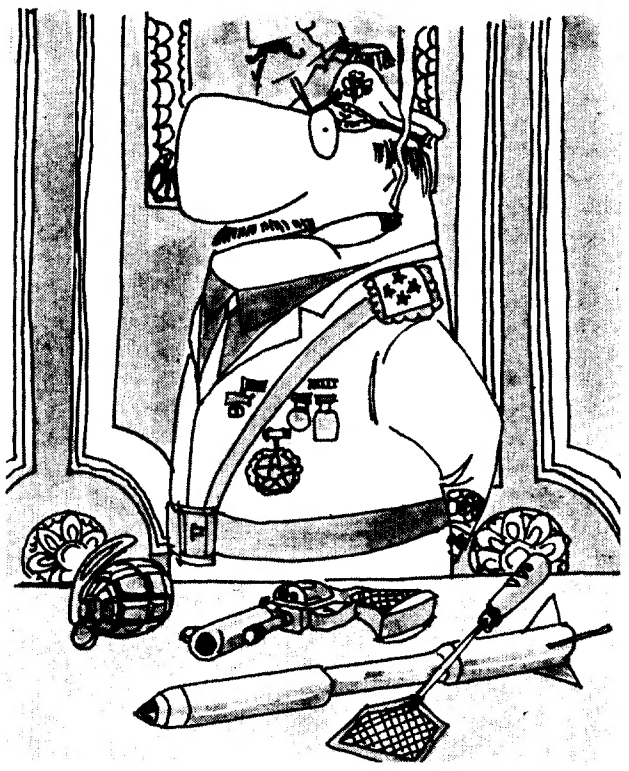


PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

Mr. Douglas O' Carty, proprietário duma garagem em Busham Road, na cidade de Littlefield, Inglaterra, afirmou ontem no decorrer da reunião anual dos limpadores de pára-brisas dos arrabaldes da sua cidade, que passara as férias em Portugal numa praia que julga chamar-se Portinõ e que foi muito bem recebido por todos. Afirmou ainda o snr. O'Carty que apesar de não ter tido ocasião de ver o general Franco em Pessoa, lhe enviou um telegrama congratulando-o pelo estado da estrada que liga a vila de Portinõ à cidade de Farao.

Na sua editorial de ontem, o jornal «Nouvelles de St. Antoine» referiu-se à recente visita do senhor engenheiro Carlos Manuel do Rego à ilha de S. Tomé, afirmando: «trata-se duma ilha de luxuriante vegetação que apela para os sentidos de quantos nela desembarcam. Dir-se-ia que as flores nascem espontâneamente do solo e a cor verde nasceu nesta ilha exótica. Se não existisse esta ilha, alguém teria de a inventar mas o certo é que se tivesse ido parar às mãos de outro país qualquer, já a teriam estragado. Onde é que há, na ilha do Sena, uma vegetação como esta? Os franceses tiveram de estragar a ilha do Sena construindo edifícios mas os portugueses vão conservar a ilha de S. Tomé para as gerações vindouras.»

O GENERAL BOBU REBELIOU-SE NO PARAGUAI



O general Bobu rebeliou-se no Paraguai.

LINDA MATHWELL VOLTA A DIVORCIAR - SE

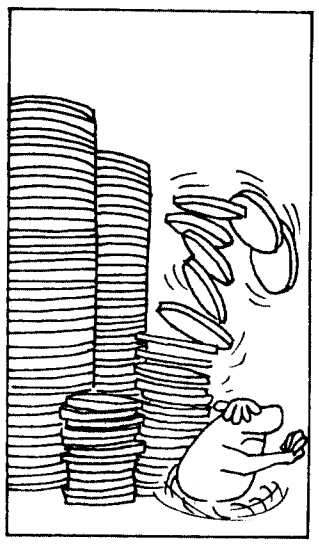
A conhecida milionária e «playgirl» Linda Mathwell que ainda há poucos dias passou no nosso aeroporto onde esteve três minutos que aproveitou para se afirmar grande admiradora do nosso País que conhecera ao aterrar na Portela, divorciou-se pela décima sétima vez, agora de Van Goel, o conhecido astro do cinema mexicano, com quem casara depois dum romance fulminante em Agosto do ano passado. Afirma miss Mathwell - vencedora três vezes seguidas do prémio «The most beautiful legs of Miami» - que este divórcio se deve atribuir ao facto do marido se caracterizar por uma crueldade mental incorrigível. Para demonstrar a veracidade desta afirmação, miss Mathwell revelou que o marido comera duas vezes torradas ao pequeno-almoço, na cama, revelando-se indiferente perante a possibilidade das migalhas das mesmas poderem arranhá-la nas costas.

Miss Mathwell tem dois filhos, um do seu primeiro casamento e outro do seu décimo sexto.

Ao perguntarem-lhe se tencionava casar outra vez, desmentiu categoricamente que tivessem fundamento certos boatos postos a circular em Boston acerca dum seu possível casamento com Bernard Leonstein, o conhecido «playboy» das Bahamas ainda recentemente celebrizado pela imprensa pelas suas aventuras em Tahiti, ilha em que afundou quatro barcos de pesca e incendiou seis casas habitadas a fim de, como declarou na polícia «ver se os tahitianos sabiam correr». Segundo miss Mathwell, ela e Leonstein vivem, efectivamente, num bungalow situado numa das praias mais elegantes das Bahamas, mas isso não tem qualquer significado. Acontece que são amigos desde crianças e que gostam da companhia um do outro. «Se toda a gente que gosta da companhia de outra pessoa casasse com ela, onde é que o mundo iria parar?» perguntou miss Mathwell com o sorriso infantil que que a celebrizou. Miss Mathwell segue viagem para Londres dentro de dias a fim de se sujeitar a uma operação de cirurgia estética. Interrogada acerca desta operação, afirmou que ia apenas repuxar a pele da cara, dos peitos, das coxas e da cintura. Trata-se, acrescentou, «duma operação de rotina».

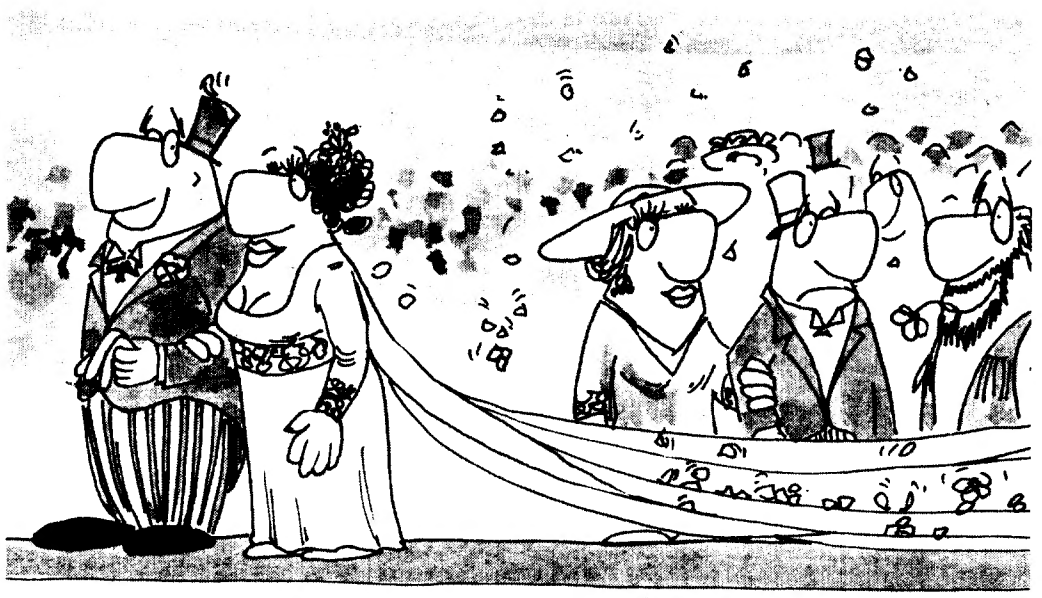
TERRAMOTO NA TURQUIA DO SUL

Houve um terramoto na Turquia do Sul



Pavor na Bolsa de Nova Yorque

Reina o pavor na bolsa de Nova Iorque.



DL CONTA CORRENTE

DÊ ASAS AOS SEUS SONHOS

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em ...23.... de ..... Outubro de 1971.....

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Ford	2 e 11			
Comundo/ Olympus	3			
Austin	5			
Caves Aliança	10			
Publicações Dom Quixote	12			
Icesa	13			
Emaco	15			
J. Pimenta	18			
Seiko	18			
Companhia Colonial de Navegação	19			
Cometna	19			
Castrol	21			
Salora	22			
Alporte - Soc. de Investimentos Imobiliários	23			
Mintex	23			
Garantia DCL	24			
Jval	dois			
Timex	três			
Citroen	quatro			
Companhia de Seguros Ultramarina	cinco			
Volkswagen/ Guerin	seis			
Diese	seis			
Miraflores	oito			
Riber	nove			
Sanyo	nove			
Michelin	dez			

Feche os olhos e dê asas aos seus sonhos: não gostaria de ser milionário? Sem sorteios, sem rifas, sem estar dependente da sorte ou do acaso? Pois é isso que nós, o seu jornal lhe oferecemos: a fortuna sem qualquer problema no caminho.

Aqui, a fortuna chega à porta do leitor do «Diário de Lisboa» através da nossa iniciativa 1Conta-Corrente»: um prémio ao leitor no ano em que comemoramos o 50.º aniversário de seu companheiro de todas as tardes. Sem necessidade de concursos nem sorteios, sem se enfeudar a contigências da sorte, basta o leitor participante na «Conta-Corrente» elaborar o seu orçamento de compras diárias em termos de delas poder sufruir o máximo rendimento. Por outras palavras: basta-lhe ser inteligente e sagaz na escolha das firmas ou marcas que lhe podem ofertar uma compensação-extra para o facto simples de ter preferido comprar o melhor nas melhores condições.

Depois, sem problemas nem grandes dispêndios, sem ultrapassar num só centavo o quantitativo reservado aos seus gastos normais, é só passar **cá por casa** e receber um prémio: nós apenas **exigimos** que esse prémio seja mesmo um galardão para os leitores do «Diário de Lisboa» que sabem fazer as suas compras nos melhores e mais prestigiosos estabelecimentos comerciais. E, com o nosso parabém, esperar que os premiados vejam - do dia para a noite - a concretização dos seus anseios mais íntimos. Numa palavra: a realidade tornada um caso autêntico.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceit am-se d es de já assi n aturas p elo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os e x e mpla res pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses 130$00
6 meses 250$00
12 meses 485$00

Pag a mento adiantado, em vale do correio, cheque ou selos.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe e n v i e mos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

LISTA DE PRÉMIOS

CLASSIFICAÇÃO POR MARCAS OU ANUNCIANTES

PRÉMIO DO JORNAL «MOTOR» _ **Um Triumph Spitfire último modelo.**

PRÉMIO GARANTIA FUNCHALENSE _ **Um seguro Ramo Acidentes Pessoais no valor de 5000 contos.**

PRÈMIOS VOLKSWAGEN **1.º Prémio** _ **Assistência técnica durante um período de 20 000 quilómetros a contar da data da atribuição do prémio.**

2.º Prémio _ **Jogo de extras «VW» constituído por faróis de nevoeiro e de longo alcance, tampões desportivos, alavanca especial e «cockpit» com relógio, manómetro de pressão de óleo, grelhas, termómetro e conta-rotações.**

3.º Prémio __ **Auto-rádio BENDIX, modelos Saphira XI incluindo antena e montagem.**

Prémio especial __ Fim-de-semana em Paris com todas as despesas pagas (passagens de avião e hospedagem em hotel de 1.ª classe em regime de pensão completa) para duas pessoas, e ainda um Volkswagen às ordens no Aeroporto de Orly.

Este prémio será sorteado entre todos os leitores do «Diário de Lisboa» que enviarem a esta firma o boletim de identificação que a mesma publicará no dia em que fizer a última inserção de anúncios incluindo na iniciativa «Conta-Corrente».

PRÉMIO SEQUEL-KELVINATOR _ **Uma viagem a Munique para assistir aos jogos Olímpicos.**

1.º PRÉMIO __ **Uma vivenda na área de Cascais, construída por Baraona e Baraona, Lda., completamente mobilada com móveis Baía e um CITROEN AMI 8.**

Um seguro Ramo fogo, na Garantia Funchalense, no valor de 1000 contos.

_ **Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.**

2.º PRÉMIO _ **Uma «station» AUDI 75 Variant.**

_ **Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.**

3.º PRÉMIO **Um barco «DORI 13», equipado com motor EVINRUDE.**

Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 100 contos.

Teatro
ABC
Tel. 36 67 45

de PAULO DA FONSECA, OLIVEIRA e ROGÉRIO DE BRACINHA
poema de CÉSAR
• CÉU GUERRA

• AMANHÃ: ÀS 16 HORAS
D — MAIORES DE 18 ANOS

A MAIS POPULAR
A MAIS OUSADA • A MAIS BELA • A MAIS LUXUOSA
REVISTA DE SEMPRE:
SAÍDAS DA CASCA

HOJE: ÀS 20.45 E 23 H.

★ O ESPECTÁCULO FAVORITO DOS LISBOETAS!

produção de HUMBERTO CUNHA
interpretação de
CÉU GUERRA • OCTÁVIO DE MATOS • ANITA GUERREIRO • ANABELA
Maria Tavares • Cunha Marques • Nina Flores
Os actores convidados AIDA BAPTISTA e RUI MENDES
as maravilhosas THE DANCING WATERS
o alucinante MASULLI LONDON BALLET
40 MULHERES NUMA PARADA DE ESCULTURAS!

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

25 DE OUTUBRO

CONCERTO INAUGURAL

(POR CONVITES)

TEMPORADA DE CONCERTOS
1971-1972

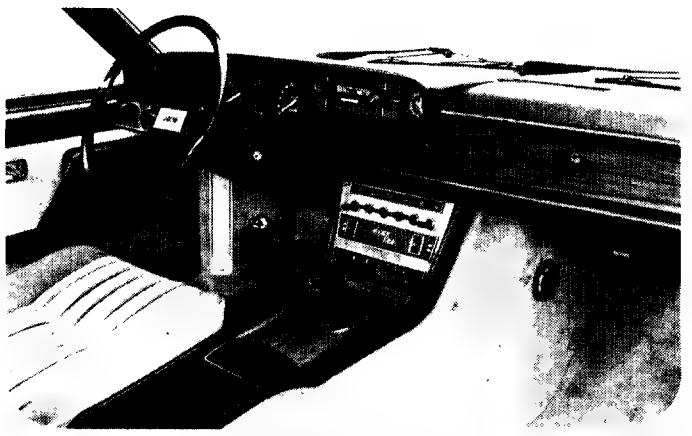
1.º CONCERTO
Abertura Sinfónica «O Judeu» (1.ª audição) de António Victorino de Almeida
1.º Concerto para Piano e Orquestra de Tchaikovsky
4.ª Sinfonia de Brahms
Maestro: Manuel Ivo Cruz
Pianista: Fernando Laires
26 Outubro 1971 21.45 h. (para 10 anos)
31 Outubro 1971 16 h. (para 6 anos)

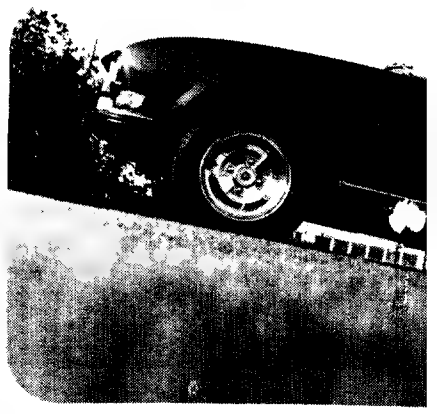
2.º CONCERTO
Abertura de Marcos Portugal
Concerto para Violino e Orquestra de Mendelssohn
5.ª Sinfonia de Shostakovitch
Maestro: Manuel Ivo Cruz
Violinista: Lídia de Carvalho
4 Novembro 1971 21.45 h. (para 10 anos)
7 Novembro 1971 16 h. (para 6 anos)

BILHETES À VENDA NO TEATRO

COMPANHIA DO TEATRO MUNICIPAL

«A SALVAÇÃO DO MUNDO» de José Régio
Encenação de Costa Ferreira
A estrear na 2.ª Quinzena de Novembro
Espectáculo — para 14 anos





Um carro vê-se por fora mas vive se por dentro. Daí, o constante dos construtores de melhorarem o habitáculo dos ... delos, não só no aspecto de segurança, ... mo também no de co... e estético. Dois exemplos, apen... o Fia... 0 «coupe» (em cima) e o Ferrari 365 G... «co... baixo)

Dois «desenhos» de Pininfarina que vão ter destinos diferentes. Na foto de cima, um estudo de linha com base no Peugeot 504 «coupé» designado por «Break Riviera» e que jamais será comercializado. Em baixo, o FIAT 130 «coupé», actualmente em fase de fabricação

MOTOR Show

outono

TEMPO DE SALÕES

Salon 1971

Outono da chuva (em Londres), das árvores sem folhas (por toda a parte), mês de Outubro, o Outubro do regresso de férias, do refazer de vidas, vidas agitadas, movimentando-se constantemente. O motor é o símbolo do movimento, da vida, da transformação de energia. O automóvel deixou de ser o símbolo do luxo, da burguesia enriquecida, da sociedade de consumo. Passou a ser, tem que ser, encarado como um instrumento de trabalho, um auxiliar do dia-a-dia deste século.

Mas o automóvel compra-se e, por isso, tem que ser visto, tem que se mostrar. Porta de Versailles, Earls Court são as montras desta «saison», o repositório da gama, cada vez mais extensa, dos fabricantes europeus, a apresentação de novidades. Em boa verdade, estes dois salões, nada de novo trouxeram em matéria de automóveis utilitários. Vieram, apenas, confirmar o grande interesse do público francês pelos seus carros, com realce especial para os novos Renault 15 e 17, nas versões «turismo» e «coupé», para o «1100 Special» da Chrysler-France e para o «break GS» da Citröen. Vieram garantir à FIAT, em ambos os salões, o êxito absoluto do seu modelo 127, um caso sério no panorama actual da indústria automóvel do Velho Continente.

1 - A Chrysler-França apresentou como principal novidade, da sua linha SINCA, este «1100 Special» com motor de 1294 c.c. de cilindrada, em vez do de 1204 c.c. Potência: 75 HP (DIN).

2 - Nada de novo na Citroen, a não ser a versão «break» do modelo GS, com as mesmas características deste último, incluindo a suspensão hidropneumática.

3 - O FIAT 127 é um «tremendo» sucesso comercial da firma italiana. Produzido à cadência de 2000 unidades por dia (o anterior máximo era de 1600), é um dos mais fortes candidatos ao «CARRO DO ANO».

4 - A gama RENAULT para 1972 é uma das mais extensas do mercado europeu. O «15 TS» é um dos neófitos: motor de 1565 c.c., desenvolvendo 90 HP (DIN) e «carrosserie»

EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
DE 15 A 24 OUTUBRO
HORÁRIO DAS 17 ÀS 24
ENTRADA 16$00
FILEME

RECHEIO DE CASA

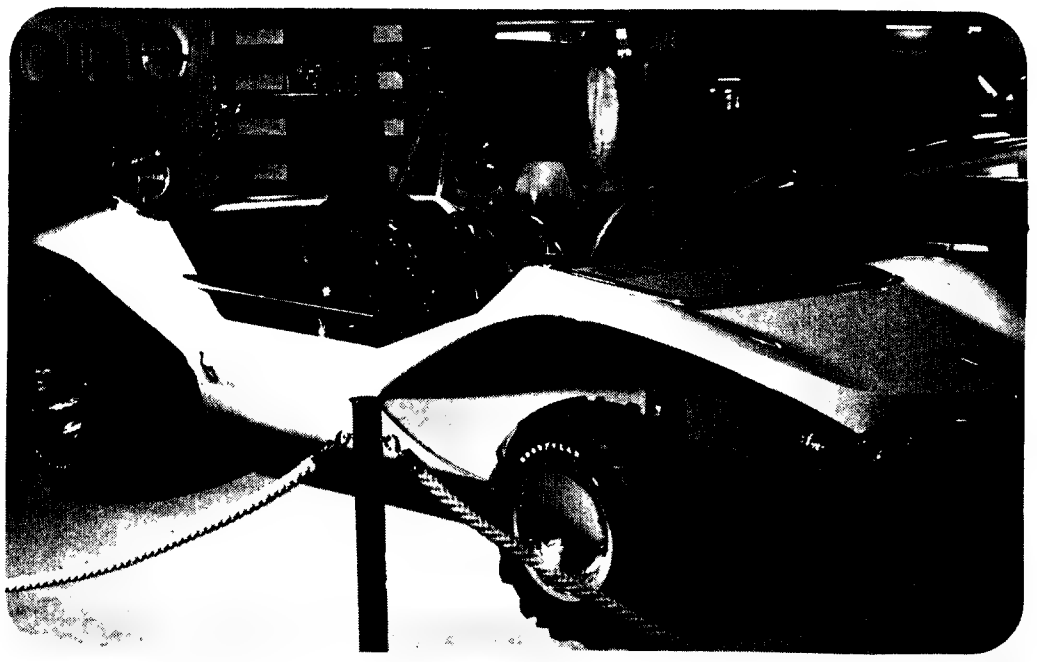
Vendo em conjunto ou separado mobília sala jantar e quarto estilo Queen Anne, 2 jogos de maples, sofá-cama, consola com moldura dourada, armário de sala lacado, vários quadros a óleo, lustres, apliques, carpetes, etc.

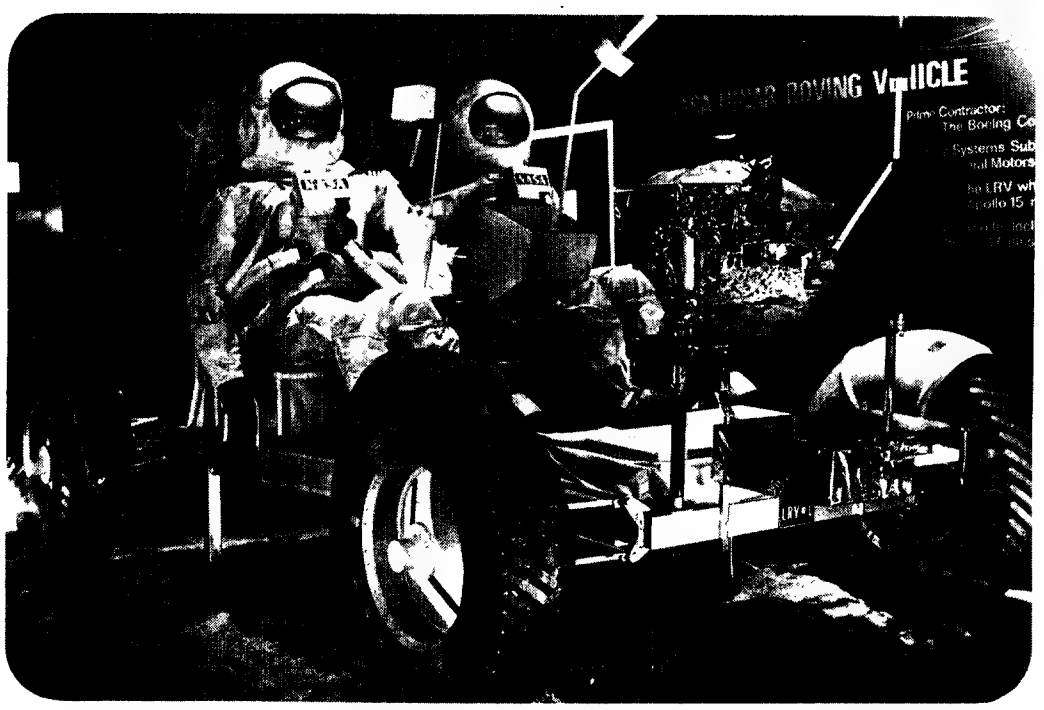
Avenida 5 de Outubro, 17 1.º, Esq. (Perto do Saldanha)

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

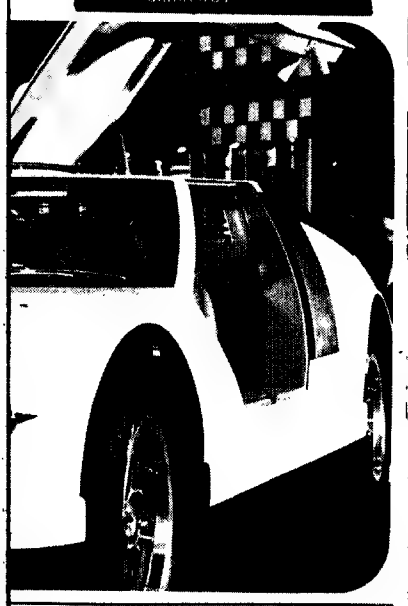
PARA TODO O TERRENO

Não é possível fazer estradas que vão a todo o lado, nem que passem por todos os pontos. A solução é construir um carro que possa andar em qualquer terreno. Assim pensaram os construtores destes carros. O de cima, é um modelo do já popular «beach buggy», desenhado requintadamente, pelo estilista italiano Bertone. O seu terreno favorito são as areias das praias. O de baixo, é o «Nasa Lunar Roving Vehicle», construído pela Boeing e pela General Motors e que fez parte, com tanto êxito, da missão Apolo 15. O seu terreno favorito são as cinzas da Lua

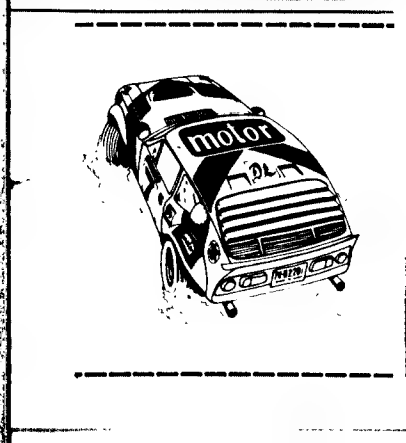




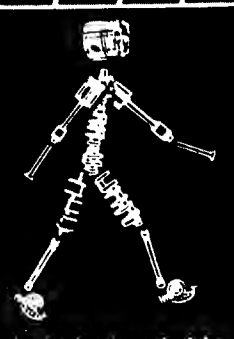
Um «dream-car» feito para sonhar e depois esquecer. A sua marca: Lamborghini. O seu nome: Countach.



Construído exclusivamente para o «Motor Show» o «S 530» era um dos carros mais apreciados do salão. As portas em asa abrem eléctricamente e são accionadas por um botão situado por debaixo dos guarda-lamas dianteiros.



ASSISTÊNCIA OFICIAL
FIAT



Assistência rápida, incluindo as revisões grátis: abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira, 62-A — Tel. 844169

MÓVEIS
MODERNOS
NÓRDICOS
D. MARIA
LUIZ XV E XVI
IMPÉRIO
RENASCENÇA
D. JOÃO V
SÉCULO XVII
Grande variedade em exposição
TROCAMOS MÓVEIS USADOS
Facilidade de pagamento
ARMAZÉNS DE MÓVEIS JORGE
Aven. Almirante Reis, 35
(Junto Igreja dos Anjos)
Tels. 83 21 61 e 84 63 85

GRÉMIO NACIONAL DAS FARMÁCIAS

•

COMUNICADO

•

Este Grémio, como representante de todas as farmácias do País, reportando-se ao artigo publicado no «Diário Popular», do dia 12/10/71, sob o título «Especulação com produtos farmacêuticos», vem esclarecer que o preço de Esc. 130$00 pelo qual a farmácia da Figueira da Foz vendeu o medicamento em questão é aquele que foi fixado, recentemente, pela Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, organismo dependente do Ministério da Economia, única entidade que poderá explicar as razões dos aumentos e das baixas dos medicamentos. O referido preço consta, obrigatòriamente, da embalagem pelo que a farmácia se limitou a cobrar o devido, ao contrário do que pode deduzir-se do título da notícia.

Parece que, propositadamente, não se fez referência ao preço marcado na embalagem, que tudo esclareceria, com o intuito malévolo de levantar na mente do público uma dúvida quanto à honorabilidade das farmácias.

Este Grémio protesta veementemente contra tão caluniosa insinuação e lamenta que devido à ignorância de certos indivíduos toda uma classe fique sujeita a ser considerada especuladora.

Terminamos também com a pergunta: «Quem nos acode?» Será a futura Lei de Imprensa?

PARA O PERÍODO DE 24 DE OUTUBRO A 30 DE OUTUBRO

horōscopo

pelo astrólogo HORUS

Aries

Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril

AMOR: Será aconselhável que durante a semana em curso pondere cuidadosamente as suas atitudes e sobretudo as decisões importantes que tomar, no âmbito dos seus assuntos de natureza sentimental. Uma precipitação da sua parte poderia dar origem a grandes contrariedades.

DINHEIRO: Poderá obter resultados de certo modo interessantes, sob o ponto de vista financeiro, se souber desenvolver uma actividade intensa.

PROFISSÃO: As suas influências astrológicas para esta semana apresentam-se duma maneira geral pouco favoráveis para si, no que diz respeito aos seus assuntos de natureza profissional. As suas actividades desenvolver-se-ão a um ritmo talvez um pouco lento, mas não deve impacientar-se com isso, pois não remediaria nada.

SAÚDE: Procure levar uma existencia calma e tanto quanto possívrl regrada, a fim de evitar possíveis complicações de saúde, durante este período.

Taurus

Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio

AMOR: Se tem em vista qualquer iniciativa importante, no plano das suas relações amorosas, é este o momento mais indicado para agir pois os resultados serão muito favoráveis para si. Sob o ponto de vista familiar o período será inteiramente normal, sem nada de especial a assinalar.

DINHEIRO: A semana em curso será bastante favorável para os seus interesses financeiros. Pode sem receio assumir novas responsabilidades, pois estará em condições de o fazer.

PROFISSÃO: Sob o ponto de vista profissional o período apresenta-se bastante favorável para si, sobretudo se as suas actividades são de carácter artístico ou intelectual. De qualquer modo obterá êxitos bastantes significativos através do seu trabalho habitual.

SAÚDE: Também no que diz respeito à sua saúde e semana em curso se apresenta bastante propícia, não havendo motivos para inquietações a este respeito.

Gemini

Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho

AMOR: Este período apresenta-se sem dúvida muito favorável para si, no que se refere aos seus interesses de ordem amorosa, familiar e social. À medida que os dias forem passando irá verificando que os seus problemas se irão simplificando progressivamente, até serem finalmente resolvidos em condições muito vantajosas.

DINHEIRO: Aproveite este momento para tomar iniciativas, que poderão elevar sensívelmente a sua posição económica. Os seus esforços terão a merecida recompensa.

PROFISSÃO: Período muito favorável para as iniciativas profissionais, seja qual for a natureza das suas actividades. Surgirão certamente novas e interessantes oportunidades, que deve estudar com toda a atenção para em seguida poder tirar todo o partido delas.

SAÚDE: As suas influências planetárias para esta semana são favoráveis no que diz respeito à sua saúde. No entanto nunca é demais recomendar-lhe prudência.

Cancer

Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho

AMOR: Os aspectos planetários que dominarão a sua existência durante esta semana não se apresentam muito favoráveis em relação à sua vida sentimental e familiar. Domine os seus impulsos e seja mais constante na sua vida amorosa. Todos os assuntos desta natureza terão de ser tratados com muito cuidado e inteligência.

DINHEIRO: A sua vida financeira decorrerá durante esta semana em circunstâncias pouco agradáveis para si. Terá de enfrentar a má vontade e a oposição de alguns colegas de trabalho ou ou superiores, o que se reflectirá desfavoràvelmente nas suas receitas, nos seus ganhos.

PROFISSAO: Terá de trabalhar com muito afinco e perseverança durante a semana em curso, pois será essa a única maneira de conseguir manter a sua posição num plano mais ou menos firme. Seja prudente em todas as suas atitudes.

SAÚDE: O seu estado de saúde requer alguns cuidados da sua parte, durante a semana em curso, sobretudo no que diz respeito ao seu sistema nervoso.

Leo

Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto

AMOR: A semana em curso será um período de desanuviamento, no que diz respeito à sua vida sentimental. Terá oportunidade de resolver para sempre, e em condições satisfatórias, alguns problemas que se vinham arrastando e que lhe têm dado muitas dores de cabeça. Sob o ponto de vista familiar o período será de tranquilidade e harmonia.

DINHEIRO: Terá possibilidades de melhorar um pouco a sua situação financeira, durante este período, desde que se dedique com entusiasmo à defesa dos seus interesses e à realização dos seus projectos.

PROFISSÃO: Dará um novo e importante passo em frente, no que diz respeito ao êxito da sua vida profissional. Os seus assuntos profissionais serão com efeito amplamente protegidos pelas suas influências astrológicas desta semana, o que lhe dará a possibilidade de realizar algumas das suas ambições.

SAUDE: O período será bastante tranquilo e benéfico no que diz respeito ao seu estado de saúde, não havendo motivos para recear complicações de nenhuma espécie. No entanto será sempre útil usar de cuidado.

Virgo

Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro

AMOR: A sua vida familiar atravessa actualmente um período muito crítico e difícil, sobretudo porque se nota da parte de algumas pessoas uma intenção deliberada de prejudicar a sua posição. Mantenha-se numa atitude de defesa, procurando anular e vencer as manobras que não deverão ser desenvolvidas contra si, durante este período.

DINHEIRO: Também no aspecto financeiro o período em curso poderá apresentar-lhe algumas armadilhas, nas quais cairá certamente se não abrir os olhos a tempo. Desconfie de tudo e de todos, pois o momento é muito perigoso.

PROFISSÃO: Será criada a sua volta uma teia de calunias e alusões mal intencionadas, que terão o objectivo único de prejudicar a sua reputação profissional, o seu prestígio. Mantenha-se vigilante contra essa eventualidade, pois disso depende o seu futuro.

SAUDE: Sob o ponto de vista físico a semana será mais ou menos normal, havendo a assinalar a possibilidade dum resfriamento ou constipação sem consequências.

Libra

Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro

AMOR: Os seus assuntos de natureza sentimental evoluirão em condições bastante monótonas, sem que surjam acontecimentos ou situações susceptíveis de despertarem alguns interesses da sua parte. No entanto não será conveniente precipitar as coisas, pois poderia estragar tudo.

DINHEIRO: As suas previsões pecarão por demasiado optimismo, no que se refere aos seus ganhos monetários. O período não é mau, mas não será tão bom como deseja e espera. Aguarde que a situação melhore por si.

PROFISSÃO: Não seria de maneira nenhuma aconselhável desenvolver esforços no sentido de modificar a sua situação profissional. Qualquer tentativa que faça será irremediàvelmente votada ao insucesso. Prossiga portanto no seu trabalho habitual e deixe para mais tarde as iniciativas que tenham em vista.

SAUDE: E natural que durante esta semana experimente uma certa sensação de desapontamento, de frustração, que pode ter efeitos perniciosos sobre o seu estado de saúde.

Scorpius

Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro

AMOR: Este é o período mais perigoso do ano, no que se refere aos seus interesses amorosos. Tem vindo a criar-se à sua volta uma situação tão periclitante que é muito provável que durante esta semana se desmoronem todos os seus sonhos e ambições neste capìtulo. Procure limitar os danos, adoptando uma atitude compreensiva e tolerante.

DINHEIRO: As suas influências astrológicas para esta semana apresentam-se bastante favoráveis para si, no que se refere aos seus interesses financeiros, sendo de esperar que possa melhorar grandemente a sua situação material.

PROFISSÃO: Não são de esperar acontecimentos importantes durante esta semana, no âmbito das suas actividades profissionais. Deixe que o seu trabalho se vá desenvolvendo naturalmente, dentro da rotina habitual, pois o momento não é indicado para iniciativas.

SAUDE: Tome todas as precauções possíveis contra a possibilidade de acidentes, e sobretudo de queimaduras, a que está muito exposto esta semana.

Sagittarius

Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro

AMOR: Abrir-se-ão perspectivas muito interessantes para si, durante a semana em curso, em tudo o que diz respeito à sua vida familiar. Terá possibilidades de mudar de rumo, de modificar a sua situação num sentido verdadeiramente auspicioso para os seus interesses.

DINHEIRO: Se tem preocupações a respeito de assuntos referentes a heranças, poderá durante esta semana eliminá-las por completo, pois a semana é muito favorável para esses assuntos.

PROFISSÃO: Se pensa mudar de emprego ou dedicar-se a uma actividade diferente, isto é, se também tenciona alterar profundamente a sua vida profissional, é este o momento mais indicado para realizar esse projecto. Serão favorecidas todas as iniciativas que tomar nesse sentido.

SAÚDE: Não se observam indicações de doenças importantes durante esta semana. Em todo o caso será aconselhável manter-se vigilante.

Capricornius

Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Tome todas as precauções necessárias para evitar uma ruptura sentimental que poderá ser definitiva, e que, a concretizar-se, seria grandemente desfavorável para os seus interesses. No plano familiar poderão igualmente surgir alguns contratempos, que no entanto serão pouco importantes e poderão ser fácilmente resolvidos.

DINHEIRO: E possível que venha a obter alguns ganhos através de jogos ou especulações financeiras, mas não exagere as suas tentativas nesse campo.

PROFISSÃO: Se as suas actividades profissionais se desenvolverem a um ritmo demasiado lento, durante a semana em curso, não se impaciente nem se preocupe demasiado, pois isso não significaria o fracasso, de maneira nenhuma. Habitue-se a saber esperar, pois os frutos do seu trabalho não deixarão de surgir no momento adequado.

SAUDE: A parte superior das pernas é o ponto mais fraco, durante esta semana e, que estará mais exposto a perturbações. Use de cuidado especialmente contra o reumatismo.

Aquarius

Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

AMOR: Não se preocupe demasiado com alguns atritos que se verificarão durante esta semana nas suas relações familiares. Quanto mais importância der ao assunto maiores serão as suas dificuldades.

DINHEIRO: Tenha cuidado com as despesas extraordinárias, que poderão desequilibrar por completo o seu orçamento e dar origem a grandes preocupações futuras.

PROFISSÃO: Não hesite em tomar medidas drásticas, se o estado actual das suas actividades e interesses profissionais o exigirem. Sobretudo não lance mão de soluções parciais, de remendos, pois com isso apenas conseguiria adiar o momento em que terá de enfrentar a situação a sério.

SAÚDE: Vigie cuidadosamente o funcionamento do seu aparelho circulatório, que poderá registar alguns desarranjos sérios no seu funcionamento.

Piscis

Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março

AMOR: Durante esta semana é sobretudo a sua vida familiar que atrairá a sua atenção. Estude com todo o cuidado a situação do lar e tome as medidas que se revelarem necessárias para resolver os problemas existentes. No plano sentimental tudo corre normalmente.

DINHEIRO: Não se deixe entusiasmar demasiado por algumas propostas de negócios que lhe sejam feitas durante esta semana, pois não haverá nada de concreto a aproveitar daí.

PROFISSÃO: Dedique-se com todo o cuidado e força de vontade à execução das suas tarefas, à realização dos seus empreendimentos e iniciativas, no plano profissional, pois o êxito está perfeitamente ao seu alcance. Não se fie em promessas de auxílios, conte apenas consigo próprio.

SAÚDE: Período bastante favorável para si, no que se refere ao seu estado de saúde. Se está doente registará sensíveis melhoras.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM um Negócio IMPORTANTE Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef 724162 — LISBOA

de MARIA JUDITE DE CARVALHO

O QUADRO

(DE UMA NOVELA EM PREPARAÇÃO)

Um dia Mademoiselle Weber (Jeanne) entrou lá em casa.Trouxe-a o avô, embrulhada em papel pardo. Era o seu presente de casamento, presente luxuoso que logo apagou todo o resto. É certo que essa chegada provocou um quase corte de relações com o resto da família enquanto o avô foi vivo, total logo que ele morreu. Porque, embora ninguém acreditasse nos pregaminhos de Jeanne, a dúvida pairava no ar. Sem a visita de um perito ninguém podia ter uma certeza, mas o velho, talvez receando uma desilusão, recusou-a sempre terminantemente. Logo que Mademoiselle Weber foi viver lá para casa, a suspeita passou a ser mais densa, quase pesada. E se o velho tivesse razão, e a pequena tela, encontrada num sótão de Toulouse e comprada por uns cobres, fosse autêntica? Ninguém queria entrar naquela casa e dar com o rosto tranquilo, o sorriso giocondiano dela. Não e não. Há bastantes anos, pois, Mademoiselle Weber, eu e o Duarte.

Nos primeiros tempos ele entrava em casa, dirigia-se logo para a sala de estar, fazia uma mesura engraçada: «Dá licença, Mademoiselle Weber? Não se importa que fume, Jeanne?» Coisas assim.- «Nunca a vendas», tinha recomendado o avô. «Ou então se precisares muito de dinheiro procura um negociante honesto e que saiba do oficio. Cada vez estou mais convencido... Lembra «Madame Gonse» mas não tem nada de um pastiche. É uma mulher bem viva. Existiu sem dúvida. Não é uma tela à maneira de. Sente-se que não é.»

Creio que te vou vender, pensei no dia em que li no jornal a morte da Alice, minha antiga colega de liceu. **Que dizes, Mademoiselle Weber? Não respondes? Aposto que te sentes chocada com esta separação para todo o sempre, mas um dia tinha que ser, não somos etèrnos. Estás a ver a Alice? Na flor da vida, como se diz. Passaste aqui quinze anos, já tinhas, vejamos, cento e dez, cento e mais? Creio que te vou vender.**

O negociante sério apareceu uma tarde. Entre as cinco e as sete, tinha-lhe eu dito ao telefone. Se era para vender ou só para avaliar. E observava tudo espantoso. A telazinha luxuosa estava, claro, deslocada no ambiente. Mesmo ao lado de Mademoiselle Weber uma mesa cheia de papeis, duas garrafas vazias que tinham ficado esquecidas, um cinzeiro com pontas de cigarros.

«Vendê-la? Vender Mademoiselle Weber?» espantei-me, virtuosa. «Não sei, não tinha encarado essa hipótese. Enfim, se valer a pena, se valer mesmc a pena, não digo que não...»

«Sabe o que tem em casa?» arriscou o homem com ar casual. Movia-se no escuro e não queria dar um passo em falso.

Ora eu não ajudava nada. «Sei. Suponho que sei. Suspeito, pelo menos, embora, claro está... Não é verdade?»

«Para avaliar então...» Olhava outra vez o mobiliário e os objectivos aqui e além, e os papéis e as garrafas, era bom não esquecer as garrafas. Depois curvava-se, olhava atentamente, estudava um dos cantos da tela, procurava algo que devia ali estar e não estava.

«Não procure. Claro que não está assinada».

«Vale muito menos. Vale...»

Portanto o avô tinha razão. «Quanto?»

«Quanto espera?»

«Muito. Enfim, bastante, quero dizer. Não estou com a corda na garganta. Trata-se, como direi? de uma espécie de corte de relações. Como se estivéssemos fartas uma da outra. Mas não tenho pressa.»

Aquilo do corte de relações deixou-o estupefacto. Que ia pensar, que voltaria.

«Ao fim da tarde estou sempre em casa.»

Daí a dois dias apareceu de novo. Havia alguém interessado. Um americano. Se sabia como eram os americanos...Crianças grandes.

«Com muitos dólares.»

«Com muitos dólares, claro,. Se não fosse isso quem ia suportá-los, aqui na Europa? Este encarregou-me de lhe arranjar um bom quadro. Está aí a tratar de uns negócios e aproveitou... Parece qué tem uma parede vazia, há anos, à espera de que a mulher se decida sobre a época ou a escola ou a nacionalidade que prefere. A mulher tem pensado longamente no caso e optou pela arte francesa. A pintura abstracta não lhe diz muito, mas não quer ao mesmo tempo passar por antiquada. De modo que o meu americano resolveu o problema levando-lhe dois quadros. Para todos os gostos. Em França arranjou um Soulages muito bonito. Mas queria outro que fosse mais indiscutível em Santa Rosa».

«Este é discutível. Não está assinado.»

Não respondeu, de distraído, a olhar a tela.

«Folgo muito», disse eu. «Como deve compreender».

«Posso trazer cá o meu americano?»

«Claro que pode.»

Mister Perizzi era ítalo-americano e estava disposto a ir até aos cinquenta contos. «Bem vê, não está assinado...», traduziu o negociante honesto.

Era doloroso pensar que ela ia passar para aquelas mãos gordas e vermelhas de rei de qualquer coisa ligada a conservasde carne, que ia ouvir diàriamente aquela voz convicta de que o dinheiro compra tudo em qualquer parte do mundo. Uma parede vazia, ora vejam lá. Como seria Mrs. Perizzi? Gorda também e coberta de joias? Era. Devia ser. Levantei-me e representei um pouco o papel de pessoa-com-amizade-às-coisas. Mas não o teria mesmo amado, àquele quadro, não teria ele explicado, de certo modo, a minha existência, até ao dia da noticia necrológica? A jovem Jeanne sorria mais do que era costume, parecia entusiasmada. **Apetece-me viajar, Mademoiselle Weber? Diz-te alguma coisa o novo mundo? Mister Perizzi não te desagrada totalmente? Não o achas, como direi... horrível?**

Acho Mister Perizzi muito simpático. Depois, os Estados Unidos, compreendes? Haverá piscina lá em casa?

Procurei o meu inglês já esquecido. Não era pergunta para o negociante honesto fazer. «Do you have your own swimming pool?»

Ei-lo espantado pela primeira vez. «Yes, but...»

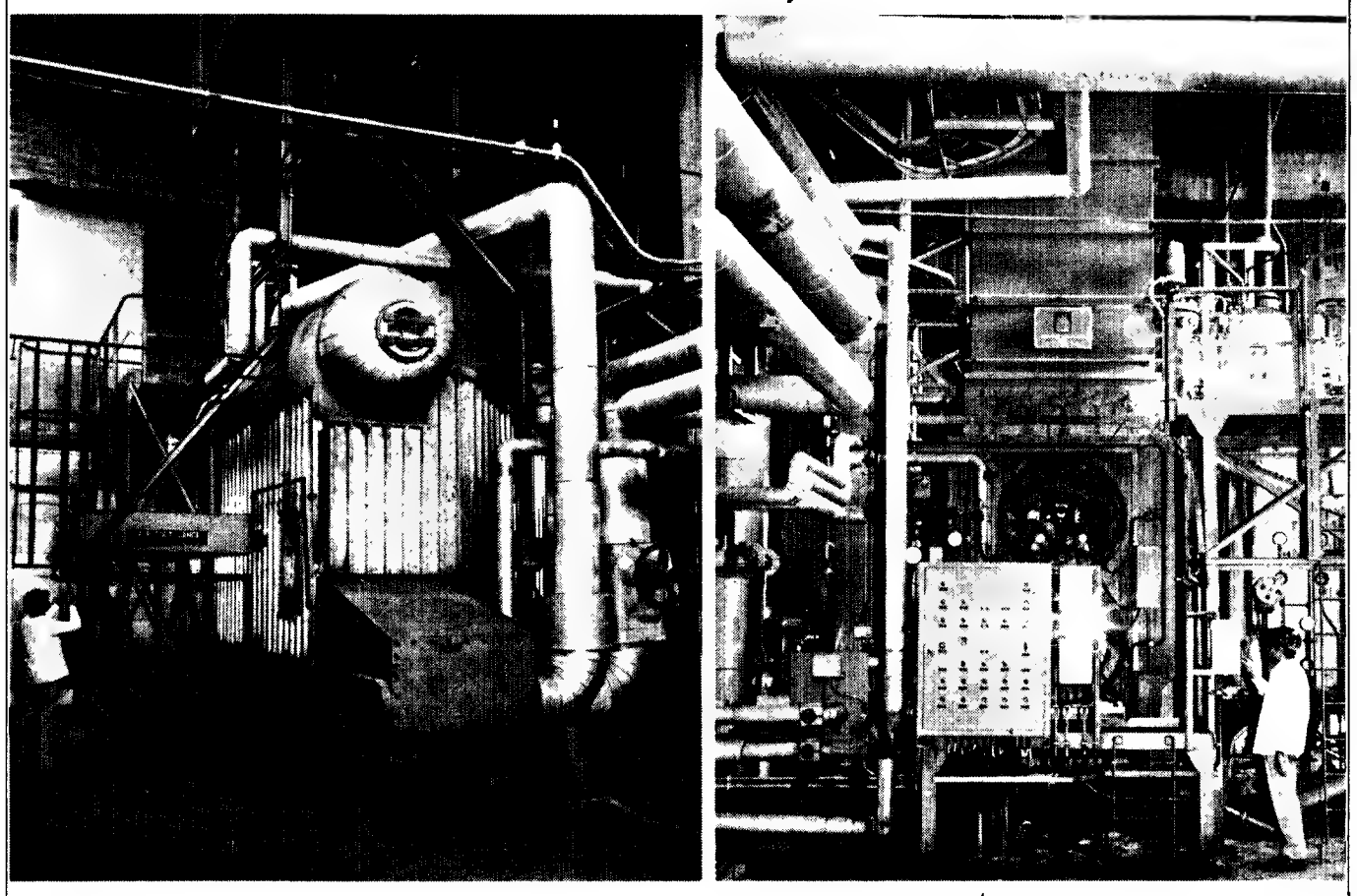
Tem.

Vou com Mister Perizzi. Uma rapariga da minha idade, compreendes? Vivia muito só aqui em casa. Nota que não estou a censurar-vos. Têm a vossa vida, claro. No entanto...Espero que os Perizzi gostem de conviver e me apresentem gente interessante. Mas não te deixes enganar. Margarida. É homem com piscina, com parede à espera. Pode pagar. Vejo na cara dele que está apaixonado por mim.

«Cem contos, nem menos um tostão. Porque a tela não está assinada, pois claro. Porque é pequena.» **Porque estou farta de ti, Mademoiselle Weber.**

A CUF PRESENTE NA CELTEJO

CELULOSE DO TEJO, S.A.R.L.



FORNECIMENTO DA INSTALAÇÃO DE VAPOR AUXILIAR

CALDEIRA MONOBLOCO

CARACTERÍSTICAS

Tipo		19 VP 12 W
Timbre		70 Kg/CM²
Produção	Normal	25 Ton/H
	Ponta	30 Ton/H
Pressão de serviço		63 Kg/CM²
Temperatura sobreaquecimento		460° C.
Rendimento real		90,88 s/ PCI

Três automobilistas vitimados pela sede no deserto do Saharã

O fim trágico de três jovens franceses recentemente mortos de sede no deserto do Sara chama a atenção para esta forma de turismo que se desenvolve de ano para ano: a travessia do deserto num automóvel particular.

Em cada ano várias centenas de turistas atravessam o grande deserto dentro dos seus automóveis, quer isoladamente, quer em grupos de alguns veículos, seguindo três grandes eixos: por Marrocos, a antiga «pista imperial n.º1», que liga Agadir a Dakar; pela Argélia, a «pista ocidental» entre Béchar e Gao,, no Níger; e a «pista oriental», de El Goléa a Agadez, passando pelo Hoggar. Esta última é a mais interessante do ponto de vista turístico.

Em principio as três pistas são praticáveis para todos os modelos de automóveis, mas a predilecção dos viajantes incide sobre os «Citroën 2 CV», «Renault, 4L», «Volkswagen Combi» e, para os mais afortunados, o «Land Rover», rei da pista. Tanto se encontram veículos novos como velhos, e mais ou menos em bom estado.

Os condutores podem ser classificados em duas grandes categorias: organizados e fantasistas. Os primeiros estudam minuciosamente o trajecto, recolham informações da boca de viajantes que já percorreram «a sua pista», trazem todos os instrumentos, pneus sobressalentes, placas para tirar o carro das areias, etc. Os seg u n dos decidem-se numa bela manhã de férias, a ir dar uma volta até Àfrica, e partem sem preocupação, com um automóvel em mau estado, por vezes sem qualquer equipamento para reparar uma avaria. Na Nigéria encontrámos um viajante que se gabava de ter atravessado o Sara num automóvel velho, já com 10 anos, comprado dois dias antes da partida e sem ser revisto...

PRECAUÇÕES

Tendo atravessado recentemente o Sara pela pista de El Goléa a Agadez, podemos afirmar que esta viagem está ao alcance de qualquer pessoa, sem perigo excessivo, se nos rodearmos de algumas precauções indispensáveis:

- Fazer a viagem no Inverno e não no Verão. Infelizmente, por causa dos imperativos das férias, muitos estudantes partem no Verão, apesar das recomendações oficiais que «desaconselham vivamente» a viagem durante este período do ano. Percorremos o Sara em Dezembro-Janeiro e nunca sofremos com o calor. Bem pelo contrário, vestimos muitas vezes as nossas camisolas!
- Verificar o estado mecânico do veículo e trazer as peças isoladas mais correntes, assim como o necessário para uma reparação e para tirar o carro da areia. Não sobrecarregar o aveículo (um máximo de duas pessoas por automóvel, em virtude do peso considerável de água e de gasolina a transportar).
- Calcular correctamente as reservas de gasolina e de água. O consumo habitual de carburante deve ser acrescido de 50 por cento sobre a pista. No que respeita à água, não contar com os poços indicados no mapa, porque estão quase todos abandonados e atulhados. Só se pode encontrar água nas localidades.
- Nunca se afastar muito da pista. Quando se tornar necessário sair dela, por causa do risco de ficar preso na areia (a areia fresca «aguenta melhor» do que os antigos carreiros), continuar constantemente a segui-la com os olhos. Uma tentação à qual é sobretudo preciso não ceder é a de perseguir uma gazela vista ao longe ou «ver mais de perto» a montanha de formas estranhas que se desenha no horizonte. Cita-se o caso de viajantes completamente perdidos a alguns quilómetros da pista.
- Manter-se nas grandes pistas, assinaladas nos mapas, e não se aventurar ao acaso nas pistas secundárias, muito pouco frequentadas.
- Na medida do possível, viajar com vários veículos. O turista isolado encontra sempre, à saida de Tamanrasset, um automóvel ou um camião na companhia do qual pode continuar a sua viagem.

SEGURANÇA

E eis o que há a dizer quanto ao viajante. Resta acrescentar algumas palavras para a outra parte: a autoridade que se encarrega da segurança dos turistas no seu território. Na Argélia o viajante que se dirija para um troço de pista desértica deve declarar à polícia o seu destino e a data provável da sua chegada, o que lhe dá teòricamente a segurança de ser procurado, no caso de dasaparecimento prolongado entre os dois pontos.Infelizmente esta vigilância pára em Tamanrasset. Daí em diante ninguém mais controla as chegadas e partidas dos automóveis, nem mesmo o pessoal dos postos de fronteira, que se contenta em fiscalizar os passaportes. A única salvaguarda do turista é a pista, com as suas balizas mais ou menos próximas ou afastadas, e o encontro com um outro veículo, em caso de avaria. Numerosas balizas destruídas não voltaram a ser substituídas e um par de binóculos torna-se precioso para descobrir, ao longe, o insignificante marco metálico indicativo do bom caminho. É certo que, com muito de atenção e de prudência, há poucos riscos de nos perdermos, mas parece-nos que as autoridades argelinas e nigerianas são, no entanto, culpadas de negligência. Não seria muito dispendioso colocar algumas centenas de marcos suplementares entre Tamanrasset e Agadez, e isso aumentaria consideràvelmente a segurança. Em vez de importunar o turista com diversas formalidades (o viajante que chegue a Agadez de manhã deve esperar até às 17 horas para que o seu passaporte seja visado pelo comissário da polícia, a única pessoa habilitada, que só assina a essa hora!) o governo nigeriano faria melhor em colocar alguns marcos indicadores entre a fronteira e Agadez, onde, por erro, se corr o risco de nos aventurarmos numa pista secundária pouco frequentada.

E de desejar que o recente drama acontecido na Nigéria encorage, por um lado, os turistas a rodearem-se do máximo que no Sara depende disso, tro os governos argelino e nigeriano a colaborar para assegurarem uma segurança eficaz dos viajantes. O futuro do turismo na Saharà depende disso, ainda por muitos anos, dado o grande projecto da estrada asfaltada trans-sariana só estará provàvelmente acabado daqui a uma dezenas de anos.

Companhia de Combustíveis do Lobito

«PURFINA»

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SEDE NO LOBITO

CAPITAL ESC. 75 000 000$00

Aumento de Capital de 75 000 para 100 000 contos

Nos termos do Artigo 7.º dos Estatutos, foi deliberado proceder ao aumento de capital da «PURFINA» de 75 000 para 100 000 contos.

O referido aumento é feito pela incorporação de 25 000 contos da Reserva Especial mediante a emissão de 250 000 novas acções, do valor nominal de Escudos 100$00 cada uma, que, contra a apresentação do cupão n.º 42, serão entregues, liberadas. aos Senhores Accionistas, na proporção de 1 nova acção por cada 3 acções que possuirem. As novas acções terão direito ao dividendo que vier a ser atribuído pelo exercício de 1971.

Convidam-se os Senhores Accionistas a apresentarem. dentro do prazo de 60 dias, na Sede, no Lobito, ou em Lisboa, na Rua da Prata. 51, 6.º, os referidos cupões, devendo na mesma ocasião preencherem os boletins para a indicação da espécie e número dos novos títulos.

Lobito, 15 de Outubro de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

«OS MODESTOS» EM LISBOA

Está a despertar interesse o espectáculo que o «Grupo dos Modestos» (do Porto) vai apresentar, no próximo dia 30, à tarde e à noite, no Teatro Vasco Santana, em Lisboa.

Dirigido por Júlio Cardoso, o agrupamento nortenho exibe-se na peça «histórias para serem contadas» (de Osvaldo Dragun), com tradução de Costa Ferreira, cenários de Fernando Filipe e interpretação de Estrela Novais, Diamantino Silvestre, Raúl Dique, Fonseca Guimarães e Artur Jales.

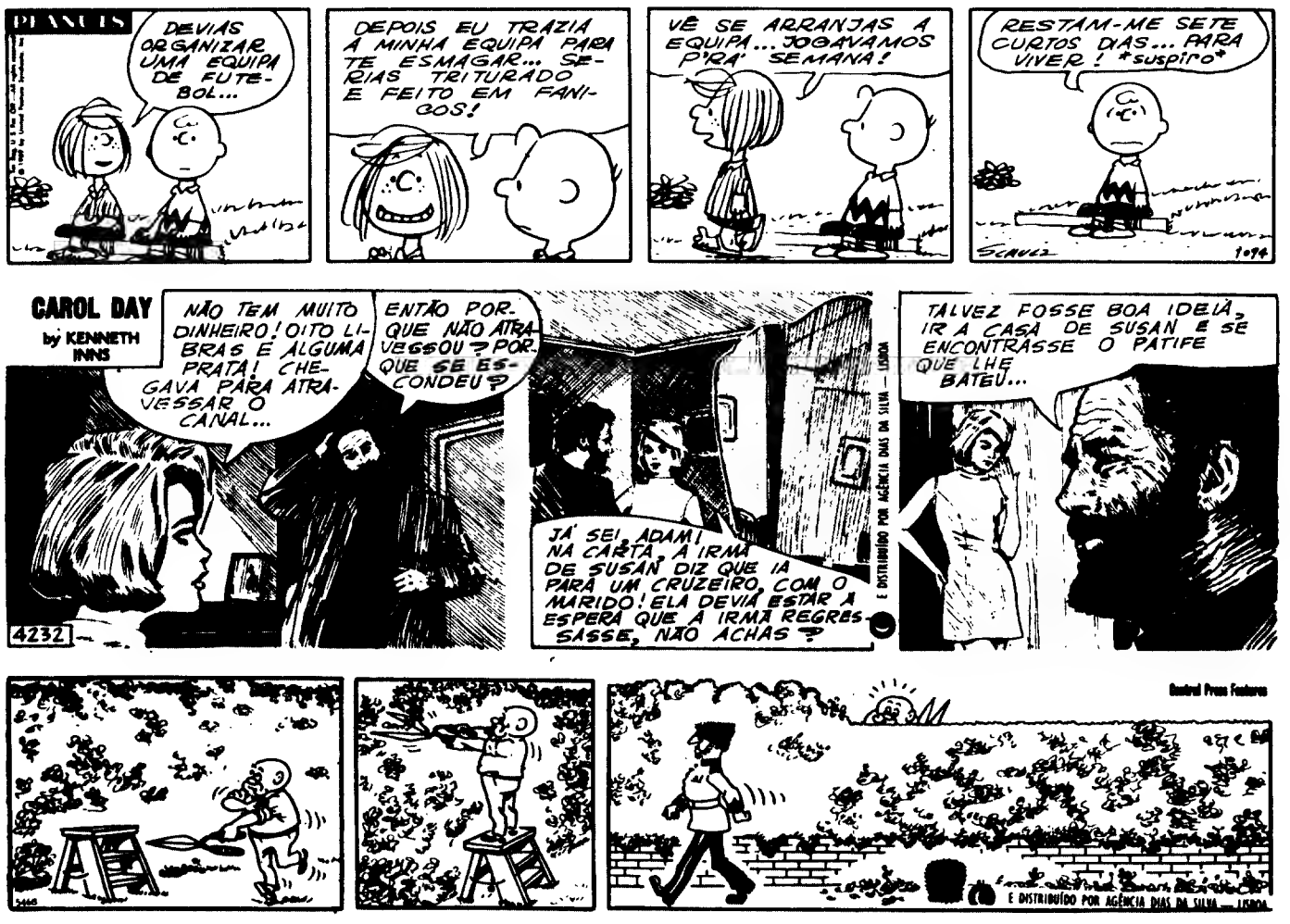
HOMENAGEM Á SIMONE

Simone de Oliveira vai ser homenageada pela Comissão de Festas da Moita, no decorrer de um festival marcado para a noite do próximo dia 30 do corrente, na Praça de Toiros da localidade.

No programa colaboram alguns dos nomes mais salientes no nosso meio artistico.

A Alemanha exporta anões

Na República Federal da Alemanha produzem-se anualmente 1,2 milhões de anões para os jardins, dos quais 40 por cento se exporta para 30 países do mundo. Há quem afirme que são considerados símbolos da actividade, do bom-comportamento e do aconchego peculiares alemães. Na República Federal da Alemanha cerca de dois terços da população manifestaram uma «atitude positiva» perante os anõeszinhos. Outros vêem neles um símbolo do horizonte limitado.



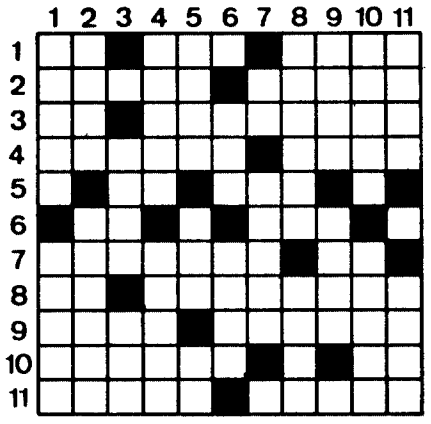
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 9896

HORIZONTAIS:

1. Preposição e artigo definido. Punhado. Protecção
2. Gostais muito de. Divisões de uma casa.
3. Em a. Cidade de Itália.
4. Arvore da India. Ninhos.
5. Sufixo que designa estado. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Asia.
6. Antes de Cristo. Pronome pessoal.
7. Abater. Bromo (s.q.)
8. Nota musical Dominares.
9. Glóbulo. Temeroso.
10. Cause agastamento a. Abreviatura que se usa em musica.
11. Curou. Guarnecera de asas.



VERTICAIS:

1. Condenas. Grupo de talofitas que apresentam núcleos celulares, germes e leucitos.
2. Estimam. Sogre (fig.)
3. Contracção da preposição a com o artigo definido a. Lábios. Rio da Suiça.
4. Amimar. Furioso.
5. Guarnecer de asas. Liga. Pronome pessoal
6. Filtra. Preposição.
7. Pronome reflexo. Desperdiça. Artigo definido.
8. Sensual. Aves pernaltas.
9. Fazer voar. Descerrei.
10. Aves palmípedes. Operário salineiro que conduz a água para os viveiros.
11. Pegas. O mesmo que sopeira (pop).

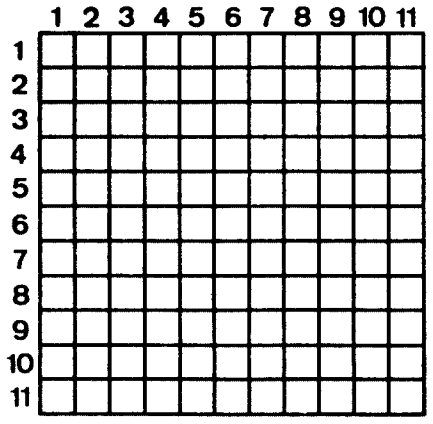
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6054

HORIZONTAIS:

1. Cidade da Polónia. Planta leguminosa.
2. Pequena barra de oito que serve de moeda entre os Japoneses. Nome de fruto. Escarneces.
3. Ramo delgado de árvore. (bras.). Feiticeira.
4. Cidade de França. Apalpar.
5. Pessoa que foi vítima da sua própria ambição (fig.). Poeta e gramático grego do século III A. C. autor de epigramas e poemas místicos.
6. Pequeno poema da Idade Média narrativo ou lírico.
7. Repete.
8. Que consta de três. Naipe das cartas de jogar.
9. Grita (Fig.). Chão.
10. Rate. Calote (pop.). Matemática (Abr.)
11. Endocardite maligna lenta. Atado.



VERTICAIS:

1. Resumi. Tolero.
2. cinge. Curso de água natural e abundante (pl.)
3. Mão. Competidor.
4. rio da Suiça. Eia!
5. Despido. Salário. Crómio (s. q.)
6. Li. Preposição e artigo definido. Bário (s.q.)
7. Aqui. Conjunto de clãs. Abreviatura que se usa em música.
8. Tritura. Troças.
9. Serra do Brasil. Perfume.
10. Ladino. Panelas.
11. Planta vivaz e medicinal. Peixe do género siluro.

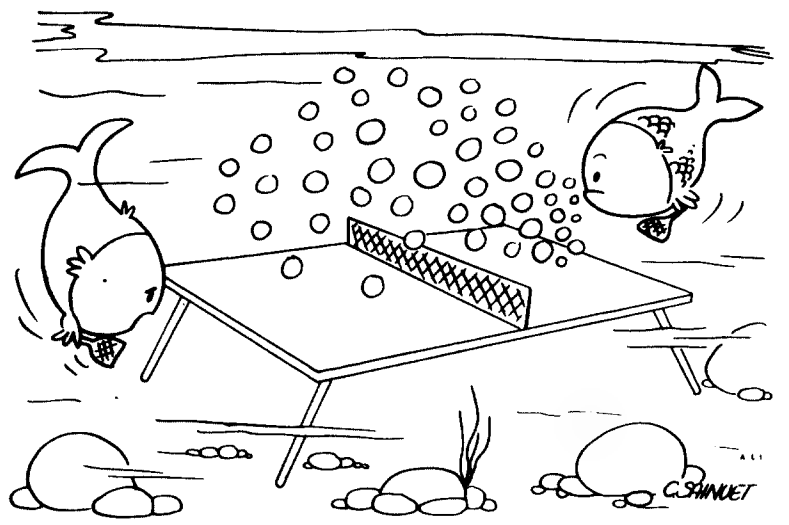
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9895

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 DADIVAS. Er.	1 QUEBRANTAM.
2 Que. Mil. Piã.	2 Dura. Ocaria.
3 Urro. Temi.	3 Aer. Deã. Ero.
4 Ea. Madrid.	4 Omar. Amem.
5 Dam. Urra.	5 Im. Amassa.
6 Roera. Soara.	6 DCIV. SS.
7 Aca. SSS. Sem.	7 Al. Russas.
8 Na. Assão. Se.	8 Tiro. Oiro.
9 Trema. Sinta.	9 PEDRAS. Nús.
10 Aire. Ruar.	10 Fim. Arestas.
11 Maomé. Cossa.	11 Raiz. Ameara..

Provérbio: DADIVAS, QUEBRANTAM PEDRAS.

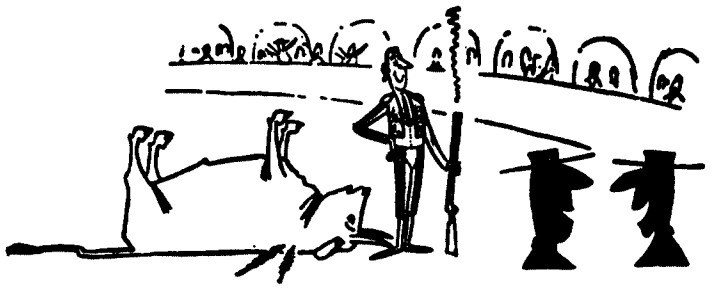
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6053

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Safam. Safed.	1 Salga. Rodes.
2 Amola. Atino.	2 Amaro. Atire.
3 Laico, Limam.	3 Foi Sãs. Arc.
4 Gr. Ta.	4 Alca. Anão.
5 Aos. Irã. Mar.	5 Mão. Ira. Ais.
6 Arrumai.	6 Prumo.
7 Ras. Amo. Lia.	7 Sal. Amo. Nas.
8 To. Ms.	8 Atiá. Loba.
9 Diana, Novas.	9 Fim. Mil. Val.
10 Errai. Abana.	10 Enata. Immana.
11 Secos. Salas.	11 Domar. Assas.

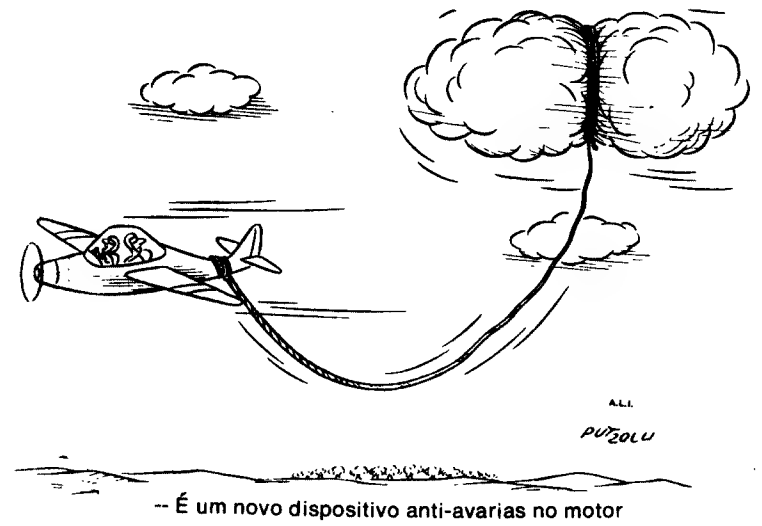


-- E se deixásses de fazer bolas?!

PONTARIA!



Sem legenda



-- É um novo dispositivo anti-avarias no motor

Euro-Pacific
Joint Service

Para:

LOS ANGELES — SAN FRANCISCO
PORTLAND — VANCOUVER
E SEATLE

n/m. «Korendijk» em 27/28 do corrente
aceita carga em contentores e porão normal

Os Agentes Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — TEL. 322271 | 33255 | 361267
Lisboa-2 Portugal

END. TELEGR. ANTUNITA TELEX 1181 - OREY, P
APARTADO 2233

A LONGA ESPERA

À uma e onze o rapaz do Bairro Alto, dourador de sua outra profissão, tinha no pêlo a faixa e o escudo de campeão. Quantos anos depois? Quantos anos mais tarde: o último campeonato, é quase tão velho como o sonho do menino pobre que chega, em Outubro de 71, ao título de campeão da sua terra. E, enquanto Anjos vive no céu, deixa caír as lágrimas e solta abraços, atira beijos à tôa e pega impetuosamente no ex-adversário de ideal para o carregar sobre a sua cabeça (naquele instintivo gesto de quem presta homenagem à coragem e ao brio) eu dou por mim a pensar se vale a pena ser campeão de qualquer coisa.

Na mesa, muito impautes, os que parece terem na mão os cordelhinhos do jogo já não esgrimem palavras de ameaça contra os circunstantes mais próximos: os que, talvez porque pagam o bilhete mais caro, já estão habituados a conhecer de perto quem manobra e imprime as regras da esgrima.

A um canto, cabisbaixo, o moço do Porto afaga o rosto em toques leves, macios, sem brusquidão. A pele ainda está vermelha: e ele, em desabafo, não se esquece de contar a quantos mal o vêem já, que abalou do Norte sem autorização do clube em que serve, sem licença para pugilista profissional, sem cartão (sequer) que confirme aptidão física para a rudeza duma luta pública, essa espécie de certificado do Centro de Medicina Desportiva que deve fugir dos escrúpulos dos federativos do boxe como o Diabo da cruz.

No ringue, Anjos sorri patèticamente. Era uma noite destas a meta com que sonhou anos e anos a fio. Era uma noite assim, só muito dele. Sem mais ninguém. Sem lugar, no cantinho obliterado das futuras recordações, para evocar o seu efémero companheiro de ringue. Ou aquele outro que está lá no fundo, meio sonegado pela multidão, agora já em despique com um arrebitar de consciência enquanto os outros homens só pensam no ídolo e estão-se nas tintas para o esmagado de há meia hora.

Uma longa, longa espera. Depois, um título. Que vale?

NEVES DE SOUSA

FORÇA AÉREA
CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS COM DESTINO A ESPECIALISTAS DA FORÇA AÉREA

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 260/70 de 30MAI70, está aberto concurso para admissão de mancebos voluntários com destino a Especialistas da Força Aérea.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

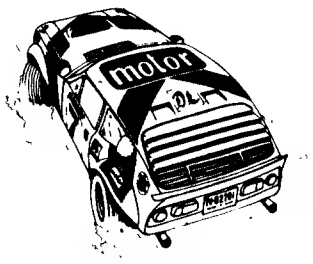
1. Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto do alistamento;
2. Se não for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se na Força Aérea;
3. Ter a altura mínima de 1,60 m e possuir a aptidão física necessária verificada pela Junta de Admissão da Força Aérea;
4. Ter como mínimo de habilitações literárias a aprovação no 1.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;
5. Ser solteiro ou viúvo, sem encargos de família;
6. Ter bom comportamento moral e civil e estar em pleno uso dos seus direitos constitucionais.

Têm preferência na admissão, os mancebos que se comprometerem a servir na Força Aérea por um período de seis anos.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos, ao Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1 - Rua Newton, 6 r/c., em Lisboa, até ao dia 30 de Novembro de 1971.

Lisboa, 20 de Outubro de 1971

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey
Major



O JULGAMENTO

ROMANCE DE
JOAQUIM DE AZEVEDO E SILVA

Um ponto de vista inesperado

LIVRARIA PETRONY — R. da Assunção, 90 — LISBOA

INSTITUTO COMERCIAL DO PORTO

Um decreto-lei do Ministério da Educação Nacional, publicado na folha oficial de hoje, autoriza,o Instituto Comercial do Porto a organizar, na cidade de Aveiro, uma secção na qual será ministrado o ensino do curso de contabilidade e o dos preparatórios para o ensino superior de Economia e Finanças.

O mesmo diploma converte em Instituto Industrial e Comercial o Instituto Industrial de Coimbra, nele passando a ser também ministrado, a partir do ano lectivo de 1972
1973, o referido ensino.

A Gerente
ILDA SANTOS

SURDOS
CASA SONOTONE

A gerente Ilda Santos, acompanhada de sua assistente chegou de Londres, onde assistiu à EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE DE AUDIOLOGISTAS, onde apresentaram as últimas novidades em prótese auditiva, para continuar-mos sempre na vanguarda de tudo o que de melhor existe para corrigir a surdez. Continuamos com a campanha do nosso aparelho MODELO 707 ao preço de 2.500$00.

As nossas CASAS esperam-vos em:
LISBOA — no Poço do Borratém, 33-s/1 — Telef. 86 83 52
PORTO — na Praça da Batalha, 92 - 1.º — Telef. 3 56 02
LUANDA — na Rua António Enes, 42-2.º
Apartamento 26 — ANGOLA

LONDRES
NATAL FEÉRICO
de 23 a 28 de Dez. (6 dias)

FIM DO ANO
De 28 Dez. a 2 Jan. (6 dias)

Preços desde 2.150$00

Incluindo viagem de ida e volta em avião de jacto especialmente fretado, 5 noites de hotel, pequeno-almoço, taxas, a visita de Londres em autocarro com guia-intérprete e os transportes do Aeroporto de Londres ao hotel e vice-versa.
O número de lugares é limitado.

PAGAMENTO ATÉ 12 MESES
Organização Viagens APOLO

Jogos Olímpicos

MUNIQUE 1972

Alojamentos à venda
"Atlântica"
RUA DO CAPELO, 4-A
TELEF. 36 92 81 (10 linhas)

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores del5 anos)

SNACK-BAR APOLO 70
av. Júlio Dinis - Lisboa
aberto todos os dias até às 2 horas da madrugada
deliciosos pratos típicos portugueses

TOSHIBA

A calculadora electrónica para a era espacial. Tão rápida como o relâmpago!

BC-1002

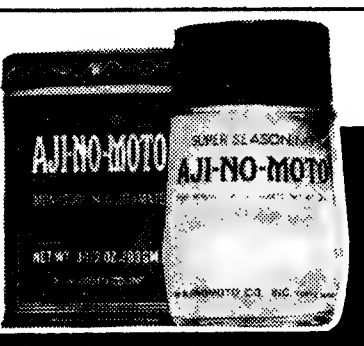
O modelo BC - 1002 representa a mais recente criação da Toshiba para a nova era da velocidade e eficiência nos negócios. Compacta e leve (pesa sòmente 1,9 kg) a calculadora Toshiba é completamente automática, realiza as 4 operações fundamentais, factor constante, selector de virgula, operações em cadeia, capacidade até 14 algarismos e muitas outras características de grande valor para a realização de todos os cálculos comerciais, científicos e técnicos.

Peça uma demonstração sem qualquer compromisso aos seus Representantes

TOSHIBA
TOKYO SHIBAURA ELECTRIC CO., LTD.
Tokyo Japan

Toshiba, em contacto com o dia de amanhã cuja qualidade e perícia electrónicas são famosas em 130 países

Representantes exclusivos em Portugal:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
LISBOA, PORTO, AVEIRO, BRAGA, BEJA



supergosto
uma pitada de **AJI-NO-MOTO®**
o mágico sabor
REALÇA O SABOR DE TODOS OS ALIMENTOS

Vestido de malha de seda de fantasia Polly-Peck, riscas formando losangos em preto, castanho e bege; mangas lisas e cós preto.

PARA AS CRIANÇAS

MARUJOS E JUDOCAS

Foi um belo sucesso, o recente salão da moda de Primavera para crianças, que, pela primeira vez, se separou do da moda infantil. Esta secção comercial não tinha qualquer lugar na confusão gerada por esta manifestação, que permite às mães de família ocuparem os seus filhos durante as pequenas férias de Novembro.

Perto de 9.000 compradores, tanto franceses como estrangeiros, deslocaram-se ao salão, realizado logo após a abertura das aulas, e esgotaram todos os «stocks» dos armazéns; os especialistas pensam que a secção de moda infantil deve conhecer uma importante expansão nos próximos anos.

A Primavera 1972 anuncia-se alegre e prática, tendo os fabricantes abandonado, também aqui, as excentricidades e o folclore em favor duma moda ligeira, fácil de usar, marcada pela facilidade dos movimentos, feitas de fibras de fácil duração. Este será o ano do pequeno marinheiro e do jodoka, com variações camponesas. A maior parte dos modelos que pudemos ver são andróginos, sobretudo no que respeita aos fatos de passeio e de praia. Haverá imensos conjuntos: camisas, blusas, «tea-shirts», coletes, «blazers» e blusões sobre as saias, «macacos» numa só peça, calças e calções de todos os comprimentos. Os vestidos das raparigas, com mais de doze anos têm um aspecto de «Alice no país das maravilhas», em algodão estampado ou de uma só cor, enquanto que as suas irmãs mais novas se vestirão com vestidos-aventais de todos os géneros, com alças cruzadas e reguláveis, que poderão usar com ou sem camisolas. Muitos motivos «pop» estampados ou aplicados por vezes termo-coláveis, amimam esta moda alegre e estival.

O branco volta a ser a cor dos recém-nascidos, e a partir dos nove meses os tons são vivos, ligeiramente acidulados, como as chupetas gigantes que enfeitam as partes da frente dos fatos: cor de laranja, amarelo-ouro, vermelho-forte ou verde, nas mais variadas malhas, assim como em estambre, em cambraia de linho ou em véu, enquanto que os «jean» em algodão ou em «jersey» continuam a ser os favoritos para os endiabrados.

DIÁRIO

Li um livro importante, «Le Travail au Feminin» de Robert Gubbels, e não resisto a transcrever a seguinte passagem: «O comportamento da mulher evolui e ela adquire uma liberdade cada vez maior, principalmente de vestuário. E isto é importante.

O traje pelos entraves que traz à liberdade de movimentos, foi sempre uma das maneiras de escravizar a mulher, de lhe proibir determinadas actividades. E o uso dos vestidos era obrigação estrita. A principal acusação feita a Joana d'Arc era ela usar roupas masculinas, evidentemente indispensáveis à sua vida de combate. Claro que a mini-saia não resolve nada. Apresenta mesmo um certo perigo; pode convencer as mulheres de que essa emancipação está feita, dar-lhe a impressão de que adquiriu uma liberdade que não está preparada para exercer. Não está preparada para ela, na medida em que toda a sua formação e toda a sua personalidade continuam condicionadas por concepções tradicionais que lhe conferem um papel limitado e um estatuto desigual».

EMÍLIA BRAVO

O QUE HÁ HOJE NA COZINHA

BOLINHOS FÁCEIS

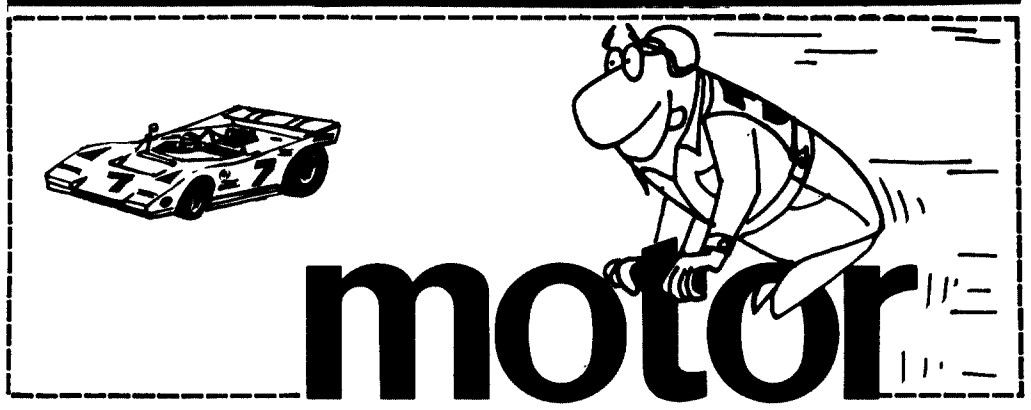
5 ovos e o peso destes em açúcar, farinha e margarina,
1 colher (de chá) de fermento
50 g. de amendoas.

Pese os 5 ovos, separando depois as gemas das claras.

Bata a margarina com o açúcar, até obter uma mistura esbranquiçada e homogénea. Junte-lhe as gemas, uma a uma, batendo sempre e adicione a farinha misturàda com o fermento, mexendo apenas o suficiente para a envolver. Junte, em seguida as claras batidas em castelo e deite a massa num tabuleiro bem untado com margarina e polvilhado com farinha.

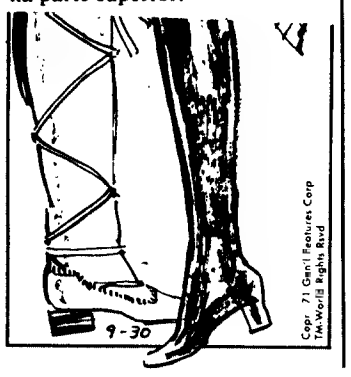
Corte as amêndoas em tirinhas e espalhe-as sobre a superfície da massa. Coze-se em forno quente.

Desenforme o bolo, deixe arrefecer e polvilhe com açúcar, antes de o cortar em palitos.



HORÓSCOPO DA MODA

Quando resolver comprar um par de botas, para o Outono/Inverno, que sejam de camurça. São muito elegantes, muito «à la mode» e, além disso bastante confortáveis. Para o dia-a-dia, aconselham-se as do novo estilo, até meio do joelho, atadas na parte superior.



«SAPATARIA DOBERT»

Últimas novidades

Homem, Senhora e Criança

R. Condes Monsanto, 2 - Tel. 866422
(À Praça da Figueira)

TERRENO INDUSTRIAL

Vende-se grande área, bons acessos. Todo ou parte, próximo Sacavém. Telef. 726110.

ATLÉTICO, 0 - CUF, 1

Jogar em casa : eis a questão

...E mais uma vez se comprovou que até as equipas ditas pequenas podem proporcionar bons espectáculos de futebol.

Pelo menos, assim aconteceu ontem na Tapadinha com o Atlético e com a Cuf - duas equipas sem pretensões mas que praticam um futebol vistoso e alegre.

Venceu a turma do Barreiro e, de certo modo, venceu convencendo. Praticando um futebol mais ligado, mais apoiado, com relevo para os homens do meio-campo (sobretudo Arnaldo), a equipa de Caiado foi, além disso, a que de melhores oportunidades dispôs. Antes do golo - concebido aos 19 minutos, por remate caprichoso e feliz, mas intencional, de Monteiro - já os cufistas tinham tido duas boas hipóteses de marcar. A primeira, aos 10 minutos, num livre que Arnaldo disparou fortíssimo e com lugar à espera nas malhas, não fosse a defesa espantosa de Carvalho. E cinco minutos depois M. Fernandes, só, completamente só, perante Carvalho, talvez por espanto, talvez por susto, não soube alterar o marcador. E a «redonda» saiu ao lado ante a amargura dos seus companheiros.

Já na segunda parte o mesmo M. Fernandes, bem solicitado por Capitão-Mor - era o quinquagésimo minuto da partida - tremeu o pé ante a rápida e oportuna saída de Carvalho a bola passou desta vez por cima.

Claro que o Atlético também lá estava. E também teve oportunidades. Mas nunca assim flagrantes como as dos homens do Barreiro. Na segunda parte sobretudo, a equipa - bem orquestrada por Pedro e Semedo e mesmo Baltasar, um defesa notável que quase ia conseguindo o empate - dominou e visou mais a baliza cufista, bem protegida por Conhé. Mas a sólida estrutura da defesa fabril acompanhada frequentemente da ajuda de Arnaldo, Fernando e Vítor Gomes - os homens do miolo - foi chegando para tudo. Houve um momento realmente infeliz para o Atlético aos 29 minutos quando, após sucessivos remates diante da baliza de Conhé (este já batido), a bola esbarrou em pernas, peitos e cabeças e nunca nas mãos ou braços como o afirmavam público e jogadores da casa. Um pouco antes já Raimundo tinha tido um remate forte e dirigido mas Conhé estava lá.

E mais não pode e mais não conseguiu a turma lisboeta. A equipa adversária defendia-se inteligentemente e a substituição de M. Fernandes, aos 30 minutos da segunda parte, por V. Pereira, visava não só dar mais frescura à equipa como sobretudo reforçar o meio-campo e impedir assim a progressão alcantarense.

Também Peres Bandeira fez a sua substituição. Aos 62 minutos mandou sair Orlando, apático e lento, em troca de Álvaro, que, embora mais alegre e desenvolto na sua tarefa, não foi suficiente para alterar os acontecimentos.

Na C.U.F. gostámos muito de Conhé - um guarda-redes seguro e confiante e que naturalmente inspira confiança aos seus companheiros Arnaldo - será que o seleccionador nacional nunca o viu jogar? - e de Vítor Gomes, Cap i tão-Mor e Monteiro, activos e esclarecidos no seu labor. De qualquer modo aquilo que mais ressalta na turma cufista é a sua magnífica coesão, colectivismo e ainda muita, muita personalidade.

O Benfica, ainda não há muito tempo, saboreou tudo isso na Luz.

O Atlético parece não entender-se com os jogos em casa. Muitas dificuldades com o Farense, empate com o Guimarães e ontem derrota com a C.U.F. E voltamos áquela «história» dos santos ao pé da porta... Carvalho actuou com a segurança e não nos pareceu culpado no golo. Baltasar foi sensacional a defender, a distribuir e chegou até a rematar com o perigo à baliza adversária. Sempre em jogo, sempre generoso fez uma partida admirável.

Após ele, Pedra foi também nobra da equipa.

Mas ontem foi «dia não» para o Atlético. As coisas a sair mal e ainda pela frente a C.U.F. a realizar um campeonato desconcertante.»

Mário Alves, de Beja, foi um árbitro sereno e imparcial.

EUGÉNIO ALVES

FICHA DO JOGO

Estádio da Tapadinha.
Arbitro: Mário Alves (Beja)

ATLÉTICO: Carvalho; Bernardo, Baltasar, Candeias e Esmoriz; Semedo, Pedras e Orlando (aos 62 minutos Alvaro); Prieto, Vieira e Raimundo.

CUF: Conhé; José António, Rodrigues, Américo e Esteves; Arnaldo, Fernando e Vítor Gomes; Manuel Fernandes (aos 75 minutos V. Pereira), Capitão-Mor e Monteiro.

Ao intervalo 0-1 - golo de Monteiro aos 19 minutos.

Conhé, em posição acrobática, estava batido __ mas Pedras, mais uma vez, não conseguiu o golo.

FILEME

CONCURSO
«A MELHOR SECRETÁRIA FILEME-71»
CLASSIFICAÇÃO

1.º — 1 «Fim-de-semana em Madrid» prémio FILEME (para 2 pessoas
1 Troféu da Associação Portuguesa de Produtividade Administrativa — APPA
1 Curso audio-visual de aperfeiçoamento e um teste psicotécnico prémio GECTI — Maximina Rosa Dias Alcobia

2.º — 1 Estojo com caneta e lapiseira prémio INSTITUTO NOVAS PROFISSÕES — Maria Madalena X. S. de Castro

3.º — 1 Cadeira estofada prémio METALÚRGICA DA LONGRA — Maria Margarida Marques

4.º — 1 Máquina de escrever portátil, modelo Valentine S prémio OLIVETTI — Isabel Maria Vaz Leite Pinto

5.º — 1 Máquina fotográfica marca RICOH prémio ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. — Ana Maria Pereira Teixeira

6.º — 1 Máquina fotográfica modelo ISOPAK CI prémio AGFA GEVAERT — Maria Leonor Medina Henriques

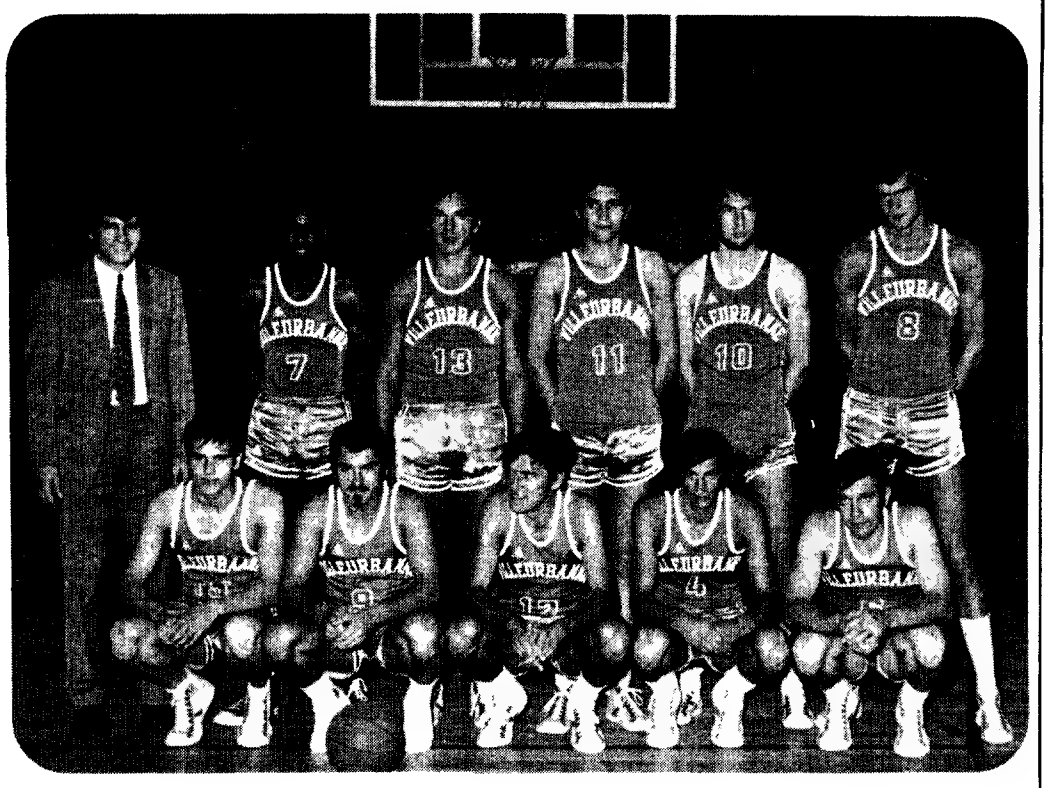
7.º — 1 Máquina fotográfica KODAK INSTAMATIC 133 X prémio KODAK — Zélia Alice Alves Antunes

8.º — 1 Mesa c/ tampo de mármore prémio INTERFORMA — Augusta Maria de Jesus Estrela

9.º — 1 Máquina de café prémio NOGUEIRA INFORMÁTICA — Maria Arminda Gomes Ribeiro

10.º — 1 Estojo caneta esferográfica prémio FILEME — Maria da Conceição Lopes e Silva

Adversários do Sporting na Taça dos Campeões Europeus



Eis a equipa do Villeurbanne (França) que no próximo dia 2 de Novembro defronta o Sporting no pavilhão dos Desportos em jogo a contar para a 1.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus. De salientear a presença na equipa «gaulesa» dos americanos Robert Purkhiser (1,88) N.º 7 de pé e Michael Mardy (2,05 m) N.º9em primeiro plano.

Ex-campeões do Mundo em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, - (L.) - Três ex-campeões do mundo de hóquei em patins - Vaz Guides, Livramento e Velasco, vindos respectivamente de Lisboa, Italia e Africa do Sul, são esperados em Lourenço Marques onde se juntarão ao quarto, Bouçós, para tomarem parte na festa de homenagem ao «internacional», Manuel Carrêlo, do Ferroviário, num festival que terá lugar amanhã e depois.

Na primeira jornada, defrontam-se o Banco Comercial de Angola Ferroviária e Desportivo de Lourenço Marques - Selecção dos Campeões. Na segunda e última jornada, os vencedores e os vencidos defrontam-se entre se.

A Selecção dos Campeões é constituida pelos seguintes elementos: José Pereira (entigo guarda-redes do benfica), Vaz Guedes, Velasco, livramento e Bouçós.

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq.º (Ao Campo Pequeno) Telefone 77 1639.

VENDA AO PÚBLICO

SENHOR CAPITALISTA

FAÇA RENDER MAIS O SEU DINHEIRO EMPREGANDO-O EM HIPOTECAS

A ALENTEJANA — Trata da Aplicação do seu capital colocando-o em 1.ª hipoteca com toda a segurança tomando inteira responsabilidade até integral recebimento.

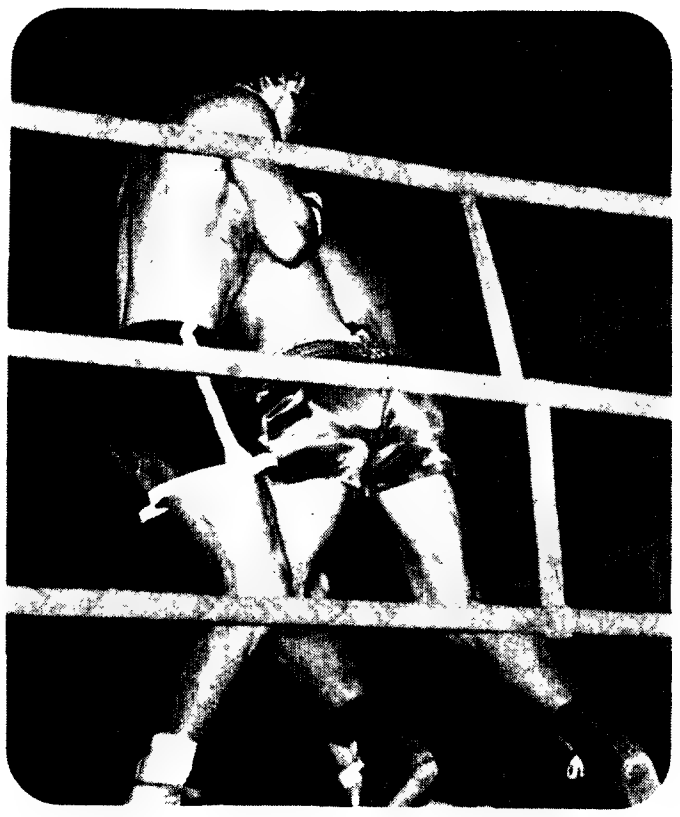
Consulte:

A ALENTEJANA
de A. ASSUNÇÃO

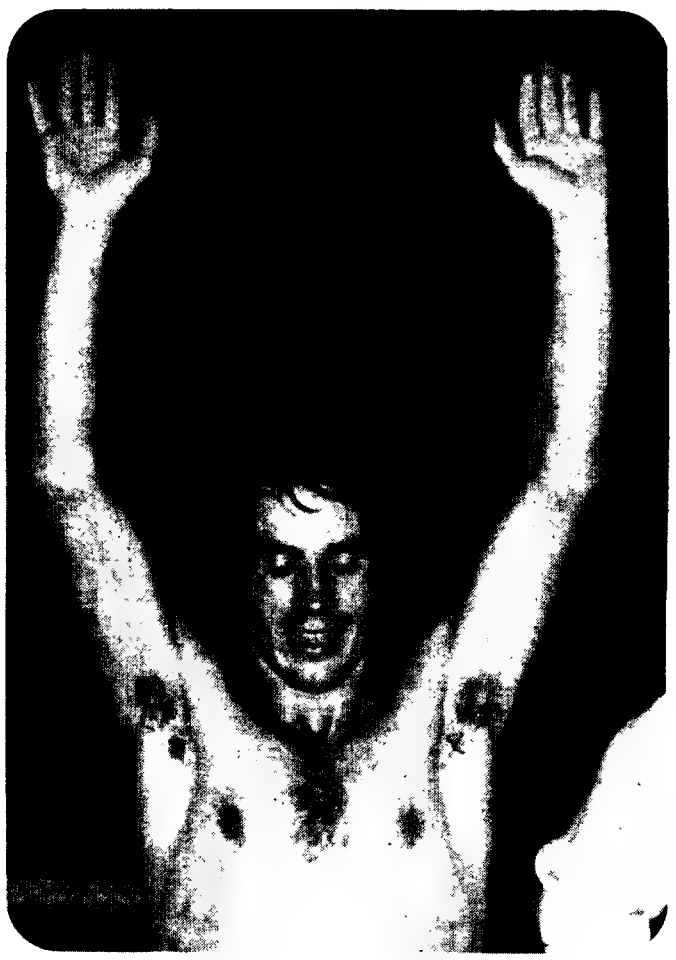
Praça da Alegria, 6-2.º Esq. — LISBOA — Telefones: 366662 - 366087

... E CARLOS ANJOS...

... TORNOU-SE...



... CAMPEÃO DE PORTUGAL



Quando as hungaras jogam à bola

por Pál Peterdi

BUDAPESTE, Outubro — Os apreciadores do futebol húngaro, não sem certa malícia, exclamam por vezes: «Até que enfim que nos adiantámos ao resto do mundo! «De facto o futebol feminino tem, na Húngria, tradições de muitos anos, até porque ùltimamente as equipas masculinas jogam também um futebol bastante feminino...

Que a caminhada do futebol feminino húngaro está aplainado, vê-se com toda a clareza. Nos começos, em 1897, uma escassa centena de curiosos foi ver as primeiras tentativas da modalidade masculina. (Para dizer a verdade, pouco mais êxito de bilheteira tiveram as finais do go inaugural do primeiro campeonato feminino nacional, em Abril deste ano, contou com mais de um milhar de espectado r es, em Abril deste ano, contou com mais de um milhar de espectadores, e isso sucedeu num campo de aldeia, arranjado numa pastagem de gansos. Mil espectadores numa remota povoação húngara para assistir a uma partida de futebol feminino! Aliás, em princípios de Julho, nas finais do mesmo campeonato, o jogo entre as duas melhores equipas foi acompanhado com grande paixão por quatro mil aficionados da bola.

O futebol feminino triunfou na Hungria.

AH, OS «HOT PANTS»!

A princípio os espectadores vinham ver «sensações». Pensavam que a coisa seria uma espécie de espectáculo «sexy» com as raparigas a correr de um lado para o outro em excitantes «hot-pants». Finalmente tiveram de convencer-se que, apesar de as jogadoras serem realmente bonitas, a sua produção em campo não é mais estimulante do que a das suas companheiras basquetebolistas que já praticam esses desportos desde há décadas ses desportos desde há décadas. Os espectadores descobriram, satisfeitos, que havia aqui matéria para aplaudir, pois as futebolistas sabem realmente jogar.

O facto é que estas raparigas, antes de calçarem pela primeira vez umas botas de futebol, praticaram outros desportos durante anos: corridas, saltos, lançamentos, ginástica. De modo que a sua preparação atlética ultrapassa em muito a dos colegas masculinos da mesma categoria. Além disso, a amizade para com o esférico data igualmente de há vários anos, pois todas elas praticaram anteriormente, a nível de campeonato nacional, qualquer outro desporto de bola.

EVA, A ARTISTA

Os primeiros aplausos arrancou-nos Eva Barta com a sua espectacular actuação. Três vezes fez bailar a bola na cabeça, depois deixou-a cair do ombro ao calcanhar e, com um toque ao melhor estilo sul-americano, passou-a por cima da cabeça da adversária... Eva Barta foi jogadora de ténis de mesa do mais popular clube da Hungria, o F. T. C., antes de ingressar na equipa de futebol do Femina com o n.º 9, marcando golos de todas as formas e feitios.

A sra. Nadas chegou ao lugar de avançada «pivot» do mesmo Femina vinda directamente da baliza da equipa de andebol Telefongyar.

«Se tivesse mais dez centímetros de altura», diz, «teria sido o melhor guarda-redes do mundo...»

Mas não cresceu. Ficou baixinha e sobre o forte. Apesar disso é hoje a máxima figura do futebol feminino na Hungria: uma réplica de Puskas no aspecto exterior, um novo Bozsik na inteligência de jogo. Nada mau como combinação.

«Eva!», grita ela quando mais ninguém ainda viu nada, e logo Eva Barta pode estar certa de que, ao chegar a determinado ponto do campo, encontrará ali a bola. Nessa altura só é preciso rematar — com toda a comodidade...

ZSUZSA, A GOLEADORA

Zsuzsa Forgács esteve a um passo de entrar na selecção de andebol antes de converter-se na «rainha dos marcadores» do primeiro campeonato feminino de futebol. Um golo seu pôs em êxtase as bancadas: Zsuzsa recolheu a bola vinda do lado, a meia altura, com um salto diabólico, e ainda no ar, à meia volta, atirou fortíssimo a um dos cantos superiores. Ouviram-se aplausos (e impropérios)... e até houve quem fosse comprar um ramo de flores para esta bela futebolista alta e morena.

Vitoriados os vencedores, distribuídos os prémios, terminou o primeiro campeonato feminino de futebol da Hungria. Ninguém tem dúvidas, nem por um momento, de que será organizado novamente no ano que vem.

Olhos na bola, peitos a arfar, estilo correcto — uma imagem do futebol feminino que dia-a-dia se impõe.

BOAVISTA, 0 — BEIRA-Mar, 0

NÓDOAS NUM RESULTADO EM BRANCO

No Estádio do Lima, o futebol foi mesmo de campeonato cheio de problemas de ordem interna, o clube treinado por Meirim continua com «questões por resolver» no plano externo — como foi o caso deste jogo com o Beira-Mar, em que o zero-zero do inicio se manteve até final.

Tentando o golo que valeria os dois pontos, o Boavista bem se esforçou tomando de assalto a área dos homens do Beira-Mar. Mas quem porfia nem sempre alcança — e às vezes desespera. E foi o que aconteceu a Aleixo — desesperado com o rumo dos acontecimentos, ele agredia um adversário que o tinha desarmado em falta. Como era de esperar, o sr. António Espanhol, vindo de Leiria apitar o encontro, não hesitou — e Aleixo foi tomar banho mais cedo, amargurado com a expulsão recebida.

Com isto beneficiou o Beira-Mar — e o ponto conquistado no Porto, para além de ser o reflexo da subida de forma que vem a mostrar jornada após jornada, pode muito bem ser o estimulo para a fuga aos lugares escorregadios do fundo da tarefa. É que não foi apenas um ponto confistador — foi também um ponto «roubado» a um clube que tanto precisa dele.

EM VALE DE LOBOS

QUINTA DA TORRE, área 7.600 m2, com magnífica e ampla moradia, r/c e 1.º andar, várias arrecadações, casa de caseiro, adega, garagem para dois carros, várias árvores de fruto, muita água, boa vinha, terras de semeadura, ópt. sistema de rega com grande tanque, adaptável a piscina, pavimento em pedra mármore, muitas flores. Boa ocasião para um bom negócio.

★

Trata em exclusivo:

A ALENTEJANA

Praça da Alegria, 6 - 2.º - Esq.

Telefones: 366662 - 366087

AQUAMAR

... AO SEU ALCANCE

NOS VÁRIOS MODELOS DE AQUÁRIOS, QUE SE ENQUADRAM EM QUALQUER TIPO DE DECORAÇÃO, DANDO-LHE MAIOR REALCE.

ORÇAMENTOS
MONTAGENS
ASSISTÊNCIA

SERVIÇO PERMANENTE **GRÁTIS**

AQUÁRIOS · PEIXES TROPICAIS · «ÁGUA DOCE E SALGADA»
ALIMENTOS · PLANTAS · ACESSÓRIOS

RUA ARTILHARIA UM, 39-A · TELEFS. 68 42 31 - 65 28 44 · LISBOA 3

bolsa de LISBOA

ÚLTIMAS COTAÇÕES — (sexta-feira)

FUNDOS DE ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4 %	447$	—	447$
Consolidado 3 %	470$	—	—
Consolidado 3 1/2 %	573$	—	—
Centenários 4 %	1321$	1.320$	—
Obrigs Tesouro 5 %	1.000$	—	—
Externo 1ª Série	—	600$	—
Externo 1ª Série c	605$	605$	—
Externo 3ª Série	—	700$	—
Externo 3ª Série c	—	730$	—
Cautelas 3ª Série	—	—	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas de Lisboa 5 %	—	490$	—
A P T 5 % 56	—	860$	—
A P T 5 % 58	—	860$	—
C P 4 1/2 % 65	—	830$	—
C P 5 1/2 % 67	—	—	—
C U F 6 %	—	945$	970$
C U F 6 % 68	960$	955$	965$
Gás Elect 4 % 48	—	860$	—
Gás Elect 4 1/2 % 51	—	870$	—
Gás Elect 5 % 52	—	880$	—
Gás Elect 5 % 58	—	850$	—
Gás Elect 5 % 59	—	850$	—
Gás Elect 5 % 62	—	—	—
Gás Elect 5 % 63	—	—	—
Gás Elect 5 % 65	—	—	—
Gás Elect 5 % 67	995$	—	1.000$
H E Alto Alentejo 5 %	—	—	810$
H E Cávado 5 %	—	770$	775$
H E Cávado 6 %	970$	965$	975$
H E Douro 5 %	—	770$	775$
H. E. Douro 5 %	—	—	980$
H E Norte Port 5 %	—	—	—
H E Serra Estrela 6 %	—	970$	—
H E Zêzere 5 % 55	—	770$	—
H E Zêzere 5 % 57	—	770$	—
Lisnave 6 %	—	980$	990$
Metropolitano 4 %	910$	900$	910$
Metropolitano 5 3/4 %	—	—	990$
Moçambique 5 %	—	—	—
Nac Electr 5 %	—	770$	—
Nitratos 5 %	—	770$	—
Nitratos 5 % 60	—	—	—
Petroquímica 5 %	—	—	—
Port Celul 5 %	—	—	—
Sacor 5 % 54	970$	970$	—
Sacor 5 % 60	900$	900$	—
Siderurgia 5 % 2ª	—	765$	—
Siderurgia 5 % 3ª	—	765$	800$
Siderurgia 5 % 4ª	—	765$	—
Sonefe 5 %	—	—	—
T A P 4 %	—	—	—
Termoelect Port 5 %	—	770$	—
U E P 3 3/4 %	—	—	—
U E P 4 %	—	—	92$5
U E P 4 1/2 %	—	—	—
U E P 5 %	80$	80$	81$
U E P 5 % 60	—	—	750$
U E P 5 % 63	—	—	—

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.620$	—	2.620$
Alentejo	1.025$	1.020$	1.030$
Angola	4.650$	4.650$	4.670$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.900$	5.850$	5.950$
E Santo	7.570$	7.560$	7.580$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas $ p.	—	—	27.500$
Fomento	—	2.950$	2.955$
P Atlântico p	7.100$	7.080$	7.120$
Portugal n	—	—	—
Portugal p	—	—	5.000$
Totta Aliança	5.000$	4.980$	5.000$
Ultramarino n	4.320$	4.320$	4.330$
Ultramarino p	4.870$	4.870$	4.900$
Seguros			
Alentejo	138$	137$	141$
Douro	—	—	—
Mundial	1.065$	1.063$	1.065$
Sagres	—	3.350$	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açucar de Angola	795$	795$	—
Ag Cassequel	865$	860$	870$
Ag Incomati	—	1.560$	1.620$

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	15-10-71	21-10-71	22-10-71
GERAL	162,2	164,5	165,8
METROPOL .	160,4	163,6	164,9
ULTRAM.	175,8	170,8	172,1

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
AG Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Principe	—	—	200$
Boror	—	—	—
Buzi	77$	76$	—
Cabinda	170$	—	—
Diamantes Angola	1.900$	1.900$	1.980$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Principe	—	—	—
Moçambique	—	—	179$
Sonefe n	—	380$	—
Sonefe p	389$	389$	390$
Zambezia	—	66$	68$
Diversas			
Cidla	6.960$	6.950$	6.980$
Cim. Leiria	—	—	4.400$
Cim Tejo	—	—	—
Col. Navegação	—	—	—
C. U. F.	3.800$	—	3.800$
Ind Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	1.450$	1.450$	1.500$
Port e Colónias	—	—	—
Port. Celulose	—	3.800$	—
Port Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	605$	605$	615$
Sacor	—	3.990$	4.000$
Siderurgia Nac.	2.805$	2.805$	—
Socel	3.650$	3.650$	3.700$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	6.700$	6.700$	—
U. F. Azoto	970$	950$	970$
C.P.E.	1.315$	1.130$	1.132$
C.P.E.nom.	1.130$	1.117$	1.120$
T.A.P.	1.118$	1.310$	1.320$
Agua, Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	415$	—
Aguas de Lisboa 36	—	400$	—
Elect Beiras	1.700$	—	1.750$
Gas Electr	365$	364$	365$
H E Alto Alentejo	182$5	182$	183$
H E Cavado	—	—	—
H E Douro	—	—	—
H E Norte Port	240$	240$	250$
H E Serra Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	—	—
Termoelect Port	—	—	—
Nac Electricidade	192$	191$5	192$5
U E P.			

FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F.I.Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

COTAÇÕES

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul - Rands	34$5	37$00
Alemanha - Marco	8$15	8$00
América		
Dollars de 1 e 2	26$70	27$40
Dollars de 5 a 20	27$00	27$80
Dollars de 50 a 1000	27$10	27$90
Argentina - Peso Novo	3$00	4$80
Austria - Schiling	1$14	1$19
Bélgica - Franco	$56,5	$59,5
Brasil - Cruzeiro	3$70	5$00
Canada - Dólar	26$80	27$40
Dinamarca - Coroa	3$70	4$00
Espanha - Peseta	$40	$41,5
França - Franco	4$95	5$25
Holanda - Florim	6$00	8$35
Inglaterra - Libra	67$80	69$80
Italia - Lira	$04,38	$04,68
Marrocos - Dihran	4$90	5$40
Noruega - Coroa	3$90	4$20
Suécia - Coroa	5$35	5$65
Suiça - Franco	6$80	7$05
Ouro		
Inglaterra - Libra Isabel	320$00	340$00
Inglaterra - 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino - Barra	39$50	41$50

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 231278

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel. 366066/7
Teleg ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

SURDEZ
CENTRO AUDITIVO
Organização especializada em prótese auditiva
SEDE — RUA AQUILES MONTEVERDE, 32-1.º — TELEF. 5'59'97
(á Estefania — frente ao Jardim Constantino)
Sempre as últimas novidades em aparelhos auditivos
Modelos em todos os sistemas
Adaptação por técnicos especializados
ASSISTÊNCIA E DEMONSTRAÇÕES EM TODO O PAÍS
Informa-se na sede nos dias das visitas
Director técnico:
Francisco Marcão — 23 anos de especialidade

cinemas • cinemas • cinemas

RESTELO
21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
Um dos maiores êxitos do ano em Technicolor COISAS DA VIDA c/Michel Piccoli e Romy Schneider

LUMIAR (Telef. 795296)
21.00
(M. 17 anos)
O GRANDE AMOR NUNCA FORAM VENCIDOS.

IMPÉRIO (Telef. 555134/5)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Colorido. ANONIMO VENEZIANO com Tony Musante e Florinda Bolkan e ROMANCE DE UM LADRÃO A CAVALO

TIVOLI (Telef. 50595)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo B - 10 anos)
4.ª Semana. TORA! TORA! TORA! o ataque ao Porto das Pérolas num filme de 70 mm

ROMA (Telef. 72778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
2.ª Semana O PAI DE FAMÍLIA c/ Leslie Caron, Nino Manfredi

EUROPA (Telef. 661016)
15.00 - 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
A FILHA DE RYAN, Vera Mills, Robert Mitchum e John Mills, 70 mm. Colorido.

ALVALADE
15.15 - 21.30
(Grupo B - 10 anos)
Hoje estreia, Raphael, o ídolo da canção em UM ANJO DOS DIABOS

AVIZ (Telef. 47163).
15.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
6.ª Semana. A DOCE VIDA DA CASTA SUSANA, c/ Pascal Petit, Mike Marshall.

BERNA (Telef. 776098)
21.45
(M. 14 anos)
Barry Newman, Dean Jagger e Cleavon Little num filme verdadeiramente sensacional! CORRIDA CONTRA O DESTINO

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo B - M. 10 anos
«Encrenca dupla e «O Califórnia»

SÃO JORGE (Telef. 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«VALDEZ» c/ Burt Lencaster Amanhã de manhã às 11 horas Adultos. Cinema com critério «Tom Jones» — 4 «oscares» — 20 Prémios Internacionais. Bilhetes 15.00. Patrocinio do Cine Clube Católico.

ESTÚDIO (Telef. 555134/5)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
7.ª Semana O JOELHO DE CLAIRE (le Genou de Claire), c/ Jean Claude

APOLO 70 (Telef. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
IVAN O TERRÍVEL. Um filme genial de Sergei Eisenstein. Hoje às 24.30 OS INOCENTES (Adultos). Amanhã às 11 h. ASTERIX, O GAULÊS (M. 6 anos).

EDEN
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Estreia hoje. Raphael, o ídolo da canção em «UM ANJO DOS DIABOS». Colorido. Às 15.30 - 18.30. Ultimas (Grupo D - 18 anos «O ESTRANHO AMOR DE UM MARIDO».

CONDES (Telef. 322523-326710)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo A para todos)
O SHOW DO ANO «Elvis». Show. Panavision Metrocolor em 70 mm.

LYS (Tel. 48560)
14.45 - 21.00
Grupo D - M. 18 anos
«Amar sem amor» e «Gente sem compaixão»

MONUMENTAL (Telef. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
(M. 10 anos)
4.ª Semana. LE MANS, 70 mm e Ecran Gigante, c/ Steve McQueen a 300 Km. hora.

LOTUS
VEJA EXPOSIÇÃO AUTOMÓVEIS NO SALÃO DO MONUMENTAL

ESTÚDIO 444
14.30-16.45-19-21-45
(Grupo D - M. 18 anos)
5.ª Semana. Novo triunfo de Ingmar Bergman A VERGONHA c/ Max Von Sydow Liv Ullmann.

POLITEAMA
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - M. 18 anos)
LOVE STORY com Anne Lonberg e Yannis em A RAPARIGA E O GREGO. Hoje às 0.30 h. PSYCO (P. red). Amanhã às 11: Sessão infantil (M. 6 anos)

LIDO (Telef. 937593)
21.30
(M.18 anos)ODIO VELHO Um espectáculo de violência e ternura com Charles Bronson. Uma realização de Terence Young

MUNDIAL (Telef. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(M. 18 anos)
Elliot Gould e Brenda Vaccaro na satírica comédia conjugal em Technicolor UMA CERTA FOME DE AMOR.

CASINO ESTORIL (Telef. 2646176)
17.00 - 21.30
(Grupo B - M. 18 anos)
CONVITE AO PECADO BATA c/ Julie Christie erto Sordi

VOX
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
6.ª Semana triunfal LOVE STORY c/ Ali MacGraw e Ryan O'Neal.

SATÉLITE
15.30 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - M. 17 anos)
6.ª Semana. Um filme excepcional de Vinconti. MORTE EM VENEZA

ODEON (Telef. 326283)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
A famosa sátira conjugal de Berlanga A BOUTIQUE com Sonia Bruno e Rodolfo Beban. Eastmancolor.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
Grupo D - M. 18 anos
«Agência de vigarices» e «Operação Kid Brother»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
21.00 - 23.00
«O aniversário da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00
«O Zé aperta o cinto».

A.B.C.
10.45 - 23.00
(18 anos)
«Saídas da casca»

VARIEDADES
21.45
(18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento».

CAPITÓLIO (Terraço)
21.00
10 anos
«Os gloriosos calhambeques»

MONUMENTAL
21.45
(18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

LAURA ALVES
21.45
(18 anos)
«O Vison-Voador»

COLISEU
21.30
(6 anos)
«Circo»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00
(10 anos)
«Mala diplomática para o Cairo»

CINEARTE
21.00
(10 anos)
«A Batalha dos Ardenos»

JARDIM
21.00
10 anos
«As rodas da loucura»

PARIS
21.00
(18 anos)
«Encontro com a desonra»

CAPITÓLIO (Terraço)
21.00
(10 anos)
«Krakatoa»

PROMOTORA
21.30
(17 anos)
«Amar a maior riqueza»

ROYAL (Tel. 86 50 37).
15.00 - 21.00
18 anos
«Agência de vigarices»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos).
«O malandro de bata branca»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00
(18 anos)
«Olhos verdes na noite» e «L.S.D. droga alucinante»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (17 anos)
«Os Indiferentes»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«O Santo e a Vedeta»

ESTORIL
Casino
18.30 - 21.30
(17 anos)
«Convite ao pecado»

ESTORIL
Palácio
21.30
(14 anos)
«Os Cavaleiros das estepes»

CASCAIS
S. José
21.30
(18 anos)
«Nunca ao Domingo»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine-Portugal
21.30
(10 anos)
«A Confissão»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Assalto quase... imperfeito»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (10 anos)
«Antes morto que vivo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Que belo patife»

COSTA DA CAPARICA
Copacabana
21.00 (17 anos)
«Como casar a nossa filha» e «Os maus também amam»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos)
«Real caçada ao Sol»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00
(10 anos)
«O Ninho das víboras»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00
(18 anos)
«Pimenta na língua»

CIRCO
22.00
(10 anos)
Av. Fernão Magalhães.

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DO OURO
21.30
(18 anos)
«Um marido infiel»

BATALHA
21.30
(14 anos)
«Os cavaleiros dos Estepes»

CARLOS ALBERTO
21.00
(10 anos)
«O Falcão do dezerto» e «Marq Donen - Agente 77»

COLISEU
21.30
(18 anos)
«Umor negro e violência»

ESTÚDIO
21.30
(18 anos)
«Lilith e o seu destino»

JÚLIO DINIS
21.30
(17 anos)
«A Primeira noite»

NUNO ÀLVARES
21.30
(10 anos)
«Shalaco»

OLÍMPIA
21.30
(10 anos)
«O Pirata negro»

RIVOLI
21.30
(14 anos)
«A Adolescente e o quarentão»

S. JOÃO
21.30
(18 anos)
«Love Story»

TRINDADE
21.30
(18 anos)
«O Gato»

VALE FORMOSO
21.30
(10 anos)
«Rosas brancas para minha irmã negra»

COIMBRA

AVENIDA
21.30
(18 anos)
«Diz-me que me amas Junie Moou»

SOUSA BASTOS
21.30
(18 anos)
«O Patife»

GIL VICENTE
21.30
(18 anos)
«Paixão»

TIVOLI
21.30
(18 anos)
«Love Story» (História de amor).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Telefs. R. João de Barros, 2 (tel. 638249).

ALCÂNTARA:
Lealdade: Rua do Olival, 226 (tel. 66344); **Nogueira,** Rua da Creche, 2 (telef. 631653).

ALFAMA:
Nacional: R. S. João da Praça, 26 (tel. 863632).

ALTO DE S. JOÃO:
Oriente: Rua Lopes, 120 (tel. 843381).

ALVALADE:
Cartaxo: Av. da Igreja, 21-C (Tel. 776358); **Brisália,** Avenida Rio de Janeiro, 66-A (Tel. 722368); **Nova Lisboa,** R. Guilhermina Suggia 12 (tel. 727721), **Aviz,** Avenida de Roma, 56-B (Tel 715370).

AMOREIRAS:
D. João V, R. D. João V, 16-C (Tel 682772)

ANJOS:
Matos: R Alvaro Coutinho, 10 (Tel 40471)

ARCO DO CEGO:
Palma: Avenida Duque de Avila, 25-31 (Tel 47088).

AREEIRO:
João XXI, Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462)

AVENIDA DA LIBERDADE:
Nacional: Rua do Salitre, 7 (Tel. 468508)

AVENIDAS NOVAS:
Galeno: Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel 774920), **Avenidas,** Avenida da Republica, 27-A (Tel. 533688), **Avenidas,** Avenidas da Republica, 27-A (Tel 533688); **Império,** Rua Filipe Folque, 40-A (Tel 48002); **Fátima,** Av. 5 de Outubro, 147 (ao cruzamento da Av. Barbosa du Bocage) (Tel 763107).

BAIRRO ACTORES:
Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (Tel. 722868)

BAIRRO ALTO:
Azevedo, R. da Misericórdia, 24 (Tel. 323540).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso: P. do Norte, 1 (Tel. 311216).

BAIXA:
Costa, Praça da Figueira, 6-B (Tel. 328381).

BELÉM:
Remisio, Rua dos Jerónimos, 4-C (Tel. 631699).

BENFICA:
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, lote 2 (Tel. 703393); **Sousa,** Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027).

BOA HORA:
Sepol: Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958).

CAMPOLIDE:
Lab. Rua Rodrigo da Fonseca, 101 (Tel. 682333); **Pátria:** Calcada dos Mestres, 30-A (à R. das Amoreiras) (Tel. 680627).

CAMPO DE OURIQUE:
Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (Tel. 671667); **Castro,** Rua do 4 de Infantaria, 28-A (Tel. 688857).

CARNIDE:
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel 44438).

GRAÇA:
Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (Tel. 862333)

LAPA:
Central: Rua dos Navegantes, 10 (Tel. 661734).

LUMIAR:
S. Tomé, 12-C (Tel. 790704); **Alameda,** Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942).

MOURARIA:
Bastos, Calçada de Santo André, 107 (Tel. 860450).

OLIVAIS:
Nova, R. E-1, Lote 469, I-A 316402).

PENA:
Americana: Calçada de Santana, 3 (Tel 863984).

PENHA DE FRANÇA:
Carrondo: R. Padre Sena de Freitas, 10-A (tel 842518). 720703).

PICHELEIRA:
Luzmar: Rua João Nascimento Costa, 16-A (telefs. 728395-720703).

SANTA CATARINA:
Combro: Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059)

S. MAMEDE:
Marçal: (Tel 325318).

Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (tel. 51451) (Tel 51451)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Aguiar: Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tels. 764629-768343)

VICENTE:
Rosa e Viegas, R de S Vicente, 31 (Tel. 864351)

XABREGAS:
Salter, R de Xabregas, 63 (Tel 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miraflores, R António Granjo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS-NOVA:
Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS:
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)

PAREDE:
Aisir, Bairro das Caixas de Previdência-Bloco A (Telef. 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro (Telef. 263052)

ESTORIL:
S. João, S. João do Estoril (Telef. 26118i)

MONTE ESTORIL:
Costa, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085)

CASCAIS:
Misericórdia, R. do Regimento 19, 41 (Telef. 280141) **Cascais,** R. Conde de Monte Real-Bairro Caixas (Telef. 282407)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA:
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)

AMADORA:
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019) **Flama,** R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485). **Confiança,** Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)

QUELUZ:
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117). **Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)

CACÉM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034). **Mem Martins,** Quimia Est. Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA:
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)

COLARES:
Colares, Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. Antonio dos Santos Jorge 15 (Telef 234100)

ALHOS VEDROS:
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (Telef 224250)

ALMADA:
Central, R de Olivença 11 (Telef 270504)

BAIXA DA BANHEIRA:
Nova Fátima, Est Nacional 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO:
Higiénica, R D Manuel I 1 (Telef. 2273017)

COVA DA PIEDADE:
Atlântico, Quinta do Pombal, 1 (Telef. 274365)

MOITA:
União Moitense, Av Dr Teófilo Braga, (Telef 239025)

MONTIJO:
Giraldes, R Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)

SESIMBRA:
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)

SETÚBAL:
Soromenho, P. Machado Santos (Telef. 22691). **Alice,** P. do Quebedo (Telef. 23743)

SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coelho, n38 f (Telef. 2218560)

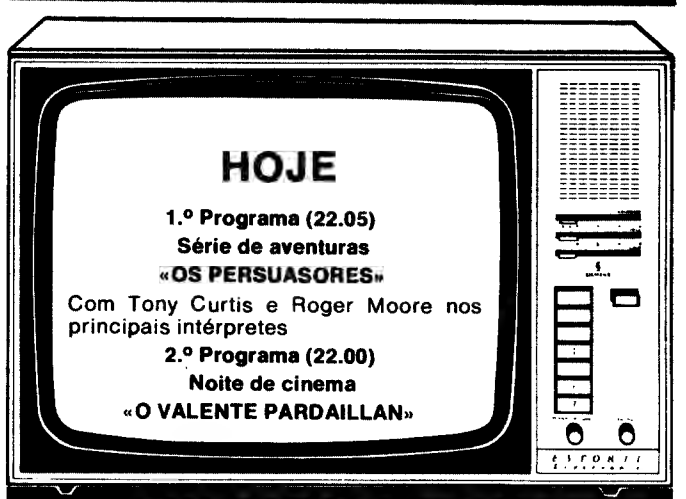
PORTO

Ameal, Rua do Ameal, 1227; **Birra,** Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima,** Av. da Boavista, 855; **Falcão,** Rua de Santo Ildefonso, 61; **Invicta,** Rua do Bonfim, 330; **Lapa** Rua Antero de Quental, 211; **Martino Sucr.,** Praça Marq. de Pombal, 122; **Ordem da Trindade,** R. H. e Márt. de Ang., s/n.º; **Ramos,** Pr. Exército Libert., 91; **Santa Teresa,** P. G. Gomes Fernandes, 100; **Terreiro,** Rua da Reboleira, 21; **Vaz Teixeira, Sucr.,** Rua do Heroismo, 56; **Vilarinha,** Rua da Vilarinha, 161; **Nacional** R. Senhora da Luz, 156-Foz.

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (tel. 26046), **Silva Marques,** Rua da Sofia, 129-133 (tel. 23067; **Santa Cruz** Rua das Padeiras, 94 (tel 23569).

televisão



HOJE

1.º Programa
12.45 Abertura e Dia do Senhor.
13.05 Missa de Domingo
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Série Juvenil
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV educativa
15.05 Tarde de cinema
16.30 Disneylandia
17.25 Expedição
17.50 Domingo desportivo
18.05 Vamos aprender. Judo
18.30 TV rural
19.00 Série comedia «Olho Vivo»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Pop 25
20.35 TV 7
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Série de aventuras «Persuasores»
23.05 Fados. Por Deolinda Rodrigues
23.25 Domingo desportivo - 2.ª edição
23.45 Marcha do mundo
23.45 Marcha do mundo
23.50 Meditação e Fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e Desenhos Animados
20.45 Dó Lá Si
21.00 Série Filmada. O tesouro dos Holandeses
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Noite de cinema
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura e Desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Filme de série «Arnie»
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.45 Logo à noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Arte Portuguesa Arte Contemporânea»
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e Um dia com...
21.00 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 As grandes batalhas
23.30 Fecho

TUDOR pilhas secas

urgência

Emergência ...	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações .	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José ..	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	16.º
P. DOURADAS ...	13.º
COIMBRA	20.º
PORTALEGRE ...	16.º
LISBOA	14.º
FARO	20.º
FUNCHAL	20.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima
ANADIA 29,5.º

Mínima
F. CAST. ROD. 4,6.º

Temperaturas no Estoril

Agua do Mar 17,2.º
Atmosfera 17,6.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.39	**3.7 m**		
19.03	**3.5 m**	12.22	**1.3 m**
Dia 25			
7.25	**3.6 m**	0.36	**1.5 m**
19.57	**3.3 m**	13.08	**1.5 m**
Dia 26			
8.25	**3.5 m**	1.31	**1.6 m**
21.08	**3.3 m**	14.14	**1.6 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento fraco a moderado de Leste.

AMANHÃ
Nascer às 7.53
Ocaso às 18.49

Dia 27	Dia 2	Dia 9	Dia 18

BARS BOITES restaurantes

VIELA Cantam Sérgio, Berta Cardoso Beatriz Ferreira Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré Colaboração de João Braga e Vicente da Câmara Tocam Fontes Rocha José Luis. Nobre Costa e Pedro Leal Encerra aos domingos Consumo mínimo 90$00 **Beco dos Curtumes, 10. Telef. 860816**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira João Fernando, Emilio Reis Luis Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Tipico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo mínimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

TAMILA Marao e s/ conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé,69. Telef. 534117.**

«A SERENATA» Cantam Cidalia Moreira António Rocha e Amelia Proença Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diario de Noticias, 122 Telefs. 32359 e 324381.**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo Tina Ferreira, Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam Liberto Conde e Americo Silva Fandango pelo Grupo tipico de Vila Franca de Xira Encerra as segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d.
(a duque de loulé)
56 19 49

D. QUIXOTE BAR BOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira Aberto até às 5 da madrugada Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9.** Telef 327109

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefs. 26451-264526-264596-264621-264946.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa Musica constante Encerra as 3.30 horas **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Musica constante **Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 667264**

MAXIME Conjunto 6 Reacção e Maximiliano Show turistico Variedades internacionais **Praça da Alegria, 58 Telf. 55366**

HIPOPPOTAMO Conj Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Ant Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver **Av Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

BATACLAM Bar Discoteca Bar aberto das 19.00 as 3.30h Disc Aberto das 22.00 as 3.30h Noites de Paris em Lisboa Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 560430.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tome, 86. ABC. Alfama. Lisboa. Telef. 861633.**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Futebol. Relato, informações e comentários dos jogos da 6.ª JORNADA do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.
17.45 Actualidade desportiva.
18.05 Girândola.
19.10 Música da europa.
20.00 Diário sonoro.
20.20 Êxitos em parada.
21.00 Rádio desporto.
21.30 Variedades.
22.00 Teatro das comédias: «O Amor não é para graças», de Calderon de La Barca, numa adaptação de Leopoldo de Araújo
22.35 Música portuguesa.
23.05 Sol e toiros.
23.30 Ritmos em contraste.
24.00 Fecho.

2.º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Mozart, para instrumentos de sopro (solista com orquestra).
18.00 Intercâmbio musical. Concerto de domingo - 1.ª parte.
18.45 Intervalo: Canções de Schubert, pelo soprano Elisabeth Schwarzkopff.
19.00 Concerto de domingo (2.ª parte). «Os concertos de Lugano» de 1971.
19.43 «Sinfonia» em fá maior, para flauta, oboé, violoncelo e cravo (Johann Josef Fux).
20.00 Diário sonoro.
20.20 Música de câmara. O conjunto instrumental «Sinfonia».
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais.
21.00 Desdobramento, sai o MF 2, recital de piano, por Angeles Presutto da Gama.
21.19 Quatro canções de amor (Schafer).
21.30 Que quer ouvir?, programa elaborado por Margarida Brandão.
23.00 A voz do ocidente.
01.15 Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

16.00 C. D. C.
14.55 Tarde desportiva.
17.00 Chave do totobola.
17.03 Projecção.
17.33 Meia hora depois.
18.00 Música pelo caminho.
18.45 Ritmos em desfile.
19.02 Fórmula 1.
19.30 Rádio jornal
20.07 A orquestra de domingo.
20.15 Comentador desportivo.
20.30 Semana 7.
20.45 A estrela da noite.
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas.
23.19 Grande roda.
0.02 «P. B. X.»
2.00 A noite é nossa.
6.00 Diário rural.
7.00 Talismã.

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo.
17.57 O nosso programa.
19.04 Vértice.
22.02 Programa à Gô-Gô.
0.02 Em órbitra-dois.
1.00 Banda sonora.
2.00 Perspectiva.
3.00 Fecho.

Emissor de Miramar

16.00 C. D. C.
14.55 Tarde desportiva.
17.02 Auto rádio.
17.45 Orquestras e canções.
18.01 Música e desporto.
18.30 Som, actualidade.
19.03 Conjunto.
19.15 Campeão português.
19.30 Boletim desportivo.
20.10 norte dia a dia.
21.04 Viagens na nossa terra.
21.30 A voz da esperança.
22.03 Selecção de ritmos.
22.15 À hora do templo.
22.30 Variedades.
23.04 Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva.
17.00 Música ao volante
17.45 Melodias na tarde.
18.05 Programa meada.
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires.
20.00 Música para o seu jantar
20.58 Meditando.
21.00 Suplemento especial.
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Dedfile de sucessos musicais
23.00 A 23.ª hora.

Estação do Porto

14.30 Onda desportiva.
17.00 Música ao volante.
17.45 Eventual.
18.00 Canções românticas.
18.15 Uma orquestra.
18.30 Terço, benção e missa vespertina, na basílica dos Mártires em Lisboa.
20.00 Música para o seu jantar.
20.58 Meditando
21.00 Mosaico.
22.00 Variedades
23.00 A 23.ª hora.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,ºE-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO. 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Alexei Kossyguine no Canadá. A foto mostra o estadista soviético (à direita) e Montreal, cidade cuja visita estava integrada no seu programa de nove dias

Sete dias em cinco continentes

Esta foto foi publicada no «Diário do Povo», de Pequim. Nela se vêm Chu En-Lai (à direita) recebendo Kissinger na capital chinesa. O facto é inédito no país de Mao

DIA 18

KOSSYGUINE NO CANADÁ: ENTRADA COM O PÉ ESQUERDO

Kossyguine iniciou a sua visita ao Canadá, onde conferenciouuuuu com o seu colega canadiano, Pierre Trudeau. Mas a viagem de Kossyguine não começou da melhor maneira. Durante um passeio por Ottawa, o primeiro-ministro soviético foi atacado por um jovem estudante que conseguiu romper o cordão policial de protecção ao estadista. O atacante, prontamente dominado, não parava de gritar: «Vai-te embora, suíno soviético!».

FORÇA NAVAL SOVIÉTICA A CAMINHO DE CUBA?

Está em formação, a meio do Atlântico, uma grande força naval soviética. O departamento de Defesa dos E.U.A., pensa que o destino poderá ser Cuba.

A esquadra soviética engloba seis navios de superfície e, muito provàvelmente, vários submarinos «Echo». A situação é objecto de estudo e observação por parte do Pentágono.

A CHINA NA O.N.U.: SIM OU NÃO?

Inaugurou-se a discussão ácerca da entrada da República Popular da China nas Nações Unidas. No discurso com que o embaixador dos Estados Unidos abriu o debate, foi dito que a expulsão da Formosa da Organização é um preço inaceitável a pagar pelo ingresso de Pequim, até porque nos 26 anos de existência da O.N.U., não se registou nenhum caso semelhante.

O representante da Albânia frizou, na sua intervenção, que a posição de Pequim se mantém inalterável e que, portanto, a República Popular da China se recusará a entrar para a Organização enquanto dela fizer parte a Formosa.

DIA 19

CONFLITO INDO-PAQUISTANÊS

O general Yahya Khan, presidente do Paquistão, afirmou, numa entrevista concedida ao jornal «Le Monde», que não deseja a guerra com a União Indiana mas que o seu país terá que responder em caso de ataque.

Yahya Khan disse ainda que a força aérea indiana continua a violar o território paquistanês, o que, a continuar, levará o Paquistão a adoptar as «medidas apropriadas».

MAIS UM ENGANO TRÁGICO NO VIETNAM

De quem será a culpa?? Desta vez foram 18 pára-quedistas sul-vietnamianos que encontraram a morte em consequência de um engano. Obedecendo rigorosamente a ordens dimanadas da base, o bombardeiro americano lançou duas bombas de 230 quilos sobre um destacamento de pára-quedistas sul-vietnamianos, disparando sobre um alvo prèviamente assinalado por uma bomba de fumo lançada por um avião de reconhecimento.

Estes enganos começam a tornar-se frequentes, tornando ainda mais comprometedora a posição dos Estados Unidos no Sueste Asiático.

TANZÂNIA VERSUS UGANDA

Vinte e dois mortos e seis feridos é o balanço do recontro entre forças armadas dos dois países. A situação tende a agravar-se, embora o Uganda continue a manter uma atitude de expectativa, respondendo apenas aos ataques que lhe são movidos e não tomando nunca a iniciativa.

DIA 20

WILLY BRANDT PRÉMIO NOBEL DA PAZ

O chanceler da República Federal Alemã foi recebido com extraordinária ovação pelos membros da «Bundestag» (Câmara Baixa do Parlamento) a ser divulgada a notícia de que lhe foram atribuido o Prémio Nobel de Paz. «Farei tudo o que estiver ao meu alcance para me tornar merecedor desta honra» - disse Willy Brandt.

O Prémio Nobel da Paz, com que Brandt foi agraciado, premeia a actuação do chanceler no sentido de reforçar cada vez mais a Paz na Europa - declara um comunicado do Governo norueguês.

O UGANDA PERDEU A PACIÊNCIA

A Força Aérea do Uganda abriu fogo contra instalações militares da Tanzânia, causando estragos de monta, destruindo quase completamente as referidas instalações. Afirma-se no Uganda que a operação se destinou à protecção das tropas do país, sèriamente provocadas por ataques oriundos da Tanzânia.

FRANÇA: SIM À ADMISSÃO DA CHINA

Kosciusko-Morizet, embaixador da França nas Nações Unidas, apoiou a entrada de Pequim naquela organização. A França é, depois da Dinamarca e da Suécia, o terceiro país aliado dos Estados Unidos que não está de acordo com a posição americana.

ECONOMISTA AMERICANA NO SÍNODO EPISCOPAL

Bárbara Ward, economista americana, afirmou hoje, perante o sínodo mundial dos Bispos, que «algumas nações ricas parecem pouco firmemente empenhadas, pouco interessadas e pouco inventivas no que respeita ao desenvolvimento mundial».

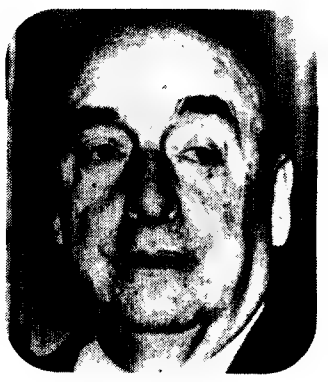
DIA 21

NERUDA NOBEL DE LITERATURA

A Academia Sueca atribuiu ao poeta chileno e embaixador do seu país na capital francesa, o Prémio Nobel de Literatura. A notícia teve o efeito de uma enorme detonação, dado o prestígio de que Neruda goza em todo o mundo, muito para lá da América Latina. Apesar do agrado geral com que a notícia foi recebida, houve quem se interrogasse. O galardão ter-lhe-á sido, atribuído a título de compensação ao continente latino-americano? Na verdade houve quem pensasse que o Prémio Nobel da Paz seria para Helder Câmara e não para Willy Brandt.

KISSINGER NO «DIÁRIO DO POVO»

Kissinger voltou a Pequim, a fim de preparar, minuciosamente, a visita do presidente Nixon (a propósito foi aventada a hipótese do Chefe do Estado americano se deslocar na altura ao Médio Oriente). A ida do conselheiro de Nixon foi largatente anunciada, embora tenha havido a intenção expressa de a fazer rodear de grande discreção. Até aí nada de novo. O que é inédito e significativo é que o «Diário do Povo», de Pequim, tenha publicado fotos na qual se vêem aspectos do encontro de Kissinger com Chu En-Lai. A China abre-se ao convívio americano.



Pablo Neruda, o poeta e diplomata chileno a quem a Academia Sueca atribuiu o Prémio Nobel de Literatura

AMÁLIA FLEMING LIBERTADA

Amália Fleming, que em 27 de Setembro tinha sido condenada na Grécia a 16 meses de prisão, por colaborar na fuga do preso político Alexandros Panaghoulis, foi libertada, por decisão do tribunal do Pireu. Amália Fleming tem 62 anos e é viúva de um Prémio Nobel grego. O Governo de Atenas recebera pressões de diversos países em ordem à sua libertação. Ao sair da cadeia Amália Fleming disse não tencionar deixar a Grécia, a menos que a expulsem do país.

DIA 22

MEDICI VAI AOS ESTADOS UNIDOS

O presidente Medici do Brasil visita os Estados Unidos da América, no próximo mês de Dezembro. E o quarto Chefe do Estado brasileiro a deslocar-se oficialmente aos E.U.A.. O último foi o marechal Costa e Silva, em 1967.

LONDRES APOIA PEQUIM NA O.N.U..

O representante britânico nas Nações Unidas, «sir» Colin Crowe, defendeu, na Assembleia-Geral, a moção albanesa, que preconiza a entrada de Pequim na organização internacional e a expulsão pura e simples da Formosa. Esta moção contraria o ponto de vista americano, segundo o qual Pequim deve ser admitida e ocupar o lugar destinada à China no Conselho de Segurança, embora o Governo de Taipé continui a estar representado na O.N.U..

O representante inglês disse que, segundo o seu país, o Governo da República Popular da China é o único legal e, por conseguinte, o único habilitado a ocupar o lugar que a Carta atribui a esse Estado. E mais a diante declarou: não se trata de «expulsar» um Estado membro, mas de definir quem deve representar esse Estado na O.N.U..

DIA 23

O COLONIALISMO DISCU TIDO NO SÍNODO

O Sínodo dos Bispos, reunido em Roma, que se ocupa do tema «A justiça no mundo», discutiu situações derivadas do colonialismo. Um prelado indonésio, por seu turno, pediu que fosse revisto o problema do controle dos nascimentos, a partir do «método dos ritmos». A internacionalização de Jerusalém, cuja parte jordaniana foi anexada por Israel e a cidade transformada em capital deste Estado, foi pedida de novo, por alguns bispos participantes no Sínodo.

CRISE MINISTERIAL EM MALTA

O ministro do Comércio, da Indústria e do Turismo de Malta pediu a sua demissão. Embora o Partido Trabalhista, de Dom Mintoff, disponha apenas de um lugar de maioria no Parlamento, não é crivel que tal demissão obrigue a convocar novas eleições. O ministro demitiu-se por discordar de aspectos de política interna e nada leva a crer que a sua saída do Governo seja acompanhada da renúncia à função parlamentar.

SUBIDA DO CUSTO DE VIDA NOS E.U.A.

Verificou-se uma subida do custo de vida na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, durante o mês de Setembro. Embora a subida nos E.U.A., tenha sido apenas da ordem dos 0,2 por cento, constitui o primeiro índice das medidas decididas pelo presidente Nixon, em Agosto, como defesa do dólar. Como se sabe o chefe da Casa Branca resolveu, então, com evidente oposição de vários sectores, a total congelação dos preços e dos salários.

A ÍNDIA CHAMA OS RESERVISTAS

O mais pesado ambiente de incerteza contínua a pairar na fronteira entre o Paquistão Oriental e a India, devido à presença de mais de dez milhões de refugiados do Bengala em território indiano. Apesar das declarações dos dois países de que não pretendam a guerra, têm-se cerificado diversos movimentos de tropas. O Governo de Nova Delhi decidiu agora chamar às fileiras os 600 mil reservistas. Apesar do clima de expectativa que se mantém, a decisão não parece ser de bom agoiro...

SHARP
está onde está a alegria

A MARAVILHOSA LINHA JAPONESA
·GRAVADORES · RÁDIOS
·ELECTROFONES
·ALTA FIDELIDADE
·EMISSORES RECEPTORES
·TELEVISÃO
·FORNOS ELECTRÓNICOS
·ELECTRODOMÉSTICOS
à venda nos agentes oficiais

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS · RAFAEL BURGUETE, LDA. · LISBOA · PORTO
SHARP * SIMBOLO MUNDIAL DE QUALIDADE

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
RATO
Obturações; Extracções; Correcção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef. 68 41 91

ACABAR COM O TEATRO PARA COMEÇAR COM O TEATRO

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

O Tigre, de Schisgall

DIZ NORBERTO BARROCA EM ENTREVISTA CONCEDIDA A CARLOS PORTO

Norberto Barroca está profundamente ligado à actividade da Casa da Comédia que, marginal embora, não pode ser ignorada, menos pela extensão das pessoas tocadas por essa acção do que pela qualidade que quase sempre assumiu. A Norberto Barroca - encenador e actor - ficamos a dever um dos mais belos espectáculos do teatro português dos últimos anos, «Fando e Lis», de Arrabal. Encontrámos Norberto Barroca na sua passagem por Lisboa, em férias. Desse encontro, nasceu esta conversa.

O PRINCÍPIO

C.P. - Antes de falarmos da sua experiência africana, gostaria que recordasse alguma coisa da sua carreira anterior.

N.B. - Devia ter começado no Teatro Nacional D. Maria, pelas mãos do dr. Fernando Amado. Tínhamos pronta uma peça de Cocteau - «Os Cavaleiros da Távola Redonda» - que nunca chegou a ser levada à cena por várias dificuldades. Novamente com o dr. Fernando Amado, que estava a dirigir um grupo que viria a ser o Grupo Fernando Pessoa, comecei a dizer poesia. Fui ao Brasil, Angola e Moçambique com o Grupo, além de fazer vários espectáculos pelo continente.

C.P. - Foi a primeira vez que esteve no Ultramar?

N.B. - Foi. Há já uns 7 ou 8 anos. A par dessa actividade com o Grupo também fazia experiências com o dr. Fernando Amado no Centro Nacional de Cultura e uma vez, até, no atelier de uma rapariga escultora, peças em um acto, pequenas experiências. Depois do Grupo Fernando Pessoa, veio a Rádio e a Televisão - onde disse poesia e fiz também algumas peças. Depois, sempre com o dr. Fernando Amado, fiz a peça do Almada Negreiros «Deseja-se Mulher» na Casa da Comédia.

C.P. - Foi o primeiro espectáculo da Casa da Comédia?

N.B. - O segundo. O primeiro, foi um espectáculo com poemas de Teixeira de Pascoaes. Nessa altura não pude entrar no espectáculo porque estava a dar aulas à noite em Almada. Mas para «Deseja-se Mulher» faltei uns dias às aulas e pude fazer uns espectáculos. Nessa altura poucos espectáculos se davam na Casa da Comédia, as peças não faziam uma carreira mais ou menos longa como fazem agora. Davam-se apenas dois ou três espectáculos por semana. Depois dessa experiência com o dr. Fernando Amado, fiz ainda uma outra na Casa da Comédia - duas peças em um acto de Francisco Seara Cardoso que depois nunca mais fez nada. Entrava numa delas com a Manuela de Freitas. Aqui acaba a primeira fase da minha carreira.

A segunda fase, teve início quando comecei a encenar. Sempre na Casa da Comédia, encenei «As Noites Brancas», de Dostoievski, e depois o espectáculo de Pirandello, e «A

Norberto Barroca

tuiu de certo modo uma homenagem ao dr. Fernando Amado. Também estive no Teatro Experimental de Cascais a fazer um papel no «D. Quixote». A seguir, o «Fando e Lis», o último espectáculo que fiz na Casa da Comédia.

C.P. - E foi aquele de que gostou mais, não?

N.B. - Tratava-se de uma peça que eu queria fazer há muito tempo. Talvez tivesse sido a única de tudo o que fiz até hoje que eu realmente quis fazer. Depois disso estive em Londres, numa escola de teatro, como bolseiro da Gulbenkian. Durante três meses.

APRENDER EM LONDRES

C.P. - Foi importante essa sua estadia em Londres?

N.B. - Foi bastante importante.

C.P. - Em que sentido?

N.B. - Em primeiro lugar, elucidou-me sobre muitas coisas, muitas dúvidas que eu tinha. Pràticamente nunca tinha visto teatro fora daqui. Por isso, tinha muitas dúvidas. E mesmo algumas coisas que fazia em encenações minhas, não tinha a certeza do que estava a fazer. Agora continuo a ter muitas dúvidas mas fiquei mais esclarecido, mais consciente até das minhas possibilidades, até onde podia ir e até onde não devia ir. Por outro lado, na escola tive oportunidade de trabalhar com o método de Stanislavski que, enfim, está ultrapassado mas lá era dado tendendo a novas formas de expressão. Muito do que se fez cá - por exemplo, o curso do Gutkin de que tive conhecimento não por ter lá estado mas pelo que me disseram co-

Continua na pag. dois

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A NOVA TEMPORADA TEATRAL

Por LUÍS STTAU MONTEIRO

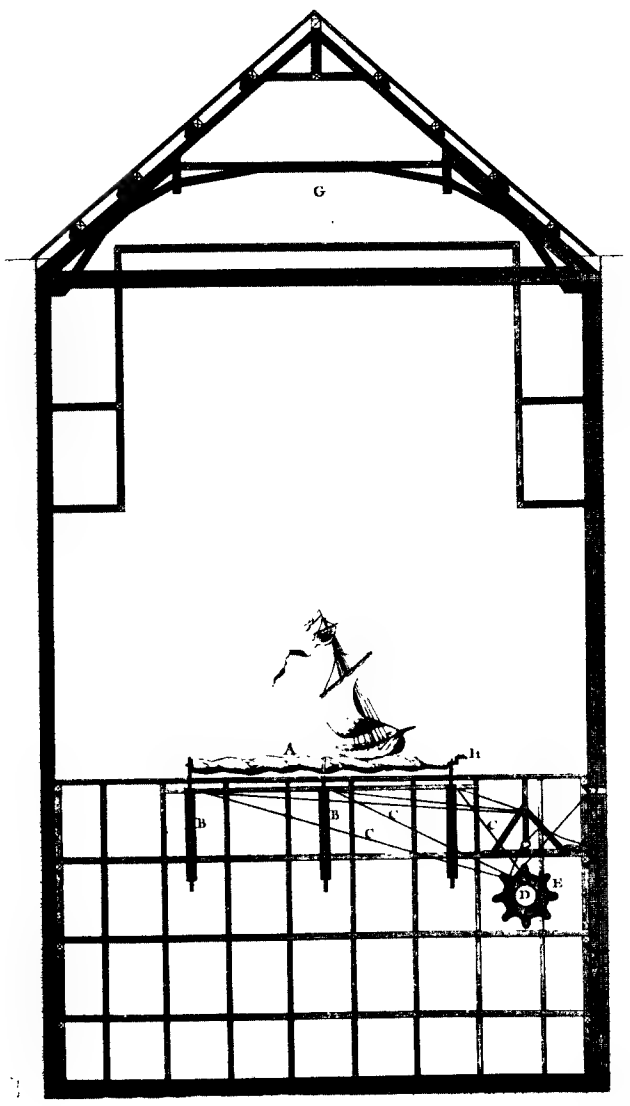
Começou uma nova «época teatral» - a expressão tem um sabor burguês que a ninguém passará despercebido - sem que se adivinhe qualquer alteração do panorama herdado. Vai continuar, por outras palavras, o regime do Morgadio que alguns, esquecidos de que o teatro é antes de mais uma relação social, consideram responsável pela situação do teatro português e não se vê, por outro lado, que o teatro não abrangido pelo Morgadio reuna as condições necessárias para modificar o «statuos quo» da cena portuguesa.

Estranho seria, aliás, que assim não fosse, porque não se tendo alterado os factores que poderiam levar o teatro a tornar-se necessário, ele tem que continuar a ser o que tem sido até aqui: um inócuo divertimento do burguês de Lisboa que por vezes é levado a tomar o nível artesanal deste ou daquele espectáculo, por sinal de que o nosso teatro está em vias de recuperação O próprio facto de haver quem pense que a vitalidade do teatro dum país é mensurável pela qualidade artesenal de meia duízia dos seus espectáculos, revela até que ponto a relação social teatro é enexistente entre nós...

Ao afirmar que na próxima temporada o teatro vai continuar a ser um divertimento inócuo burguês de Lisboa, quisemos em primeiro lugar focar uma das características fundamentais do nosso teatro actual: o seu caracter local.

Só em Lisboa, efectivamente, é que o público tem acesso ao teatro com a regularidade necessária para que o espectáculo passe do plano do acidente para o plano do habitual. No resto do país o panorama teatral seria desolador se não traduzisse uma realidade da vida portuguesa que ultrapassa os limites do plano teatral. Estamos em crer, efectivamente que se as populações de Bragança, de Chaves, de Evora, de Faro e de Castelo Branco - fiquemos por aqui - sentissem necessidade de teatro, o panorama seria bem diferente, mas porque haveriam estas populações de sentir a necessidade duma relação social que não está nas suas tradições, que não faz parte do processo histórico que as gerou e que, dado o seu caracter interveniente, até nega esse processo?

Continua na página seis



OUTUBRO

livros para quê?

DOM QUIXOTE

BESTIARIO
Julio Cortázar
Uma viagem de insuspeitados prazeres.
11 edições na Argentina.
Galáxia, vol. 3 — 45$00

POEMAS ESCOLHIDOS
Jorge Luis Borges
Finalmente! Traduzido por outro notável poeta: Rui Belo.
Cadernos de Poesia, vol. 20 — 30$00

CURSO DE LINGUISTICA GERAL
Fedinand de Saussure
Não há sector das Ciências Humanas que não seja afectado pelas pesquisas de Saussure.
Universidade Moderna, vol. 18 — 100$00

MARROCOS — HASSAN E AS CONSPIRAÇÕES
Um processo em que Ben Barka tem ainda alguma coisa a dizer.
Cadernos Dom Quixote, vol. 40 — 30$00

MODERNA TEORIA ECONÓMICA
Jan Pen
3.ª EDIÇÃO
Um estudo (porventura o mais perfeito) sobre as teorias neo-Keynesianas.
Universidade Moderna, vol. 3 — 60$00

O PAVILHÃO DOS CANCEROSOS
Alexandre Soljenitsine
3.ª EDIÇÃO
Indispensável ler
Romances Exemplares, vol. 19 — 100$00

PUBLICAÇOES DOM QUIXOTE
RUA LUCIANO CORDEIRO 119 LISBOA

NORBERTO BARROCA: Acabar com o teatro para começar com o teatro

Continuação da página um

legas meus que lá estiveram e me contaram o que se passou nas aulas - era semelhante ao que fazíamos lá. Aquilo que lá se tomava como base - o método de Stanislavski - não se aplicava como há anos atrás. Tratava-se, de reto, de uma escola um bocado «sui-generis». Por exemplo nos anúncios pediam pessoas com imaginação, pessoas até ordinárias, que não estivessem ligadas a coisa nenhuma mas quisessem fazer teatro, que revelassem poder de entrega total àquele género de trabalho. Até esse contacto com esse tipo de pessoas foi interessante para mim. Apesar da minha estadia ter sido só de três meses, tive uma visão global do seu funcionamento. Principiei por fazer o trabalho de actor - aulas de movimento, de improvisação, de expressão corporal, dança, esgrima - e depois passei a assistir aos trabalhos do 2.º ano. Em resumo: esses três meses em Londres foram-me extremamente proveitosos. Verifiquei-o logo que cheguei, ao repor o «Fando e Lis» no Villaret, pois senti que o trabalho poderia ser feito de outra maneira; cheguei mesmo a introduzir certas, embora mínimas, alterações pois senti que vinha enriquecido, com outra experiência e com outros conhecimentos.

C. P. - O seu mestre, de qualquer maneira, foi o dr. Fernando Amado?

N. B. - Sobretudo porque me incutiu o gosto pelo teatro, o respeito pelo teatro. Fez nascer dentro de mim o amor que tenho pelo teatro, ou, melhor, pois já então amava o teatro, consolidou-o, concienciali-zou-me. Era uma pessoa extraordinária; falhada, como encenador, aliás a sua função não era encenar mas sim preparar actores, embora hoje os métodos tivessem que ser outros. A acção do dr. Fernando Amado foi importante porque soube incutir nos actores o respeito pela profissão; o respeito consciente. Além disso, era extraordinário o seu trabalho com a voz e dicção.

A EXPERIÊNCIA AFRICANA

C. P. - No que se refere a Moçambique. O Norberto Barroca não foi para lá fazer teatro?

N. B. - Não, fui como arquitecto. Mas é evidente que não podia abandonar completamente o teatro. As primeiras coisas que fiz foi por solicitação de grupos locais. Primeiro, os estudantes, a Associação Académica, que me convidou para encenar um espectáculo de poesia, integrado na semana universitária. Depois, o TALM (Teatro Amador de Lourenço Marques). Aí fiz «**O Barão**», do Sttau Monteiro. Como tinhamos que fazer um original português fizemos este que já estava aprovado. Depois, fiz «**O Tigre**», de Schisgall, com «**A Última Gravação**», de Beckett. Mas antes deste último, fiz o espectáculo com os negros que foi um espectáculo independente, um espectáculo que eu próprio organizei e posso dizer que foi a única coisa com carácter experimental que fiz lá. Fez-se ainda uma homenagem ao Almada, no Núcleo de Arte, com leituras de peças, poemas e de trechos sobre a sua obra. Trabalhei também muito na Rádio.

C. P. - Podemos considerar que há um público de teatro em Lourenço Marques?

N. B. - Sim, acho que sim. Há dois tipos de público, aliás, como cá: um público evoluído, mais preparado e informado (jovens, universitários, artistas plásticos, escritores e poetas, membros das profissões liberais). Não é de maneira nenhuma um público para aguentar um espectáculo durante muito tempo. Depois, há todo o outro público que está ansioso por outro tipo de teatro que as companhias levam daqui.

C. P. - O teatro de consumo.

N. B. - Claro.

C. P. - E esse outro público é composto exclusivamente por uma burguesia branca?

N. B. - Sim. Os negros vão pouco ao teatro até porque não estão habituados. Tenho a impressão que agora passarão a ir mais. Veja o seguinte: fiz o espectáculo com os negros e só depois o espectáculo com «**O Tigre**» e «**A Última Gravação**». E neste último já havia bastantes negros a assistir, o que não era normal. Os próprios actores que entraram na peça de Lindo Hionge (**«Os Noivos» ou «Conferência Dramática sobre o Lobolo»**) nunca tinham visto teatro.

C. P. - O teatro não é uma expressão da cultura negra moçambicana?

N. B. - Não. Só a dança e a música. Assisti a um espectáculo em que um grupo de negros fazia «sketches» teatrais mas muito inspirados nas revistas metropolitanas que foram lá. Portanto, sem interesse. O próprio autor da peça que encenei nunca tinha lido sequer uma peça de teatro.

«OS NOIVOS»

C. P. - O texto não era pròpriamente um texto teatral?

N. B. - Quando mo apresentou já o era, pelo menos tentava ser, pois tinha pequenos diálogos entremeados com cenas onde não havia nada a não ser o título: o julgamento, o casamento, por exemplo. Suponho que a ideia seria improvisar a partir dessas situações. Mesmo o diálogo que havia era muito incipiente. Depois, então, o autor e eu reescrevemos a peça com base em textos em prosa e em verso que ele tinha escrito. Aliás, a primeira ideia do Lindo Hlongo era escrever um conto ou um ensaio sobre o lobolo. Quando viu o espectáculo de poesia que eu fiz, ficou entusiasmado com aquele modo de comunicação directa, e então resolveu escrever uma peça. Como ele me disse, o teatro interessava-o não só como forma de expressão imediata mas também porque ele queria escrever para o seu povo pois o problema interessa directamente a esse povo mas de nada valia escrever um livro porque eles geralmente não sabem ler. Por isso, pensou no teatro. Todos os outros elementos que se juntaram a nós nunca tinham ido ao teatro. As raparigas tinham visto o «**Barão**» e os espectáculos universitários encenados por Carlos Cabral. Mas só nesse ano, de facto, é que tinham visto teatro. Aliás, este ano em Lourenço Marques houve uma actividade teatral mais ou menos contínua, o que lá não é normal.

«O LOBOLO»

C. P. - Mas, afinal, o que é, concretamente, o lobolo?

N. B. - Vou ler-lhe um texto em que se explica o lobolo: **«É a compensação dada ao chefe de família que cede uma mulher em casamento, o qual fica assim com a possibilidade de obter outra que vá preencher a falha deixada em aberto. O lobolo recebido será, obrigatòriamente, para comprar outra mulher. A mulher é o elemento produtor por excelência, logo a sua cedência em casamento representa uma falta de trabalho para a família. O lobolo tem-se mantido e é prática comum mesmo entre negros civilizados. Sobreviveu com o tempo em virtude de contribuir para o funcionamento regular do grupo»**. Aqui acaba a transcrição. No entanto, actualmente a prática do lobolo é muito discutida e a peça de Hlongo reflecte essas divergências sobre o fundamento do lobolo.

C. P. - O espectáculo teve certo êxito.

N. B. - Por exemplo, o poeta Rui Knopfli ficou entusiasmado. Escreveu o seguinte: **«Trata-se de um espectáculo prenhe de significado não só no que tem de data e ponto de partida para uma dramaturgia moçambicana de raíz negra, como pelo tipo de convívio e comunhão que soube conjurar. Primeira peça para um teatro negro de Moçambique deveria obrigatòriamente correr os palcos da província, do Ultramar e da Metrópole, onde triunfaria, sem dúvida, com luzimento, prestigiando-nos a todos. Como espectáculo genuíno e como mensagem de amor e fraternidade, capaz de nos fazer estimar, compreender e conhecer melhor»**.

«OS NOIVOS» NA METRÓPOLE

C. P. - Há algumas possibilidades do espectáculo vir cá?

N. B. - Sim, há. No entanto, devo dizer que não se trata de um grande espectáculo ou mesmo de um bom espectáculo, com uma encenação invulgar, nada disso. A sua importância é sobretudo sociológica, como documento. (Embora seja também um documento artístico). Pôr os negros perante o fenómeno teatral através de um problema socio-económico foi muito importante não só para eles como para os brancos que estavam habituados a vê-los numa situação marginalizada. Por isso, o espectáculo teve lá um impacto extraordinário. Não sei até que ponto o teria do lado de cá.

C. P. - Essa importância de documento, não a perderia.

N.B. - Talvez não. Mas poderia ser mal interpretada e, até, adulterada.

C. P. - Esse é o risco a correr.

N. B. - Se houvesse uma preparação do público... Se a situação fosse bem esclarecida é possível que o risco não fosse grande. Trata-se de problemas que aqui desconhecemos. O facto do rapaz ter de andar a pedir dinheiro para o casamento não tem cá o significado nem a importância que lá assume. Não se trataria apenas de uma curiosidade, enquanto lá é um drama, é mesmo uma tragédia? Daí as minhas dúvidas.

NORBERTO BARROCA: o trabalho interessa os actores como afirmação colectiva

C. P. - Aliás, o espectáculo seria importante para nós não só como documento social mas também como demonstração de capacidade de comunicação de que o nosso teatro tanto carece, creio eu.

N. B. - Como documento estético é que não será muito importante.

C. P. - E não teria menos interesse se fosse apenas isso?

N. B. - Suponho que sim. O que interessaria seria a espontaneidade que os intérpretes transmitem com um poder de verdade extraordinário, embora não saiba se essa verdade seria apreendida pelo público metropolitano. Lá, sabe-se que é assim que as pessoas de cor vivem e reagem. De qualquer maneira, se for possível, viremos, porque todos estão muito interessados na viagem. Mas é preciso arranjar passagens e estadia para 60 pessoas, o que será um bocado difícil. Se o conseguirmos daqui a seis meses viremos.

C.P. - Como é que você saídas de diversos estratos?

N. B. - O autor tinha um grupo musical com o qual pensava já fazer a peça. Eram pessoas com uma preparação muito deficiente. Além disso, eu tenho muitos contactos pessoais com os negros porque trabalho na urbanização dos subúrbios (como lá lhes chamam, embora a meu ver erradamente porque se integra no interior da cidade). Por isso, foi-me relativamente fácil a partir do meu local de trabalho.

C. P. - Como é que surgiram os números musicais? Faziam parte da estrutura da peça ou foram acrescentados?

N.B. — Não. E certo que o autor pensava já incluir números musicais porque como lhe disse do grupo faziam parte músicos, entre eles o pintor Malangatana. Pela minha parte, tinha certas dúvidas sobre o espectáculo porque era uma coisa completamente nova para mim e sabia que uma das coisas em que podia basear-me seria a música e a dança que os negros estão habituados a fazer. Mas não sabia como iriam interpretar os papéis, como iriam dialogar. Foi extremamente difícil ensaiar aquele grupo de pessoas, fazê-las dançar e representar. E queria a maior participação possível. Assisti a várias audições de grupos musicais e aproveitei deles aquilo que me pareceu mais adequado ao texto. Fizemos, depois, experiências em conjunto para ver se resultava. Assim reunimos 60 pessoas, das quais 22 actores.

C.P. - Apesar dessa heterogeneidade, o espectáculo tinha unidade?

N.B. — Tinha, de facto, porque todos se integraram perfeitamente no conjunto e todos tinham a consciência de que estavam a trabalhar para eles próprios, de que o seu trabalho lhes interessava como afirmação colectiva. Todos trabalharam da melhor maneira e com inteira consciência da importância do que estavam a fazer.

OS ACTORES

C.P. - Como é dirigia os actores - rigidamente, ou deixava-os à vontade?

N.B. — Deixava-os muito à vontade. Primeiro porque era uma experiência que queria fazer: deixá-los expressar-se espontâneamente. Depois, porque não podia impor-lhes nenhuma forma preconcebida porque eles têm o seu modo de expressão próprio que não conheço suficientemente para poder orientá-los. Punha-os perante a situação que se ia criar nas diversas cenas, e eles reagiam de acordo com o que sentiam até porque o que se passava eram problemas muito específicos que eles conheciam muito bem e por isso estavam

Continua na página seguinte

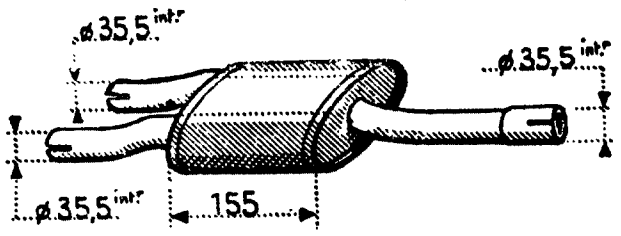
Uma estante diferente concebida "só" para si (?)

Projecte o V mesmo!
Dimensoes e modulos variaveis
Consulte nos

época

AV. JOAO CRISOSTOMO, 22 22A
a 50 m. do Metrop. "Saldanha"

SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados, assim como a montagem rápido a preços excepcionais
Consulte-nos e verá
SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P. P C. 651945-650763-680788
FÁBRICA: Rua Vitor Carlos, 10-12—PONTINHA—Telef 990051
SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalhão, 75-A — LISBOA

ENTREVISTA DE CARLOS PORTO

Continuação da pág. dois

à vontade para se expressar livremente. Depois, durante as várias representações, os actores iam evoluindo e cada vez faziam diferente.

C.P. - E alteravam o próprio texto?

N.B. — Alteravam mas sem lhe modificar o sentido. No que diz respeito ao jogo mímico eram de facto notáveis, e todos os dias descobriam coisas novas para fazer. Uma noite verifiquei o seguinte episódio: vi um dos actores de costas, o que não era a marcação habitual. Fiquei a ver o que se ia passar. E o que se passou estava perfeitamente certo. A personagem estava em cena à espera de uma outra. Nessa noite, entendeu que devia fazer alguma coisa antes da chegada do amigo, embora a marcação pràticamente não tivesse pausa. Para isso, arranjou um alicate com que se pôs a trabalhar na cubata. Um outro pormenor curioso. Uma personagem tinha que entregar umas cartas. O actor arranjou cartas que entregou a várias personagens; se havia uma personagem a quem não entregava, aquela pedia-lhe a correspondência. Inclusivamente, entregou uma carta com uma fotografia. A personagem tirou a fotografia do sobrescrito e mostrou-a a outras personagens que fizeram comentários. Tratava-se, pois, de um jogo integrado no espectáculo que não fazia parte da peça nem tinha sido marcado por mim. Outra coisa que eu achei curiosa foi os actores terem necessidade de aquecer antes do espectáculo começar, afinal aquilo que nós também fazemos. Queriam dançar nos bastidores antes do espectáculo para que, quando este começasse, estivessem já no ritmo necessário. Era uma coisa que eu tinha visto fazer na Escola de Londres e que ainda não tinha visto fazer cá, pelo menos daquela maneira. Eles próprios descobriram que era preciso fazê-lo. A princípio, tive um certo receio que na primeira noite os actores ao verem a sala cheia se enchessem de pânico, que é o que acontece normalmente. No entanto, estavam totalmente à vontade. Como se estivessem inconscientes (no melhor sentido), puros da situação. Por isso, ficaram muito admirados quando lhes disse para não se assustarem. No final do espectáculo, quando a tragédia acabava e eles cantavam, em surdina, a música inicial, todos sentiram a necessidade de se expandirem até porque, embora se tratasse de uma história trágica, estavam muito contentes porque o espectáculo tinha corrido bem, e por isso dançaram uma dança tradicional, não só no palco como foram mesmo até à própria plateia. O espectáculo foi criticado por isso, mas sem razão porque eram os próprios participantes que tinham necessidade dessa acção. Devido a essa necessidade de comunicação com o público, absolutamente espontânea, fui acusado por querer imprimir-lhe uma falsa orientação racial.

C.P. - O público reagia?

N.B. — Havia dois tipos de público: o público branco e o público negro. Reagiam de maneira completamente diferente. Os negros reagiam frenèticamente, actuando, acompanhando o espectáculo com risos, com palmas, aprovando ou discordando, mas sempre em efervescência. Era um espectáculo ver a plateia. Os espectadores brancos comportavam-se com a sisudez habitual, assumindo duas atitudes: ou de desconfiança em relação ao que se passava no palco e, portanto, com ar paternalista; ou de compreensão por parte de alguns capazes de entender o fenómeno. Houve uma primeira reacção, quando se ouviu rir em momentos aparentemente despropositados. Parte da assistência branca admitiu que fossem outros brancos a rir-se do que se estava a passar. Mas eram os próprios negros a rir-se das suas tragédias, ao ver retratados no palco as coisas mais sérias da vida deles. E talvez, também, pelo apurado sentido de humor que possuem. Aderiam de uma maneira extraordinária e, no fim, era necessário dizer-lhes para abandonarem a sala porque queriam ficar.

Fizemos oito espectáculos e só não fizemos mais porque tive que me vir embora. Todos eles esgotaram a lotação, alguns antecipadamente.

C.P. — **Quando regressar a Lourenço Marques vai fazer teatro?**

N.B. — Vou. Agora com um subsídio da Gulbenkian pedido pelo TALM para dois espectáculos. Ainda não sei exactamente que espectáculos vou fazer porque não sei com quem poderei contar. O plano, em princípio, será o seguinte: uma peça, possivelmente de Tchekhov ou de Gorki, para aplicação do método de Stanislavski, portanto interpretação de um texto em profundidade. Interpretação da personagem estudada com todos os cambiantes psicológicos. Isto porque tenho que fazer um curso prático, ou, pelo menos, uma iniciação anterior. A seguir, queria evoluir de modo a podermos libertar-nos do texto. Nessa altura, utilizaremos um texto-guião para fazermos um segundo espectáculo. O primeiro seria, pois, o estudo de um texto; estudo profundo da personagem para preparação de actores; depois, libertação do texto, fazendo-se um espectáculo livre, de conjunto em que os actores participassem na elaboração do próprio texto. Para isso está-se a pensar em utilizar trechos de Gil Vicente dando-lhes uma expressão actual e localizando a acção em Lourenço Marques. Gil Vicente ou outro clássico, de preferência português para ser possível erguer um espectáculo tratando problemas locais e actuais.

C.P. — **E no seu regresso?**

UM ESPAÇO IDEAL: O CIRCO

N.B. — Sobre isso é que tenho uma novidade a dar-lhe. Tenho já projectos para o meu regresso. Eu e colegas meus temos discutido muito sobre o que poderemos fazer. E a verdade é que não temos reportório. Estamos já a trabalhar para nos apresentar mas não sabemos qual será o nosso reportório nem estamos muito interessados nisso. Tenho a impressão de que há a tendência para acabar com o teatro de reportório.

C.P. — E será essa tendência definitiva? Não voltaremos num futuro mais ou menos próximo a um teatro de reportório?

N.B. — Estou convencido que não se acabará totalmente com certo reportório, mas apenas com aquele que pode acabar porque está morto. Para quando esse retorno se der não voltarmos ao princípio.

C.P. — Portanto, o Norberto Barroca tem já projectos para o seu regresso?

N.B. — Tenho, e projectos um bocado insólitos, ou pelo menos, pouco vulgares. Estudando a situação do teatro em Portugal, como lhe disse, com alguns colegas chegamos à conclusão que, para não aderirmos ao sistema, para não nos integrarmos nele temos que fazer qualquer coisa de marginal e de diferente.

Porque só há duas opções: aderir ou não aderir. Não aderir pode equivaler a desistir ou então operar activamente porque só conversa não resolve nada. Nem que seja errar, nem que seja fazer asneiras para aprender. Há meia dúzia de pessoas — uma dúzia, talvez — que estão interessadas em sacrificar muita coisa para entrar num jogo destes. Várias delas vão já começar a trabalhar e eu integrar-me-ei no regresso de Lourenço Marques. O insólito das nossas opções reside no espaço que tencionamos ocupar. Esta é que é a grande novidade. Vou comprar um circo. Estou já em negociações que estão já pràticamente concluídas. E é num circo que vamos trabalhar.

C.P. — O que tem desde logo a vantagem da facilidade de deslocação.

N.B. — Claro. Esperamos conseguir um terreno para instalar o circo onde ficaremos por uma temporada mais ou menos larga. Depois, pegaremos na barraquinha e iremos para outro lado. E, além disso, o circo permite-nos um espaço polivalente: teatro de arena; teatro sem palco. Com material desmontável as coisas tornam-se muito mais simples. Vamos a ver se conseguiremos com esta solução — diferente, pelo menos — resolver o problema, de outra forma insuperável, de espaço para representar. Trata-se, aliás, de uma velha ideia minha. Parece que agora surge a altura de a realizar. Queremos fazer uma sociedade artística, sem empresário, com todos a trabalhar em conjunto na preparação dos espectáculos. Suponho que o primeiro espectáculo será feito sobre um texto feito por nós a partir de um tema da actualidade.

Quando voltar, daqui a seis meses, começaremos a trabalhar nesse sentido para daqui a um ano apresentarmos alguma coisa.

C.P. — Com tudo isto, quase não falamos do teatro em Portugal. Estivemos a falar de um teatro paralelo.

N.B. — Há um ano e tal que não vejo teatro em Portugal, embora calcule que esteja na mesma. Vi o espectáculo do Avilez — **«Ivone, Princesa de Borgonha»** — que me parece um caminho a seguir. Creio tratar-se do espectáculo com características mais experimentais feito pelo TEC. Vi **«A Cozinha»** que me pareceu uma peça boa com uma encenação correcta mas uma interpretação deficiente. Sei, além disso, que os amadores estão a fazer coisas com interesse.

C.P. — Se V. tivesse uma solução na manga para o teatro português qual seria?

N.B. — A primeira coisa seria acabar com tudo o que existe. Acabar temporàriamente com o nosso teatro. Para depois começar em bases completamente diferentes das que agora existem e que se vão arrastando e piorando cada vez mais. Acabar com tudo e começar por estruturar um programa de trabalho desde a escola até aos actores, encenadores, empresários, público, críticos. Começar do princípio sem contemplações. Mas teríamos as pessoas necessárias para isso? Não me parece porque aqui as pessoas mesmo muito bem intencionadas acabam por se integrar no sistema. Mais uma razão para formar os grupos marginais de que lhe falei. Para ver se nos podíamos salvar, se seria possível salvar alguma coisa. Mas não se trata de salvar o teatro, claro, porque não seremos nós quem poderá fazê-lo, mas ao menos salvar-nos a nós próprios. Escapar a esta onda.

(entrevista recolhida em fita magnética)

«Os noivos ou conferência dramática sobre o Lobolo»

UM NOVO MÉTODO PARA AJUDAR A EMAGRECER

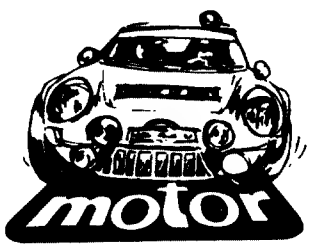
Londres: Um produto salino produzido por um laboratório inglês tem dado boas provas no sentido de atenuar as dores reumáticas por um lado, e no de ajudar os processos de emagrecimento através de doses moderadas, por outro.

Os técnicos que, no laboratório, investigam em pormenor a eficiência deste produto, declaram que os resultados da sua aplicação, coordenada com uma dieta especial, são notórios.

Os efeitos não se caracterizam apenas no aspecto de emagrecimento, mas também num nítido aumento de bem estar e de agilidade.

Este produto encontra-se no nosso mercado sob o nome de SAIS KRUCHEN.

3K
MOBILIÁRIO ESCRITÓRIO
R DO CONDE REDONDO, 21 T. 49907



INQUÉRITO

A nova crítica em ques

AS RESPOSTAS DE JÚLIO CONRADO

JOSÉ SASPORTES
agon
prosas e poemas
agon
prosas et poèmes
agon
prose and poetry

Existe uma nova crítica literária em Portugal. Existe também a Nova Crítica, que é outra coisa. Qualquer observador imparcial, habituado à leitura dos suplementos literários dos jornais, regista a acessibilidade de certos textos críticos e o hermetismo de outros. Ao dado científico da Nova Crítica responde a nova crítica com o continuismo da divulgação. Noutro contexto, a dicotomia crítica universitária crítica imediata põe-se hoje em todo o caso ao leitor com a acuidade de ontem.

2

Não distingo uma profunda irredutibilidade entre os modelos da crítica literária do passado e os do presente. O que acho é que não há mais lugar para sistemas circulares e que um dos meridianos por que há-de passar a literatura do nosso tempo será o da integração dos valores outrora presas de sistemas incomunicantes entre si. Quero dizer: uma certa crítica literária não se ancilosaria numa cópia amaneirada dos métodos e processos de um sistema anterior, mas procuraria quebrar o antigo isolacionismo judicativo com uma nova mobilidade intelectual.

3

A crítica, seu livre exercício, sua longevidade, sua acção esclarecedora constante, tal como a produção novelística ou poética, mas em grau bastante mais elevado do que estas, aparece sempre fortemente condicionada pela realidade social. Uma obra de ficção pode aguardar durante anos o momento propício para cair nos escaparates; uma crítica de jornal seria irremediàvelmente sacudida para a vala comum se dessincronizada com a circunstância que a motivou. O seu grande problema (da crítica) consiste, todavia, na falta de instruções. Existem em que assegurem uma perfeita gestão do trabalho intelectual? Toda a gente sabe que não. O artista, o estudioso, o investigador, ou o simples comentador da coisa literária, rotulados empìricamente num meio hostil de excêntricos indisciplinados ou de elementos nocivos à sociedade organizada, acabam por se adaptar a estímulos marginais que entretanto lhe garantem a subsistência e até, nalguns casos, um bem-estar relativo a troco da demissão gradativa que uma convizinhança de valores antinómicos lhe vai impondo. Não resisto a invocar aqui a risonha contradição dos intelectuais da esquerda que ganham a vida nas agências de publicidade, não porque não haja contradições mais gritantes no mesmo circuito de interesses, mas porque um instrumental idêntico alimenta simultâneamente uma lógica de mercado, nervo motor do optimismo neocapitalista, e um empenhamento perseverante de sinal contrário, nos campos da literatura, da filosofia, da poesia e do ensaio. A meu ver, isto é trágico e é principalmente uma decorrência da falta de instituições, que não só apoiariam, se existissem, o labor intelectual como actividade reprodutora e lucrativa para o país, mas também a criação e manutenção dos intercomunicadores - necessários às trocas culturais no mais amplo sentido e, por último, a profissionalização que o crítico ou o escritor portugueses de uma maneira geral não conhecem. Ora, não havendo instituições, revistas especializadas, intercâmbio de obras e de pessoas a nível nacional e internacional, a crítica tende a manifestar-se em vários planos na imprensa diária,.

Quando me falam de **Ruptura**, fico logo de pé atrás. **Ruptura provocada pelo condicionalismo socio-económico** em que a crítica se eserce ou ruptura com paradigmas teóricas que devam considerar-se ultrapassados?

No nosso caso, considero a primeira mais frequente do que a segunda nas mudanças bruscas de direcção da crítica literária. Culturalmente, Portugal, colónia da Europa, marca passo na retaguarda. As coisas acontecem sempre cá depois de terem acontecido lá. Quem se lembra de enveredar por um caminho «diferente» nunca corre um risco. Outros o correram antes. O pior é que a **descoberta** traz consigo a intolerância que o registo da patente e o instinto de propriedade anormalmente desenvolvido suportam. Só assim se pode entender que um novelista da craveira de Artur Portela Filho possa beneficiar da aura incomparável de haver introduzido o novo-romance em Portugal. Que Portela tenha procurado imitar Butor e Phillipe Sollers, e que o tenha feito mal, é perfeitamente tolerável. Que Portela tenha teorizado, com a arrogância com que o fez, as capacidades de uma «escola» que até na origem se volatizou rápidamente, sabendo-se que as bases importadas não correspondiam a qualquer tendência muito pronunciada da ficção portuguesa, é que já é de lamentar. E a prova é que Margarido desapareceu e Portela acabou em contador de anedotas. O novo-romance teve e tem na nossa literatura um papel subsidiário, nunca uma importância condicionante. Pessoalmente, considero que não houve um ponto de ruptura espontâneo no curso de uma evolução normal, mas alterações de rumo provocadas por actos concertados de pirataria intelectual. Em relação ao neo-realismo, por exemplo, poderá argumentar-se que se produziu entre nós um rastreio teórico que abrangesse a totalidade das implicações que a inerente estrutura filosófica comporta? A própria designação de neo-realismo é um eufemismo que quis dizer a certa altura realismo socialista. Um escritor meu amigo, aliás bastante talentoso e injustamente esquecido, dizia-me há tempos que «não faltaram neo-realistas enquanto o neo-realismo deu dinheiro». Trata-se, creio eu, de um exagero; com ele pretendia aquele meu amigo justificar talvez a «deserção» e o «emburguesamento» de escritores de quem (a fazer fé no que escreveram nos seus mais ou menos verdes anos ideológicos) se diria não ser possível um tal incongruente desvio. Inclino-me pouco para a condenação sumária dos «hábitos de emburguesamento» **recentemente** contraídos por escritores neo-realistas, no que me oponho, por exemplo, a Marmelo e Silva, embora me encontre hoje melhor situado do que antes para compreender a sua posição. O procurar ver claro, desapaixonadamente e com absoluta - independência, tem-me valido a acusação de andar a fazer do neo-realismo aquilo que ele não é. Trata-se precisamente do contrário. Tenho procurado ver no neo-realismo, isso sim, aquilo que ele de facto é, em 1971, neste país. Julgo que a ambiguidade neo-realista, isto é, a impossibilidade de se pôr o preto no branco não só na literatura mas também na vida, a par da inexistência de um proletariado caracterizado como tal (repito Gaspar Simões, mas não tem qualquer importância) o qual em princípio teria de prolongar em acção objectiva a acção teórica, fez com que certos núcleos de intelectuais não vissem um inconveniente por aí além em se solidarizar com o prumo socialista, intelectuais que não provinham, como seria de esperar, das fábricas ou dos campos, mas das camadas de dissidentes burgueses e pequeno-burgueses - formadas nas universidades. Houve um inequívoco movimento de concentração colectiva por parte da **intelligentzia** progressista e liberal ao cerco cada vez mais apertado do conservantismo ortodoxo. Essa atitude paralela numa frente comum, destinada a ocorrer a situações anormais e passageiras, converteu-se, com a indissolubilidade destas situações, num esforço demorado que nem todos aguentaram. O cansaço da luta desigual suportaram-no os autênticos realistas socialistas até ao fim: Redol, Castro Soromenho, Soeiro Pereira Gomes e poucos mais. Poderá dizer-se outro tanto de Fernando Namora, Mário Braga, José Gomes Ferreira, Fafe, Rogério Fernandes, Mário Dionísio, Cochofel, Eduardo Prado Coelho, José Cardoso Pires, Alexandre Pinheiro Torres, entre outros, mau grado o **prestígio** que a muitos deles uma impertinente teorização dogmática proporcionou? O facto é que nunca estes escritores se aburguesaram: já nasceram burgueses e pequeno-burgueses e burgueses e pequeno-burgueses (nos hábitos) continuaram, do que concluo não ter havido aqui pròpriamente uma ruptura e sim um amplo ajustamento colectivo de que um dado perfil histórico exigiu a certa altura coesão ideológica sem reservas. Com esta caução circunstancial, no entanto, os escritores e críticos de proveniência burguesa engajados (admita-se, pois, que transitòriamente) no realismo socialista, voltados então para as mais candentes realidades do seu país, enriqueceram a literatura com perspectivas humanas de extraordinária amplitude que vieram aperfeiçoar o conhecimento que o leitor comum tinha dessas mesmas realidades. Com o eclipse voluntário de Oscar Lopes, o passamento de Mário Sacramento, o exílio doirado de Alexandre Pinheiro Torres, a «mudança» de Mário Dionísio, críticos com enorme influência no nosso tempo literário, alguma coisa de diferente teria de acontecer na crítica e na ficção portuguesas. E curioso notar que com essa interrupção de um labor crítico que sustento não ter chegado às últimas consequências, dadas as condições anómalas de censura que invariàvelmente o debilitavam quando ensaiava projectar-se para fora do recinto das siglas permitidas, e talvez com um pequeno «alívio» na crispação ideológica, provocado por certas alterações, embora pouco sensíveis, no xadrez político, coincidiu a ascensão daquilo a que eu chamo uma novelística umbilical, cujo expoente mais em evidência é a dupla Tereza Horta-Palma Ferreira, e um novo grupo realista que inclui os nomes de Álvaro Guerra, Nuno Bragança, António Augusto Sales, César Pratas, António Cabral, António Augusto Menano, e mais alguns. Definem-se, assim, hoje, no campo da arte da escrita, duas novas (?) categorias estéticas que reforçam invariantes essenciais da literatura: a prospecção obsidiante dos subterrâneos da personalidade, lado metafísico da vida, a sondagem niilista, o instinto, o sonho, o monólogo, duma parte; a equação das tensões sociais, o homem réu e juiz dos outros homens, a realidade observada e comentada a partir de premissas objectivas, da outra. No campo da crítica vamos encontrar tres «respostas» para estas duas tendências predominantes da actividade criadora: a opção estruturalista, a crítica do gosto, da dedução e do instinto, e uma terceira via, mais terra a terra, mais tu cá tu lá com o leitor, de tipo racionalista, que visa estabelecer uma relação teórica entre as várias dissonâncias do alargamento que o conceito de realismo ganhou e cuja síntese integradora Alberto Ferreira notàvelmente elaborou no prefácio que escreveu para a 2.ª edição de **O Reino Circular**, de Mário Braga.

Continuação da página sete

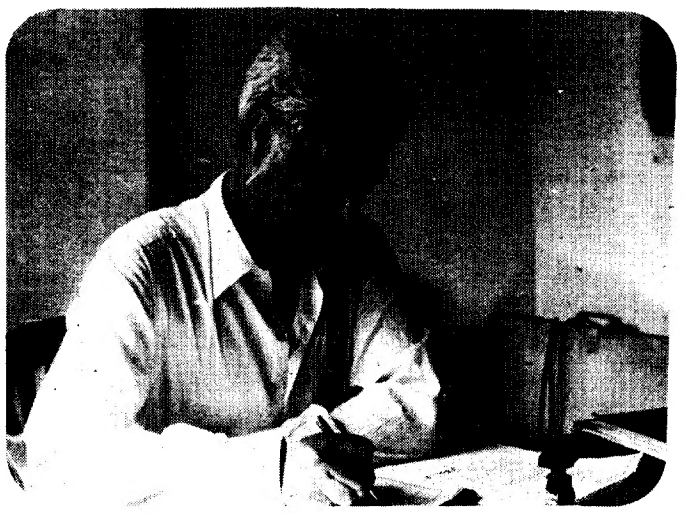
VEJA OS 5 novos modelos
DAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
CASTOR

MODELO • L618
USE skip
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!
Características comuns a todos os 5 modelos:
2 ciclos biológicos — economizador automático
• Ciclo «lã virgem»
• simplicidade de comandos
• superautomatismo absoluto
• máquinas silenciosas, sólidas e seguras.
A Venda nos Agentes Oficiais.
PUBLIARTE
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA. • LISBOA • PORTO

stão

AS RESPOSTAS DE ARMANDO VENTURA FERREIRA

1 - Penso que não existe uma autêntica «Nova Crítica Literária» em Portugal. Eu, pelo menos, ainda não me apercebi dela. Ressalvo: por agora não há, mas parece que há vontade de a criar. Com base numa nova literatura, cujos alicerces ainda não são visíveis? Talvez. Depois do impacto do neo-realismo que foi realmente um movimento literário estruturado, mas que se academizou, como todos os movimentos literários, embora reclamando-se, e talvez por isso, de outros objectivos consequentes, não vejo realmente, que uma nova literatura esteja já formada entre nós. O impacto do neo-realismo, movimento com personalidade, independente dos juízos de valor que sobre ele possamos arquitectar, e depois a sua evolução académica, produziu como que um vazio. E viu-se imediatamente a seguir, uma proliferação de formalismos, os mais diversos, na literatura. E também se viu, em determinada altura, o aparecimento de uma crítica que se pretendia «científica», estimável, nas intenções, mas que resultava formalista, muito Faculdade de Letras, embora alguns dos seus componentes não tivessem frequentado tal Faculdade. Aplicada ao actual, à complexidade do actual, como não podia esta crítica, embora bem intencionada, bem alicerçada, cair no vazio? E caiu. Parece que se intenta ressuscitar este género de crítica e que essa seria a «nova crítica». Se é assim, para já falta de originalidade, pelo menos.



2 - Se penso que não há uma «NOVA CRÍTICA LITERÁRIA» em Portugal, e longe de mim considerar nova crítica certos aproveitamentos publicitários que se têm feito de certos movimentos poéticos, não poderia indicar distinções entre os métodos e processos anteriores. Penso, porém, que no labirinto da literatura actual, algo se destacará, e que uma nova literatura trará uma nova crítica, se é que a «nova crítica», ainda não visível, não anuncia já essa nova literatura.

3 - Ponto de ruptura o que é? Um esgotamento de «stock» um cabo que se rompe, algo que deixa de cumprir a sua missão? Caberia aqui um esboço de história da crítica literária em Portugal. Mas não há tempo para isso. Direi sómente que as formas de crítica actuais, ou os críticos que as personalizam, terão de ceder o passo aos novos críticos, que ainda não sabemos quem são e então será uma nova literatura que teremos em frente. E adeus santas encomendas dos críticos antigos e dos críticos-modernos-antigos e dos críticos «científicos». Virão os críticos livres, os que se estarão nas tintas para os condicionalismos do passado e para as velocidades extremas de certos críticos modernos, que só o são, aliás, porque isso lhes convêm às obras literárias que produzem e que tentam defender.

4 - Conflitos de gerações houve-os sempre. Não é um falso problema a prática demonstra-o. Como não vejo que haja um problema de «velha» e «nova» crítica em Portugal, a não ser que entendamos por «nova», uma crítica que se dedica a atacar «pessoas», quando devia ocupar-se em atacar ideias, mas isso é mais difícil, porque implica uma responsabilidade social e política e aí é que a porca torce o rabo! É bom que uma «nova» certa crítica, dedicando-se ao insulto pessoal, se adorne com a defesa das «ideias tais», que a gente já conhece há longos anos! E a história é sempre a mesma! Novidades já antigas! Porque não nos apresentam novidades modernas?

5 - Como bem intencionado (e deles está o inferno cheio...) penso que a crítica nada perderia em informar-se do progresso das disciplinas científicas do nosso tempo. Até porque as obras do nosso tempo, já vêm informadas do progresso científico. Sempre disse: «cientismo» não. Mas consideração do fenómeno científico na nossa vida de todos os dias. Ainda há muita gente que lava roupa na ribeira ou no pequeno tanque familiar. Mas já há muita gente que tem máquina de lavar roupa. Porquê não considerarmos o fenómeno de lavagem da roupa nas máquinas de lavar roupa que os possibilitados compram? De resto toda a gente sabe que as lavadeiras saloias estão em crise.

6 - Criticar é uma condição humana. Ora não tivesse o homem a sua vida de relações! Criticar é procurar estar de acordo embora não o estando. Mas não pode nunca um autêntico crítico esquecer que criticar se é discutir é também admirar. Muito mais importante

Continua na pag. sete

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. **Considera que existe uma Nova Crítica Literária**
2. **Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?**
3. **Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?**
4. **Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o de arte e suas relações com o espaço em que necessáriamente se inscreve?**
5. **A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?**
6. **O que é criticar? Tem a crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?**
8. **Fale-me de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.**

Prontuário das Letras

Enfim a obra de ficção que se augurava de João Palma-Ferreira aí está, parece-nos, e também nos parece que será imperdoável não tomar já conhecimento dela. Referimo-nos concretamente a «A viagem», edição recentíssima da Arcádia.

J. Palma Ferreira

Especulou-se muito sobre Palma-Ferreira: para além das qualidades inegáveis que mostraria logo na primeira tentativa, estávamos ou não perante um autor capaz de, um dia, imprimir significativamente o seu dedo na literatura portuguesa desta segunda metade do século? Cremos que «A viagem» responde a tal interrogação. Dando em corpo inteiro o retrato de um português «situado» (e a espaços sitiado), Palma-Ferreira fá-lo com o impulso de quem pretende de facto encaminhar a novelística para rumos pouco ou nada explorados entre nós. A sugestão de Joyce é visível (mas sempre se hão-de procurar sugestões, claro, nas obras violentamente novas). Resumo breve: um livro escrito com paixão, um livro para ler com atenção. Merece-o como poucos ùltimamente.

SASPORTES TRILINGUE

Antigo redactor do nosso jornal, dramaturgo e estudioso dança, José Sasportes acaba de publicar na Livraria Portugal um volume trilingue (em português, francês e inglês): «agon», subintitulado «Prosas e Poemas» (ou «Proses et Poémes», ou ainda «Prose and Poetry»).

Para usar um (talvez) anglicismo, diríamos que o livro é «estimulante», na medida em que obriga o leitor a um contínuo reajustamento dos pólos de interesse. Trata-se de uma antologia pessoal. Ou de um caderno de trabalho. E porque não de um testemunho de alguém que, vivendo longos anos no estrangeiro, se apropriou de outras línguas e não pode momento passar saem elas? «**Agon**», enfim, é o produto de uma informação cultural que nos nossos parâmetros chega a parecer monstruosa (sem pejorativo). Fazem bem estas sacudidelas.

RICCIARDI SOCIÓLOGO

Com a chancela das Publicações Europa-América e um título homónimo do da obra de Robert Escarpit, apareceu nos escaparates a **«Sociologia da Literatura»** de Giovanni Ricciardi, jovem estudioso italiano de 34 anos com larga estadia no Brasil.

Neste momento assistente de Sociologia na Universidade de Roma, Ricciardi serve-se de uma bibliografia actualizadíssima (sobretudo italiana ou traduzida em italiano) para nos fornecer um quadro inteligente da actividade de pesquisa que as Ciências Sociais vêm exercendo sobre os fenómenos literários. De muito interesse o cap. III, «Perspectivas operacionais».

STRAVINSKY ENSAÍSTA

Na colecção Diálogo das Publicações D. Quixote surgiu «Poética da Música», de Igor Stravinsky, recolha de um curso que o compositor deu numa universidade norte-americana. Surpresa para o leigo: a profundidade a que se move Stravinsky na sua meditação. Nem só os melómanos aproveitarão dela.

LODS SOBRE ISRAEL

A Editorial Início acrescentou mais um título à «Biblioteca Evolução da Humanidade», série importante que está a publicar em ligação com as Editions Albin Michel. De Adolphe Lods temos o I vol. (mais dois se seguirão oportunamente) de **«Israel das origens até meados do século VIII A.C.»**, estudo histórico de um povo entre o primitivo nomadismo e a altura em que passa à vida sedentária e começa a operar a fusão dos elementos que darão o seu tónus nos séculos seguintes.

Stravinsky

São as origens do Cristianismo que estão em foco. Aliás, a Início anuncia na mesma série, além do II e III vols. da obra de Lods, dois outros estudos (**«Jesus»** e **«O Cristo»**), ambos de Charles Guignebert) que bem poderão servir para o conhecimento aprofundado de uma área cultural do maior interesse para nós.

UNIVERSIDADE MODERNA

Dois novos títulos na colecção universidade moderna, da D. Quixote: **«Do Feudalismo ao Capitalismo»** e **«Caminhos para a Europa»**.

No primeiro, cinco autores (Paul M. Sweezy, H.K. Takahashi, Maurice Dobb, Rodney Hilton e Christopher Hilton) debatem em mesa-redonda os problemas da passagem do declinante feudalismo para o modo de produção capitalista, fenómeno longe de estar terminado em vários pontos do globo. A este respeito Sweezy e Dobb trazem talvez, secundados por Takahashi, as análises mais férteis.

No segundo, do sueco Erik Seidenfaden, faz-se o ponto à ideia da Europa, de que um dos primeiros Encontros Internacionais de Genebra se ocupou, logo nos anos 40, com singular argúcia por parte de muitos outros jornais (não só escandinavo), jornalista também em tempo inteiro, Seidenfaden tenta principalmente deduzir a evolução próxima da integração (ou não) europeia. Uma abertura, pois, para estes anos 70 que afinal já começaram.

«PULMÃO»

No **«Jornal de Almada»**, um suplemento a ter em conta: **«Pulmão»**. Quantos outros órgãos da Imprensa regional se resignam tristemente a meter na gaveta os seus projectos de intervenção cultural, o semanário da Margem Sul arranca com um certo «punch» e chama desde já a nossa atenção macrocéfala lisboeta para o que está a fazer.

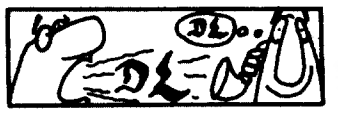
Quatro páginas apenas, mas repletas de colaboração (J.M. Azevedo Cortês, Luis Moniz Pereira, Vitor Oliveira Jorge, Fernando Jorge Pina, João do Amaral Frazão, Bandeiras Pinheiro, Henrique Nogueira-Vieira, Isabel Henriques, Marcos Abreu, Rosa Leonor Pedro, António Augusto Fernandes, João Jerónimo, Maria-Luísa, Olga Maria Montenegro). Nos dois números que possuimos, alguns coloquiantes. Colaborador do «Dagens Nyheder» e de mini-antologias de António Maria Lisboa e Luiza Neto Jorge, esta representada com algumas notas polémicas como «ao que dizem é possível vê-la por brasileira e montecarlos (aliás sítios pouco recomendáveis oh Luiza cuida-te!)».

A FEIRA DE FRANKFURT

Terminou na passada terça-feira, depois de seis dias de comércio e intercâmbio de todo o género, a XXIII Feira Internacional do Livro de Frankfurt, Alemanha Federal. Mais de 3 500 editores de 58 países expuseram à curiosidade de geral cerca de 420 mil títulos. Notou-se, entretanto, um aumento de interesse por parte dos países do Terceiro Mundo, que levou o Afganistão e a Etiópia a aparecerem pela primeira vez no certame.

O Prémio de Paz de 1971 foi entregue no decorrer da feira à condessa Marion Donhoff, chefe de redacção de «Die Zeit», de Hamburgo, pelo seu livro **«Namen die Keiner mehr Kennt»** («Nomes que já ninguém conhece»).

Continua na pág. 7



Alguns apontamentos sobre a nova temporada teatral

Continuação da pág 1

O caso da segunda cidade portuguesa revela, diríamos que à evidência, até que ponto o teatro é alheio ao evoluir da vida portuguesa.

Se excluirmos o T. E. P. que, apesar de tudo tem o caracter dum clube quase imposto por uma minoria contestária - criar e manter um teatro no Porto é um acto de contestação - não existe nessa cidade um único teatro permanentemente aberto ao público, o que é sintomático , se atendermos a que há na Europa inúmeras cidades demogràficamente equiparáveis ao Porto, que têm uma vida teatral activa e pujante.

Não se pode dizer, por outro lado, que as tournées levadas a cabo pelas companhias teatrais de Lisboa supram as deficiências apontadas e, aqui, devemos dizer que hesitamos em classificar de deficiente esta falta de vida teatral na província: dado que ela traduz com a maior precisão, a realidade nacional, não seremos mais rigorosos classificando-a de eficiente, isto é, de perfeitamente adaptada ao País?

E que se a relação social teatro fosse necessária, o sistema das tournées poderia resolver muitos dos problemas portugueses.

OS «CIRCUITS» INGLESES DOS MEADOS DO SÉCULO.

O mecanismo dos «Circuits» ingleses dos meados do século XIX e do início deste século, por exemplo, destinava-se, precisamente, a satisfazer as necessidades das cidades que, por motivos demográficos, não podiam custear um teatro permanente. Estas cidades, integradas em «Circuits» fixos, eram visitadas regularmente ou por companhias especializadas ou por companhias Londrinas que todos os anos percorriam estes «Circuits» duma ponta à outra representando peças dos seus reportórios. Permitiu este sistema, durante muitos anos, que as cidades inglesas de menor dimensão demográfica tivessem as suas «épocas teatrais» exactamente nos mesmos termos em que as tinham os grandes aglomerados populacionais e, sobretudo, que as suas populações se não sentissem excluídas da vida cultural e artística do país e condenadas, nesse plano, a uma subsistência quase, senão integralmente, vegetativa.

Se acrescentarmos que os reportórios das companhias acima referidas eram constituídas tanto por peças da dramaturgia clássica como pelas últimas novidades da dramaturgia moderna inglesa, compreendemos a cultura teatral do inglês médio e a importância do papel desempenhado pelo teatro na vida inglesa.

Vejamos, agora, se as nossas tournées resolvem da mesma forma o problema das nossas cidades desprovidas de teatros.

Antes de mais, é preciso compreender que há, entre as companhias que faziam os «Circuitos» ingleses e as que por cá andam em tournée, uma diferença importantíssima: as primeiras percorriam os seus circuitos regularmente, segundo olanos estabelecidos a meio do ano e conhecidos de todos os teatros desses «Circuits». Dentro de cada circuito, as companhias seguiam-se umas atrás das outras forma a garantirem a continuidade de teatro nas cidades que percorriam, proporcionando-lhes espectáculos duas ou três vezes por semana e um contacto permanente com diferentes técnicas de representação e de encenação.

As nossas tournées, ao contrário destas, têm um caracter esporádico e eventual - destinam-se, não a «servir» teatralmente certas cidades da província mas a explorar, nestas cidades, peças que tenho obtido êxito, acabaram as suas carreiras em Lisboa.

Não se organizam entre nós, por outras palavras, tournées coordenadas de forma a que várias companhias garantam espectáculos regulares às cidades a que nos vimos referindo.

Lá, teatro - cá, negociozito de ocasião...

Que este comentário, porém, não seja mal entendido: o mecanismo dos «Circuits» não proveio duma iniciativa estadual e as companhias nele integradas, desprovidas de subsídios, actuaram sempre em regime de «exploração comercial».

O que acontece é que, por os «Circuts» ingleses satisfazerem uma necessidade social, essa «exploração comercial» adquiriu o caracter dum serviço renumerado, ao contrário do que se passa com as nossas tounées, organizadas sem a menor intenção que não seja a de ganhar dinheiro, explorando «êxitos de bilheteira».

Pondo de parte o aspecto administrativo das nossas tournées temos ainda de considerar a natureza dos espectáculos que elas levam à província, independentemente da sua qualidade artesenal que não tem, evidentemente, a importância que alguns lhe querem atribuir numa tentativa irrisória de reduzirem o problema do teatro português a uma questão de ordem técnica exclusivamente teatral.

Dissemos, ainda, que os reportórios das companhias dos «Circuits» ingleses eram constituídos tantos por peças clássicas como pelas últimas «novidades» da dramaturgia inglesa e dissemos, também, que a constituição desses reportórios estava intimamente relacionada com a cultura teatral do inglês médio e com a importância do papel desempenhado pelo teatro na vida inglesa.

Julgamos que talvez seja necessário esclarecer essa afirmação porque, provindo tantas das nossas actividades de impulsos do poder central e não do evoluir natural das estruturas sociais, alguns leitores poderão pensar que se deve atribuir o papel desempenhado pelo teatro na vida inglesa a uma cultura artificialmente imposta pelos «repportory theatres» quando, na realidade, esses reportórios foram a consequência e não a causa, dessa cultura e desse papel.

Exploradas, como dissemos, em regime comercial, os reportórios ingleses correspondiam às exigências de plateias geradas por um evoluir social diferente daquele que, em Portugal, provocou a estagnação cultural das cidades da província.

As nossas tournées, já o dissemos, têm por único objectivo explorar comercialmente êxitos de bilheteira e mesmo quando certas companhias mais responsáveis se deslocam à província, não estamos perante reportórios mas apenas perante a exploração de peças mais ou menos subsididadas pelo seu valor «cultural» - o tal valor cultural que apelaria para um povo de tradições teatrais mas que até pode afastar um outro, adormecido para a vida e, portanto, para a cultura.

De qualquer forma, ressalvando estas excepções, esporádicas e, por isso mesmo inúteis para a «relação social teatro», a realidade portuguesa em matéria de tournées, gira em termos de exploração de peças que, tendo obtido êxito de bilheteira, terminaram a sua carreira em Lisboa.

O que vai à província são os «visons voadores», as comédias do Morgadio e, dum modo geral, tudo o que pode contribuir para que se mantenha o panotama que vimos descrevendo e como nada se faz para contrapor à inércia cultural da província um catalizador capaz de acelerar o seu processo de consciencialização, tudo leva a crer que a nova época teatral se vai caracterizar pela continuação dum estado de coisas que o teatro reflecte, mas de que não é culpado.

Ao falar de teatro português, por outras palavras, vamos continuar a falar de Lisboa e só de Lisboa porque, fora de Lisboa há, de quando em quando espectáculos mas não há teatro.

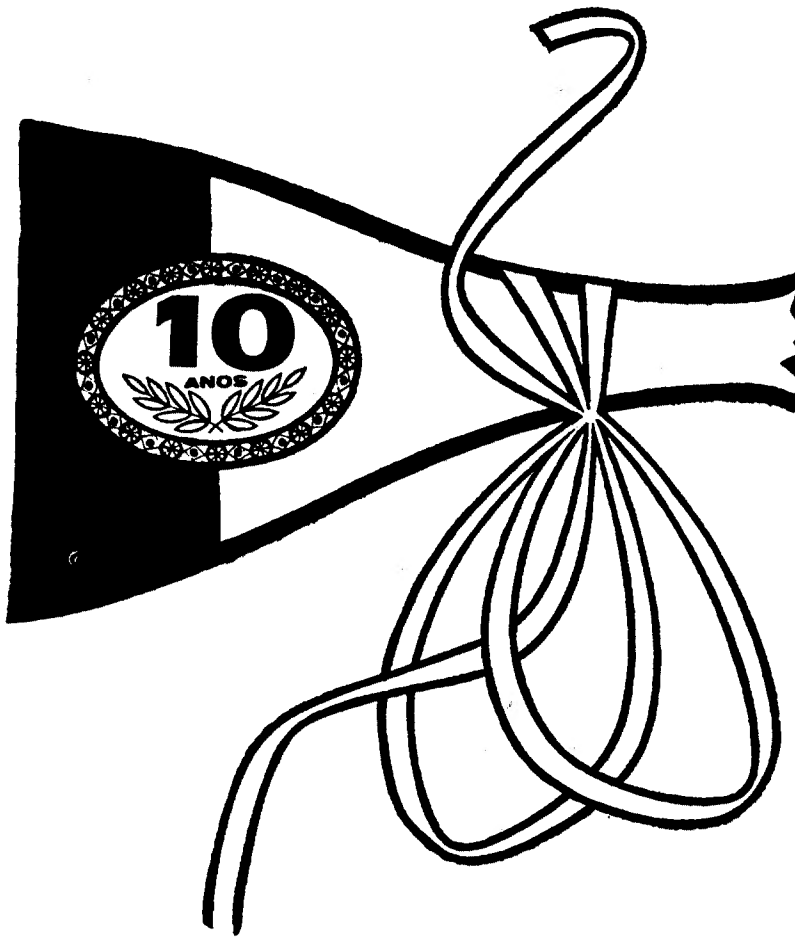
Gostariamos de terminar estes primeiros apontamentos sobre a próxima época teatral com uma nota de optimismo, mas a verdade é que o panorama acima descrito - e ninguém poderá negar que ele não corresponde a realidade - não é de molde a permitir-nos encarar o futuro imediato da «relação social teatro» senão com o pessimismo próprio de quem não acredita que se possa modificar estruturas de um ano para o outro.

Isto, sobretudo, quando anda tanta gente empenhada em melhorar a aprendizagem dos actores, em mandar cenógrafos ao estrangeiro, em importar técnicos de expressões mais ou menos corporais em conceder prémios de interpretação e em impor técnicas de representação, ocultando desta e de outras formas a realidade portuguesa sob o «manto diáfano da fantasia» com que os tolos sempre se enganaram - e continuarão a enganar - uns aos outros.

Luís de Sttau Monteiro

PARABÉNS !

Pelo aniversário do primeiro supermercado de Portugal - O pioneiro do livre-serviço!



SUPERMERCADO DO
SALDANHA

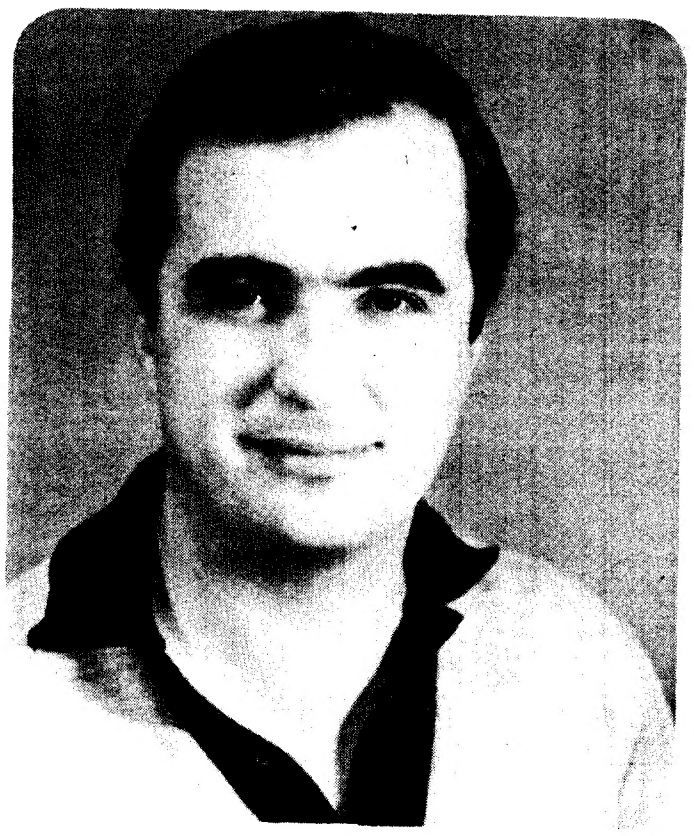
PARABÉNS TAMBÉM ÀS DONAS-DE-CASA DO SALDANHA, DAS AVENIDAS NOVAS E DE TODA A LISBOA!
AS SUAS BOAS COMPRAS, OS ARTIGOS RIGOROSAMENTE SELECCIONADOS, «PASSAM» PELA EFICIÊNCIA DAS NOSSAS MAIS MODERNAS REGISTADORAS:
ISSO É MAIS UMA GARANTIA DO BOM SERVIÇO DO «SUPERMERCADO DO SALDANHA» A JUNTAR À ALTA QUALIDADE E À HIGIENE DE TUDO QUE LEVAM PARA OS SEUS LARES:

NCR THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY OF PORTUGAL, S. A. R. L.
LISBOA·PORTO·COIMBRA·FARO·LUANDA·BENGUELA·NOVA LISBOA·SÃ DA BANDEIRA·LOBITO

A NOVA CRÍTICA EM QUESTÃO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. CENTRAL

AS RESPOSTAS DE JÚLIO CONRADO



4

Retomo a distinção que fiz na resposta à primeira pergunta: nova crítica e Nova Crítica. Apenas dois nomes me parecem capazes de reivindicar um justo pioneirismo quanto ao rasgar de perspectivas, discutíveis, sem dúvida, mas perfeitamente coerentes com a necessidade de erguer uma metodologia crítica de outro tipo: Eduardo Prado Coelho e Fernando Luso Soares. A Nova Crítica, através da acção nem sempre contínua dos seus principais teorizadores, opõe-se à chamada crítica tradicional e intervém no processo cultural português utilizando meios legais de luta, isto é, não prescindindo jamais da utensilagem intelectual a favor da laracha demagógica. É que andam prá'i uns articulistas rançosos armados em polícias da gramática, partidários do «olho por olho, dente por dente», do «à volta cá te espero», que não fazem outra coisa senão atranvacar o acesso do leitor ao livro. Depois temos a nova crítica, ou seja, a crítica cronológicamente nova, que, quanto a mim, não distancia substancialmente o passado do presente, não abre qualquer fosso intransponível, não vinca dicotomias irreparáveis. Tomando por modelos um texto de Gaspar Simões (crítico **velho**) e outro de Miranda Rocha (crítico **novo**) verifico que são mínimas as diferenças entre eles. Serafim Ferreira, a cujas qualidades de ficcionista talentoso presto as minhas homenagens, mas que nunca me conseguiu convencer como crítico, é um **novo**. Ora pergunto eu se entre a crítica **velha** do **novo** Serafim Ferreira e a crítica de Simões existirá um abismo. Pois não é verdade que Serafim Ferreira recorre com frequência a expressões como «um estilo pouco atraente» para justificar o seu juízo valorativo sobre um livro, expressões que topamos quotidianamente no breviário crítico de Simões? Acaso haverá alguma razão legítima para considerar **nova** a crítica de João Palma Ferreira, tratando-se, para mais, de um crítico **velho** (lembro-me das antigas e sempre gulosamente devoradas crónicas do **Diário Popular**) quando ela se radica na intuição, no gosto, numa espécie de percepção irracional do acto literário, anticientífica e antidialéctica? Passando por alto essa aberração esquemática de **velho** e do **novo** — é caso para perguntar: nova crítica ou racismo de idades? — torna-se patente que, envoltas talvez em roupagens diferentes, a crítica imediata, que se faz ao nível da divulgação jornalística, e a crítica universitária, que se desenvolve à escala de investigação, continuam a pautar os modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que se inscreve.

5

A Linguística, a possibilidade de melhor entender a construção de um texto; a Sociologia, a de o explicar.

6 7 8

Não sou nem aspiro a ser um Crítico Literário. Sou um comentador de literatura que a partir de uma primeira leitura emite um juizo imediato de valor. A minha actividade mais divulgada insere-se exclusivamente num contexto jornalístico. Deixo da melhor vontade aos **mestres** o salvo-conduto para o tal **ghetto** dos cientistas que pessoas deficientemente informadas, algo ingénuas ou negligentemente desprevenidas houvessem por justo atribuir-me. Partamos, pois, do princípio, de que o trabalho jornalístico me interessa e de que o ensaísmo crítico poderá ou não vir a interessar-me mais tarde, embora de momento considere incompatíveis a análise em profundidade e a recensão ou comentário ao nível da crítica semanal consumível. Tenho trabalhado duramente em prol da divulgação da literatura, o que me tem valido algumas parelhas de coices intelectuais. Não diferem muito dos outros, os que levamos no dia-a-dia. Aliás, não me queixo. Registo, apenas. Constato, por exemplo, que do outro lado do bloqueio há escritores que se irritam com os juizos de valor do crítico. Crítico que não é crítico, evidentemente, porque crítica em moldes incompatíveis com o que **deverá ser**, segundo eles, uma crítica. As confusões são verdadeiramente perturbadoras. Vejamos esta: a obra de arte não se dirige aos plumitivos sabichões que escrevem umas enormidades nas colunas dos jornais, mas ao leitor anónimo. O crítico é um abusador, um intermediário inoportuno. Em primeiro lugar, nega-se ao comentador o que se concede ao público anónimo: a categoria de leitor; em segundo, nega-se-lhe a capacidade de opinar, como leitor, se uma obra é boa ou má; e por último parece esquecido que o crítico, tal como aqui o encaramos, tem cem vezes mais responsabilidades para com os seus leitores do que para com o escritor — o que quer dizer que tanto se lhe dá que o autor fique irritado como não. Tudo parece indicar que o que morde tal gente é a **discriminação**. Mas não seria preferível que tais pessoas, em vez de se irritarem com essa hipotética discriminação, fossem junto dos seus editores fiscalizar em que medida o abastecimento das obras aos críticos se processa eficazmente? O crítico não precisa das vénias dos escritores; precisa que lhe mandem os livros, para não ter de os comprar. Pela parte que me toca, sinto satisfação em poder dizer que não conheço pessoalmente a maior parte dos escritores cujas obras critiquei na **Vida Mundial**.

À pergunta «Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo da produção iniciado pela escrita?» responderei que efectivamente o processo da produção passa pela crítica mas não se completa com ela; completa-se com a aquisição do livro pelo consumidor e com a respectiva leitura por parte deste. Esquema que se vai alterando, é verdade. Hoje, os escritores irritáveis podem perfeitamente superar as bacoradas dos sabichões intrometidos com um novo salto em linha recta até ao público anónimo: certa colecção promovida socialmente pelos meios audiovisuais de comunicação de massa resolve esse problema da maneira mais cabal.

JÚLIO CONRADO

AS RESPOSTAS DE ARMANDO VENTURA FERREIRA

do que dizer mal, é dizer bem. Quando se pensa bem. O que acontece em certos críticos, do que sejam, é que ou estão envinagrados ou deformados pela vida. E toca a descansar. E mais difícil achar bem que achar mal. Defeitos todos os temos. E os críticados ainda muito mais. Vamos desancá-los? Vamos! Temos o exemplo de Camilo o mais envinagrado dos polemistas portugueses. E vamos atrás dele. Ou à frente?

A crítica tem uma função imediata? Claro que tem. Ela exerce-se, tem de exercer-se no transitório, no actual. Ainda não há muito tempo, neste jornal, críticos, no caso os de teatro, eram arguidos de muitos pecados fingindo esquecer-se o seu julgador de que alguns dos pecados da crítica são consequência mesma dessa sua função de imediatismo. A crítica é para já, não é para a posteridade, embora os vindouros possam retê-la.

7 - Claro. Quem é que não acredita? Os criadores dizem cobras e lagartos da crítica. Podem conseguir tiragens brilhantes, mas não dispensam a opinião de fulano ou beltrano que faz crítica em determinado jornal. Não será uma atitude masoquista. Mas é uma humana atitude. E é ouvi-los, inquietos: o que irá fulano dizer de mim? Que disse beltrano de mim?

A crítica completa o processo de produção inciado pela escrita. A obra é necessária à crítica e vice-versa.

8 - A prática da crítica, para mim, é uma necessidade. Sou crítico literário desde os vinte anos, embora com largos espaços vazios. Mal ou bem, sempre fui falando dos outros. Sempre pensei (ou senti), porém, que era muito mais agradável falar bem das obras que me apareciam, quando fosse caso disso. Também quando fosse o caso contrário, não me coibia. Um amigo meu, antigo, insinuava que eu era «crítico de manga larga». Ele julgava que tal apodo me deprimia. Mas enganava-se. Crítico de «manga larga» é ser crítico humano. E ser um homem que sabe nao existir perfeição e muito menos neste País. O que pretendo atingir através da crítica que faço às obras literárias do nosso tempo? Pretendo atingir o humano, através de expressão literária. E isto não é uma redundância. Não faço crítica científica, não faço crítica social. Procuro fazer crítica literária isto é, uma crítica ciente de que o esforço para produzir arte só tem os seus limites nos limites da individualidade humana.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO PESSOAL DA INTAR

•

Muda a sua Sede para a Rua Augusto Gil, n.° 42 (à Av. de Roma) com o telefone 776184, a partir de 2 de Novembro próximo.

A DIRECÇÃO

Tem 25 contos?
Tem 1.000 contos?
Tem outra quantia?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE OS NOSSOS IMÓVEIS

COMPRE APARTAMENTOS EM J. PIMENTA, SARL

INFORMAÇÕES

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 - 47843
QUELUZ — Edifício Sede — R. António Enes, 25 — Tel. 952021/2

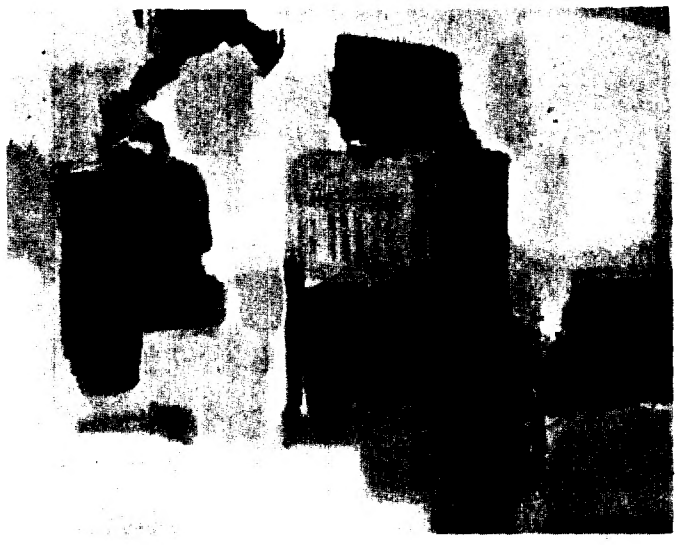
Locais de construção e venda de propriedades
CASCAIS • PAÇO DE ARCOS
REBOLEIRA • LISBOA

Artes Visuais

③ PROGRAMAS DAS GALERIAS DE HOJE

Por Rocha de Sousa

Concluímos hoje esta breve sondagem às principais galerias de Lisboa relativa aos programas prováveis para a temporada 1971/72. A perspectiva de interesses e acções assim traçada, como referimos no número anterior, mesmo tendo em conta a oscilação dos projectos de cada galeria e o valor específico da sua orientação, prepara o nosso conhecimento da realidade artística no nosso país e a vitalidade demonstrada pelos seus intérpretes no domínio das artes plásticas em anos anteriores. De facto, uma noção prévia destes dados, englobando os juizos já esboçados neste noticiário, pode ajudar-nos a uma mais correcta relacionação das intervenções futuras e preparar o sentido das nossas escolhas dentro de um campo cuja força e extensão não podem mais ser ignoradas.



CELESTINO ALVES (Pintura) - 1967

GALERIA DE ARTE MODERNA (S.N.B.A.)

Em princípio, a Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes deverá manter este ano a sua actividade de exposições, relacionando-se tanto quanto possível com o programa geral daquela instituição, ainda em estudo. A Galeria de Arte Moderna conta já com vários anos de existência e a sua criação correspondeu a um período de actividade intensa da Sociedade Nacional de Belas-Artes, pelo que chegou a propor, de início, autores bastante significativos no quadro artístico português, quase todos, de resto, ligados aos próprios corpos técnicos da Sociedade. Com o aparecimento de outras galerias e com um fenómeno a que poderemos chamar *descentralização*, verificado nas relações de natureza artística em Portugal, a Galeria de Arte Moderna teve de ser orientada para um campo prospectivo de sinal diferente, cobrindo então toda uma zona onde se movem os artistas mais jovens. A acção da Galeria, nesse aspecto, pode considerar-se meritória, embora naturalmente mais oscilante.

Este ano, a Galeria de Arte Moderna, orientando-se por forma idêntica mas sem excluir a presença de autores mais idosos, tem já marcadas algumas exposições de candidatos aprovados pelo Conselho Técnico: Celestino Alves (pintura), Renée Gagnon (pintura), Gil Teixeira-Lopes (pintura) e Dorita Castel-Branco (escultura). Falta confirmar uma exposição de Luiz Esteves (com montagens fotográficas) e foram endereçados convites a um grande número de artistas de diferentes tendências e idades, uma vez que a Galeria, até pelas características da associação em que se inscreve, não pretende comprometer-se, crítica ou didàcticamente, com um determinado tipo de orientação estética.

GALERIA QUADRANTE

A Galeria Quadrante, uma das mais comprometidas na revelação de novos autores e tendo assumido uma actividade apreciável nos primeiros anos da sua existência, pretende desta vez contrair o seu programa e, embora sem renunciar aos princípios até aqui defendidos, dar uma orientação mais original à natureza das suas exposições. Esta Galeria apenas iniciará a temporada a partir de Janeiro, propondo entretanto diferentes exposições de livros, relacionada como está com uma livraria em plena actividade.

Em 1972, a Quadrante apresentará, em princípio, uma primeira exposição individual de João Dixo. Depois de João Dixo, a Galeria pretende convidar quatro autores ditos «consagrados», cada um dos quais, por seu turno, chamará por seu encargo um artista mais novo. A exposição assim constituída, feita com oito autores (quatro de uma geração mais quatro de outra) comporta uma característica nova entre nós e parece ter por base uma experiência de contacto e de convívio que, não deixando de ser crítica, rompe irónicamente com a estratificação dos grupos e das susceptibilidades.

Mais tarde, a Galeria Quadrante pretende ainda, e um pouco dentro do mesmo espírito, realizar uma colectiva com trabalhos de todos os autores que na sua sala realizaram até agora exposições individuais.

GALERIA III

Esta Galeria, pioneira também da apresentação de autores sem curriculum firmado, uma das primeiras constituídas em Lisboa, coordena-se por uma actividade comercial das mais relevantes no plano do mercado artístico português, tendo conseguido sempre, apesar disso, manter o bom nível da sua programação. Integrada inicialmente nas instalações de uma livraria, a 111 tem vindo a aumentar o seu *background* económico e financeiro e passou a dispor de acomodação autónoma, com bom apetrechamento técnico, numa infra-estrutura bastante bem montada e uma singular promoção de vendas. É natural desta feita, que tenha logrado reunir à sua volta a atenção e o interesse de muitos artistas, dos mais reconhecidos aos mais jovens, mantendo grande facilidade de manobra e grande mobilidade de programação.

A Galeria 111 pretende inaugurar a temporada com uma exposição de Sonya Delaunay, a qual parece estar apenas dependente de certos apuramentos de ordem técnica. Só um pequeno atraso verificado a esse nível poderia eventualmente precipitar para a inauguração da temporada a segunda exposição prevista, do pintor Vasco Costa. Para além destas exposições, deve ser possível contar com uma actividade regular ao longo da temporada, com a apresentação dos seguintes autores: Vespeira (pintura), Pomar (pintura), René Bertholo (objectos), Eduardo Luís (expondo pintura simultâneamente na 111 e na Galeria Zen, do Porto), Eduardo Nery (provàvelmente pintura), Noronha da Costa (provàvelmente pintura), Vitor Fortes (com novas experiências no domínio da gravura) e Pedro Avelar (pintura).

GALERIA S. MAMEDE

A Galeria S. Mamede, dispondo de um espaço muito típico e cuidadosamente tratado, é não só uma das mais bem apetrechadas galerias de Lisboa como uma das que melhor cotação tem obtido, quer ao nível comercial, quer ao nível da sua prudente e seleccionada programação.

Para esta temporada, a S. Mamede deve iniciar a sua actividade com uma série de guachos de Carlos Carneiro. Esta recente produção do autor envolve uma problemática nova na sua obra. Tanto quanto nos foi dado saber, Carlos Carneiro «inventariou», em pinturas de cuidadoso tratamento, um vasto conjunto de «catedrais imaginadas». Depois dessa exposição,, em data não confirmada, a S. Mamede projecta realizar uma exposição de artistas representativos da tendência surrealista. A exposição só é histórica na medida do próprio testemunho que a facção implicada a tal ponto reflecte. O *documento* assim constituído não pretende ser *imparcial* ou *científico*, englobando os nomes de Cesariny, Cruzeiro Seixas, Paula Rego, Jorge Vieira, Calvet, Eurico Gonçalves, António Areal, e ainda alguns outros que poderão situar-se dentro deste grupo, *antes* ou *depois* dele.

Por altura da publicação de um livro sobre Almada, que se encontra já em fase adiantada de composição, será feita na S. Mamede uma exposição com obras desse autor, homenagem sempre possível e presença sempre bem recebida pelos coleccionadores.

Devem ainda ser cumpridas exposições de Cruzeiro Seixas (pintura) e de Carlos Calvet (pintura).

CRUZEIRO SEIXAS

CRUZEIRO SEIXAS